



Misael Nascimento

---

# ADORAÇÃO BÍBLICA

---



# Adoração bíblica

Misael Batista do Nascimento

2017

Copyright © 2017 Misael Batista do Nascimento. Permitida a reprodução de pequenos trechos, para uso não comercial e desde que a fonte seja citada.

Editor: Misael Batista do Nascimento

Conversão para e-Book: Misael Batista do Nascimento

Web site com recursos didáticos adicionais:

<http://www.misaelbn.com/livros/>

Dados para contato: Fone: 55-017-98149-4342

E-mail: [misaelbn@me.com](mailto:misaelbn@me.com)

NASCIMENTO, Misael Batista.

Adoração bíblica / Misael Nascimento. São José do Rio Preto: Misael Nascimento, 2017.

1. Cristianismo
2. Teologia sistemática
3. Teologia do culto
4. Adoração
5. Música na igreja
6. Dança litúrgica
7. Liturgia.

# Sumário

Introdução ao curso .....	1
<b>Aula 1: Conceito, arranjo pactual e importância da adoração .....</b>	<b>5</b>
Introdução da aula 1 .....	5
1.1 O conceito bíblico de adoração .....	5
1.2 A adoração bíblica é sem divisão e sem confusão .....	6
1.3 O arranjo pactual da adoração .....	8
1.4 A importância da adoração .....	10
Conclusão da aula 1.....	11
Atividades da aula 1 .....	11
<b>Aula 2: A adoração antes da queda.....</b>	<b>14</b>
Introdução da aula 2 .....	14
2.1 A criação e organização do universo pela Palavra de Deus.....	14
2.2 A árvore da vida como dom sacramental.....	15
2.3 A agenda da adoração .....	16
2.4 A formatação divina dos adoradores .....	16
Conclusão da aula 2.....	18
Atividades da aula 2 .....	18
<b>Aula 3: A queda e os adoradores verdadeiros e falsos .....</b>	<b>19</b>
Introdução da aula 3 .....	19
3.1 Queda, idolatria e autoadoração .....	19
3.2 Duas linhagens: Adoradores verdadeiros e falsos.....	21
Conclusão da aula 3.....	21
Atividades da aula 3 .....	21
<b>Aula 4: A necessidade de um princípio regulador .....</b>	<b>23</b>
Introdução da aula 4 .....	23
4.1 A base para o culto e seu princípio regulador.....	23
4.2 O perigo do princípio normativo de culto .....	24
4.3 Os elementos e as circunstâncias do culto cristão .....	25
Conclusão da aula 4.....	26
Atividades da aula 4 .....	26
<b>Aula 5: A adoração de Caim e Abel até os patriarcas.....</b>	<b>27</b>
Introdução da aula 5 .....	27
5.1 O culto de Caim e Abel .....	27
5.2 A invocação do nome do SENHOR a partir de Sete .....	28
5.3 A adoração dos patriarcas .....	29
Conclusão da aula 5.....	29
Atividades da aula 5 .....	29
<b>Aula 6: A adoração no tabernáculo, no templo e na sinagoga.....</b>	<b>30</b>
Introdução da aula 6 .....	30
6.1 A adoração no tabernáculo .....	30

6.2 A adoração no templo .....	32
6.3 A adoração na sinagoga.....	34
Conclusão da aula 6.....	35
Atividades da aula 6 .....	35
<b>Aula 7: [Parêntese 1] Louvai-o com adufes e danças!.....</b>	<b>39</b>
Introdução da aula 7 .....	39
7.1 A dança em Israel .....	39
7.2 Registros de danças associadas ao paganismo e algumas especulações .....	41
7.3 Uma leitura alternativa de Salmos 150.4 .....	42
Conclusão da aula 7.....	44
Atividades da aula 7 .....	44
<b>Aula 8: [Parêntese 2] A dança como arte e celebração.....</b>	<b>45</b>
Introdução da aula 8 .....	45
8.1 A legitimidade e limitações da arte em si mesma — e da dança como arte.....	45
8.2 O culto público faz uso da arte.....	47
8.3 A arte no culto deve se sujeitar às prescrições divinas .....	48
Conclusão da aula 8.....	49
Atividades da aula 8 .....	49
<b>Aula 9: [Parêntese 3] Usos atuais da dança pela igreja.....</b>	<b>50</b>
Introdução da aula 9 .....	50
9.1 Quatro usos da dança.....	50
9.2 Judaísmo messiânico e adoração profética ou extravagante.....	51
9.3 A novidade da dança no culto da igreja .....	52
Conclusão da aula 9.....	55
Atividades da aula 9 .....	56
<b>Aula 10: A adoração do Senhor Jesus Cristo e da igreja do NT .....</b>	<b>59</b>
Introdução da aula 10 .....	59
10.1 A adoração de e segundo Cristo.....	59
10.2 A adoração da igreja do NT .....	62
Conclusão da aula 10.....	63
Atividades da aula 10 .....	63
<b>Aula 11: Recortes históricos da liturgia reformada.....</b>	<b>65</b>
Introdução da aula 11 .....	65
11.1 O evangelho da estrutura.....	65
11.2 Estratégia litúrgica.....	70
Conclusão da aula 11.....	72
Atividades da aula 11 .....	73
<b>Aula 12: Cinco questões litúrgicas atuais .....</b>	<b>74</b>
Introdução da aula 12 .....	74
12.1 Sobre o louvor com salmos, hinos e cânticos espirituais .....	74
12.2 Sobre gêneros e estilos musicais adequados para a adoração litúrgica .....	76
12.3 Sobre os instrumentos musicais próprios para o culto .....	78

12.4 Sobre o costume de aplaudir .....	78
12.5 Sobre a escolha pastoral das músicas do culto .....	79
Conclusão da aula 12.....	80
Atividades da aula 12 .....	80
<b>Aula 13: A preparação e condução de uma liturgia bíblica .....</b>	<b>81</b>
Introdução da aula 13 .....	81
13.1 A ordem fundamental e alguns enquadramentos úteis.....	81
13.2 Possibilidades de liturgias contemporâneas .....	84
13.3 A condução do culto.....	89
Conclusão da aula 13.....	95
Atividades da aula 13 .....	95
<b>Apêndice 1: Judaísmo messiânico, adoradores extravagantes e pericorese: Como tudo isso afeta a perspectiva atual sobre a dança na igreja .....</b>	<b>96</b>
Quem são os judeus messiânicos.....	96
Quem são os adoradores extravagantes.....	97
O que é pericorese .....	98
<b>Apêndice 2: Breve glossário e exemplos de elementos litúrgicos.....</b>	<b>101</b>
A2.1 Breve glossário .....	101
A2.2 Exemplos de alguns elementos litúrgicos citados neste apêndice .....	102
<b>Referências bibliográficas .....</b>	<b>103</b>



## Introdução ao curso

A primeira edição deste curso foi escrita em 2004, com o objetivo de treinar pessoas ligadas aos ministérios de música e direção de cultos. Com o tempo ele se mostrou útil para líderes que queriam entender porque a igreja adota determinadas práticas de culto (diáconos, presbíteros e pastores têm de responder perguntas relacionadas à adoração). Por fim, o conteúdo foi considerado interessante por cristãos que desejam conhecer o que a Bíblia ensina sobre a adoração cristã.

O interesse é compreensível, pois o que chamamos hoje de “adoração” é cada vez mais um exercício religioso centrado no homem. “Vida” e “espontaneidade” são opostas à “ordem” e “formalidade”. Surgem novas expressões ligadas à adoração e caem preconceitos quanto a estilos e instrumentos musicais. O “momento de louvor” é tanto “preparatório” quanto mais importante do que a exposição bíblica. Falar de “templo” é tido como anacrônico e os “lugares de reunião cristã” são projetados e equipados como galpões industriais e espaços de entretenimento. Sendo assim, proliferam aplausos e danças litúrgicas. E populariza-se o culto como experiência *passiva*, algo que “eu assisto” e não que eu “ofereço a Deus”.

Há controvérsia por todo lado. Cristãos protestantes e evangélicos afirmam que a Bíblia os dirige, mas na prática, cada denominação (e dentro das denominações, cada congregação) assume uma forma de culto distinta. Há igrejas que não utilizam uma liturgia ou plano de culto. E mesmo entre as que utilizam, não há consenso sobre o formato da adoração — o que é bíblico? O que pode e não pode ser incluído? Como oferecer cultos que agradam ao Deus vivo?” Igrejas *litúrgicas* julgam as *inovadoras*. E estas rotulam as litúrgicas como *formais*, *obsoletas* (isoladas da cultura) e *mortas*.

Até o termo “bíblico” exige explicação. Aqui “bíblico” equivale a “proveniente de interpretação sadia da Bíblia”. Porque um culto pode ser “bíblico” e ainda assim herético; por exemplo, a instauração de arcas da aliança, shofar, ósculo santo, véu, exorcismos, línguas e profecias, apesar de utilizar coisas que constam na Bíblia, não é adoração cristã.

Este curso também analisa, mesmo que introdutoriamente, alguns detalhes históricos e confessionais da adoração (o culto conforme a *Confissão de Fé* e os Catecismos de Westminster).

Por fim, proponho um modelo de culto para igrejas que lutam pela fidelidade às Escrituras e boa tradição, com uma roupagem compreensível, pertinente e contemporânea.

Oro para que a compreensão destes conteúdos nos motive a cultuar a Deus de modo agradável a ele, “em espírito e em verdade” (Jo 4.23-24).

O autor.



Parte I  
Da criação ao templo em Jerusalém



# Aula 1: Conceito, arranjo pactual e importância da adoração

Somos cristãos quer durmamos, comamos ou trabalhemos; qualquer coisa que fizermos, faremos como filhos de Deus. Nosso Cristianismo não serve apenas para os momentos piedosos ou atos religiosos.  
Henderik Roelof “Hans” Rookmaaker.<sup>1</sup>

## Introdução da aula 1

Esta aula tem por objetivo responder a quatro perguntas:

1. O que é adoração cristã?
2. Tudo é adoração na vida do crente?
3. De que maneira a adoração se encaixa nos pactos da criação e da redenção?
4. Qual é o lugar da adoração na vida do discípulo e da igreja de Jesus?

Respostas adequadas a tais questões enriquecem nossa compreensão da adoração bíblica. Olhemos para a primeira questão. É hora de conhecer o conceito de adoração.

### 1.1 O conceito bíblico de adoração

O Judaísmo, o Cristianismo e o Islamismo reivindicam um tronco comum. Todos assumem uma adoração *monoteísta* — o culto ao Deus único de Abraão. No entanto, a adoração cristã difere da judaica e muçulmana por ser não apenas monoteísta, mas também *trinitária* (os cristãos adoram ao Deus único que subsiste em três pessoas: Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo) e, por conseguinte, *cristocêntrica* (os cristãos adoram a Cristo como Deus).

Considerando estas particularidades, o que é adoração cristã?

Adoração” equivale a “admiração”,<sup>2</sup> mas este conceito é muito amplo e não necessariamente cristão — uma pessoa pode “adorar” outra no sentido de gostar muito dela. Para os propósitos deste curso, Donald Hustad fornece uma explicação mais proveitosa:

Adoração é a atividade baseada nas excelências inexauríveis do Deus eterno, e às necessidades infundáveis da humanidade mortal. É o relacionamento entre Deus e os homens, uma contínua relação de autorrevelação e reação correspondente. É a atividade normal — o relacionamento normal — da vida cristã e é expressa em conversa com Deus, a doação completa do ser a Deus e a transformação do adorador à semelhança de Deus, em toda a sua pessoa: Corpo, mente, emoções e vontade.<sup>3</sup>

Neste curso, adoração e culto são sinônimos. Sendo assim, *adoração é o culto que prestamos a Deus em resposta à sua revelação — especialmente seus atos de criação, redenção e juízo* (Êx 34.5-8; Is 6.1-8; Mt 2.9-11; Rm 1.18-21; Ap 4.1-11). Estes dois aspectos — revelação e resposta, “são necessários à verdadeira adoração. [...] Martinho Lutero afirmava que ‘conhecer a Deus é adorá-lo’. [...] Insistia também em que a adoração não é algo extra e opcional para a pessoa piedosa, mas, sim, um sintoma ou expressão essencial desse conhecimento”.<sup>4</sup>

O Dr. Hermisten Costa sugere uma definição de culto cristão, como segue:

<sup>1</sup> ROOKMAAKER, H. R. *A Arte Não Precisa de Justificativa*. Viçosa: Editora Ultimato, 2010, p. 38.

<sup>2</sup> MANSON, P. D. *Adoração*. In: FERGUSON, Sinclair B. (Ed.). *Novo Dicionário de Teologia*. São Paulo: Hagnos, 2009, p. 33.

<sup>3</sup> HUSTAD, Donald. *Jubilate! A Música na Igreja*. São Paulo: Vida Nova, 1986, p. 84.

<sup>4</sup> MANSON, op. cit., loc. cit.

O culto cristão é a expressão da alma que conhece a Deus e que deseja dialogar com o seu Criador, mesmo que este diálogo, por alguns instantes, consista num monólogo edificante no qual Deus nos fale por meio da Palavra.<sup>5</sup>

Isso nos conduz à segunda questão.

## 1.2 A adoração bíblica é sem divisão e sem confusão

Tudo é adoração na vida do crente? O conceito fornecido por Hustad nos ajuda a compreender que adoramos *sem divisão*, quer dizer, sem recortar a vida em pedaços. Vida religiosa e secular, trabalho e vocação divina; tais coisas não são absolutamente separadas. Tudo o que somos, fazemos e temos é consagrado para a glória de Deus (1Co 10.31). O adoramos Ihe dedicando cada pensamento, sentimento e ato da vida comum, sem negligenciar a prática cotidiana do bem (Sl 19.14; 104.23-35; Fp 4.8-9; Cl 3.23-24; Hb 13.16; Tg 1.26-27; 1Jo 3.16-18).

Além disso, nós adoramos a Deus na cultura,<sup>6</sup> utilizando linguagem, gestos e padrões musicais influenciados pelo contexto. Isso quer dizer que igrejas igualmente fieis na adoração podem apresentar diferenças em sua adoração, decorrentes de singularidades culturais (figura 01).



Figura 01. A adoração é oferecida em uma cultura concreta

Resumindo, vivemos no âmbito do reino (Mt 6.9-10, 33). O domínio do Senhor pode e deve ser confirmado em todas as áreas da vida (1Cr 29.12; Sl 97.1; Ef 4.28). Destarte, “adoração é estilo de vida. [...] É vida integral que abrange discipulado e comprometimento com Cristo”.<sup>7</sup> Nossa existência como um todo é culto (figura 02).

Por outro lado, nós adoramos *sem confusão*, ou seja, distinguindo a “vida cristã como culto” do “culto público”. cremos que Deus nos chama à vida sóbria (Pv 1.1-7). Isso exige que procedamos de maneiras diferentes em situações diferentes. Nós celebramos diante de Deus vestidos com roupas de banho, óculos escuros e chinelos, sentados sob um guarda-sol, na Praia do Forte, em Cabo Frio. Outras ocasiões exigem outra postura e vestuário. “Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo propósito debaixo do céu” (Ec 3.1).

<sup>5</sup> COSTA, Hermisten M. *Princípios Bíblicos de Adoração Cristã*. São Paulo: Cultura Cristã, 2009, p. 49.

<sup>6</sup> Cultura é o “todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”; cf. LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: Um Conceito Antropológico*. 24. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009. eBook Kindle, posição 250 de 1462. (Coleção Antropologia Social).

<sup>7</sup> SOUZA FILHO, João A. de. *O Livro de Ouro do Ministério de Louvor*. Santa Bárbara d’Oeste: Z3 Editora, 2010, p. 13, 14.



Figura 02. A vida cristã como culto a Deus

Isso não é tradicionalismo, apenas *bom senso*. O culto cristão e o governo da igreja exigem o uso da “luz da natureza” e “prudência cristã”,<sup>8</sup> ou seja, bom senso iluminado pela Bíblia. Há coisas que devem ser revistas nos cultos, porque indicam falta de bom senso.<sup>9</sup> O cristão inteligente entende que *nem tudo convém ao culto público*.

Diferenciar a vida cristã como culto do culto público equivale a organizar a vida nos termos de Deus. Os crentes da Bíblia participavam de *ajuntamentos litúrgicos solenes*. A adoração no santuário exigia uma *postura diferenciada*: “Guarda o teu pé quando entrares na Casa de Deus” (Ec 5.1). Para o crente do AT, nem tudo que consta na vida comum é cabível no momento da reunião da “grande congregação” (Sl 35.18). A adoração corporativa é pontual e *localizada*.<sup>10</sup> O culto público é um ato *distinto*<sup>11</sup> cujo conteúdo e forma obedece a prescrições divinas.

Dizem que a ideia central da verdadeira adoração é a de *intimidade* – uma intimidade que produz extravagância. Destaca-se cada vez mais o aspecto nupcial da adoração, o encontro da noiva ansiosa com o Noivo. C. S. Lewis nos adverte dizendo que a relação entre Deus e o homem *extrapola a analogia do casamento*; existe uma “maior distância entre os participantes”.<sup>12</sup> A “analogia erótica” sugerida pelos adoradores contemporâneos precisa do adendo de Apocalipse 1.17: “Caí a seus pés como morto”.<sup>13</sup>

Os cristãos do NT distinguem a vida cristã como culto do culto público. Jesus e os apóstolos cultuaram de acordo com os padrões do AT. Após a ressurreição e a vinda do Espírito, surgiu a novidade. Todas as expectativas e significados da adoração do AT se cumpriram e culminaram em Jesus (Mt 12.6; Jo 2.19,21; Cl 2.9,16-17; Hb 7.1–10.39). Sendo assim, mesmo antes da destruição do templo de Jerusalém, os cristãos já se reuniam para cultuar (At 2.42). A igreja se juntava no domingo para “partir o pão” (At 20.7). As reuniões de adoração deviam ser conduzidas com “decência e ordem” (1Co 11.1-34; 14.1-40; 1Tm 2.1-15). Deus devia ser louvado com cântico de “salmos”, além

<sup>8</sup> Confissão de Fé de Westminster (CFW), I.VI. In: ASSEMBLEIA DE WESTMINSTER. *Símbolos de Fé: Contendo a Confissão de Fé, Catecismo Maior e Breve*. 2. ed. Reimp. 2016. São Paulo: Cultura Cristã, 2016, p. 25.

<sup>9</sup> Por exemplo, sermões ruins, avisos intermináveis, desorganização, formalidade ou informalidade exageradas e música inadequada, ou cuja letra contradiz verdades bíblicas.

<sup>10</sup> O *lugar* é tão crucial para a adoração judaica que o Cronista dedica toda sua obra a destacar o templo de Jerusalém como local divinamente separado para o culto. O termo hebraico *bahar*, lit. “elegi”, é usado tanto para Davi quanto para Judá e o *santuário* (1Cr 28.4; 2Cr 7.12).

<sup>11</sup> O termo “distinto”, aplicado ao culto público, não significa *isolado*. O culto público é separado devido a sua *peculiaridade*.

<sup>12</sup> LEWIS, C. S. *Oração: Cartas a Malcolm: Reflexões Sobre o Diálogo Íntimo Entre Homem e Deus*. São Paulo: Vida, 2009, p. 17. Faz-se com a analogia do casamento algo semelhante à pericorese – a analogia é forçada a um ponto insustentável.

Abordaremos a pericorese, se Deus permitir, na aula 7.

<sup>13</sup> LEWIS, op. cit., loc. cit.

de “hinos e cânticos espirituais” e com “ações de graças” (Ef 5.19-20; Cl 3.16; Tg 5.13). O NT contém trechos de hinos que provavelmente eram entoados no culto público: o *Magnificat* (Lc 1.46-55); o *Benedictus* (Lc 68-79) e *Nunc Dimittis* (Lc 2.29-32), além dos hinos cristológicos (Ef 5.14; Fp 2.6-11; Cl 1.15-20; 1Tm 3.16; Hb 1.3-4; 1Pe 3.18-22).<sup>14</sup>

Dito de outro modo, a igreja do NT era *litúrgica*. Os cristãos se reuniam para uma atividade que podemos denominar de culto público, regulada por prescrições bíblicas e apostólicas. Os crentes entendiam que algumas coisas eram convenientes ao culto público; outras deviam ser tratadas “em casa” (1Co 14.34). O encontro litúrgico, centro e culminância da vida cristã cotidiana, era *distinto* – fornecia *lugar* e *ocasião* diferenciados.<sup>15</sup> E esta distinção não retira do culto sua centralidade. Pelo contrário, a adoração regula a totalidade da vida. Por um lado, o culto público dominical é o ponto alto de nossa comunhão com Deus na semana anterior; por outro, ele abre a nova semana, e nos prepara para ela (figura 03).



Figura 03. O culto público distinto e no centro da vida cristã como culto

O que isso significa? Que há “uma diferença fundamental entre nossa vida diária como culto a Deus e o culto que a ele prestamos publicamente”.<sup>16</sup> Tanto as Escrituras quanto o bom senso indicam que “atividades que seriam pertinentes à nossa vida como culto não seriam próprias a este culto público”.<sup>17</sup>

Isso fica mais claro quando entendemos que Deus firma pactos conosco. Vista por esse ângulo, adoração é a resposta requerida de Deus, nesta relação pactual.

### 1.3 O arranjo pactual da adoração

Os termos *berîth* (hebraico — AT) e *diathêkê* (grego — NT) transmitem os sentidos de pacto, aliança ou testamento.<sup>18</sup> Na Escritura, *toda relação de amor é explicada em termos de aliança*.<sup>19</sup> Alguém ama e é correspondido; a resposta do amor é declarada em palavras e atos (Sl 18.1; 26.8; 116.1; cf. Sl 91.14).

<sup>14</sup> Cf. MARTIN, Ralph P. *Adoração na Igreja Primitiva*. 2. ed. revisada. São Paulo: Vida Nova, 2012, p. 39-70; GUTHRIE, Donald. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 346-369.

<sup>15</sup> A palavra de nosso Senhor à samaritana (Jo 4.21) não significa a abolição de um lugar de adoração. O que está sendo ensinado é o contrário: Os crentes, guiados pelo Espírito, adorarão onde estiverem. Todo local onde o nome do Senhor for invocado e *devidamente* cultuado será *santificado e consagrado*.

<sup>16</sup> SUPREMO CONCÍLIO DA IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL (SC/IPB). *Carta Pastoral e Teológica Sobre Liturgia na IPB*. São Paulo: Cultura Cristã, 2010, p. 11.

<sup>17</sup> SC/IPB, op. cit., loc. cit.

<sup>18</sup> VOS, Geerhardus. *Teologia Bíblica: Antigo e Novo Testamentos*. São Paulo: Cultura Cristã, 2010, p. 38-42.

<sup>19</sup> O pacto pode ser entendido como o “vínculo de *vida e amor* que Deus estabeleceu entre si mesmo e Adão e Eva” (VAN GRONINGEN, Gerard. *Criação e Consumo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2002, p. 90. v. 1 — grifo nosso).

Os atos do amor são autodoação e cultivo da relação — o que chamamos de *devoção*. Sob este prisma, e guardadas as devidas proporções, como alertou Lewis, a comunhão entre o Senhor e a igreja é às vezes ilustrada pelo vínculo do casamento (Is 54.5; Jr 3.1, 20; Os 2.16-23; Ef 5.31-32).

Isso quer dizer que a Bíblia inteira pode ser compreendida como um chamado à adoração. Até mesmo o mandato missionário deve ser compreendido deste modo (missão é o processo de buscar e congregar “adoradores”; cf. Jo 4,23-24). A Escritura revela sete momentos da adoração, da criação até a consumação, todos eles se desenrolando no contexto dos pactos da criação e redenção (figura 04).

1. O culto antes da queda.
2. O culto de Caim e Abel até os patriarcas.
3. O culto no tabernáculo (a partir de Moisés).
4. O culto no templo de Jerusalém (a partir de Davi e Salomão).
5. O culto na sinagoga (a partir do período da dispersão judaica).
6. O culto cristão (a partir do Senhor Jesus e da igreja primitiva) e, por fim...
7. O culto da nova criação glorificada.

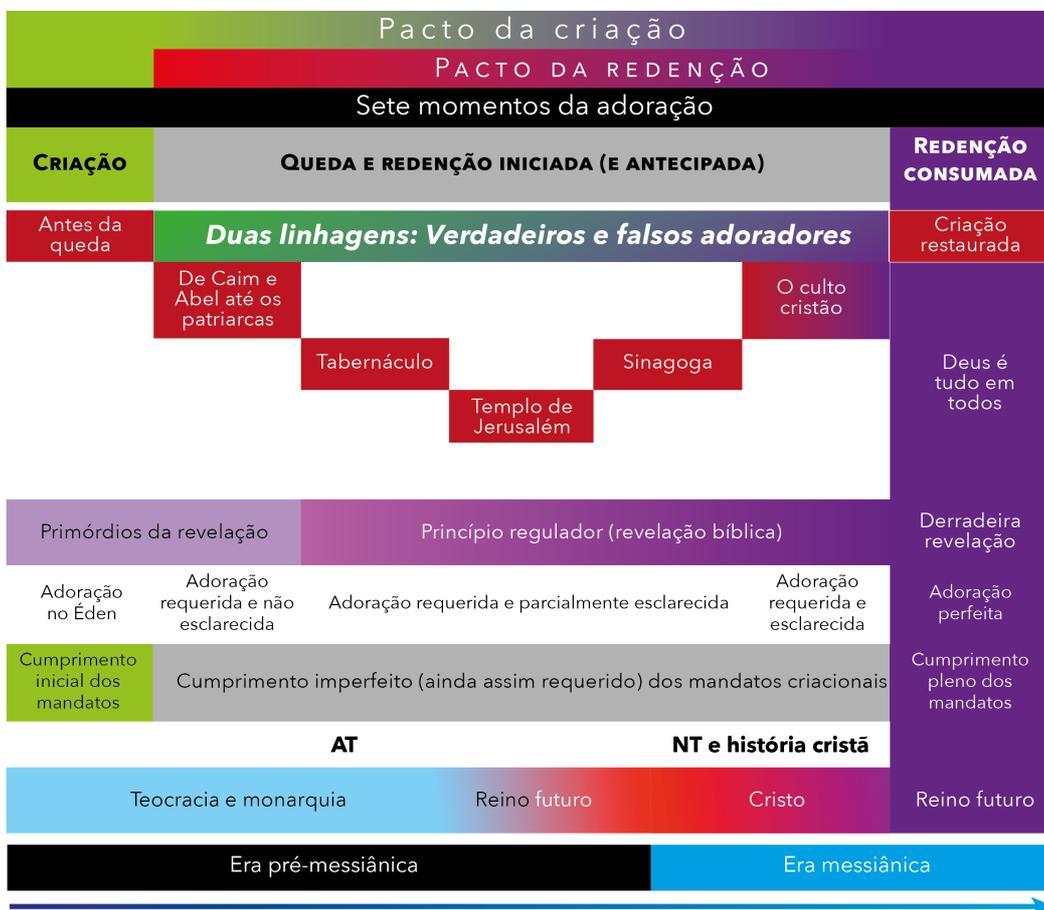


Figura 04. Os sete momentos da adoração

Olhando pelos ângulos da *criação, queda e redenção*, o universo foi criado por Deus para sua glória (Rm 11.36; Hb 11.3; Ap 4.11). Ele firmou o *pacto da criação* garantindo que todo o cosmos será revestido com o esplendor de sua bondade e beleza (o vocábulo hebraico *ṭôbh*, traduzido como “boa” ou “bom”, em Gênesis 1.4, 10, 12, 18, 21, 25, 31, tem o sentido de “bom” e, ao mesmo tempo, “belo”). Em Gênesis 2.15-17 o homem recebe mandatos ligados ao culto (aprenderemos mais sobre isso na seção 2.4.2) e cultuar corresponde a cumpri-los (Gn 2.15-17). Por isso o homem deve adorar

ao Senhor em todas as etapas da história da salvação — criação, queda e redenção, sendo esta última iniciada e antecipada na história passada e presente, e consumada no futuro.

Por causa da queda, Deus constituiu o *pacto da redenção* (Gn 3.15). O dever de cumprir os mandatos permanece, só que agora, lidamos externamente com as oposições do mundo e do diabo (há uma “inimizade” entre duas linhagens, dos verdadeiros e falsos adoradores, como veremos na aula 3). Ademais, lutamos contra nossa própria depravação. Isso quer dizer que, para cultuar a Deus, necessitamos de expiação e mediação — daí a obra do Redentor, núcleo do pacto da redenção, anunciada em Gênesis 3.15. Dito de outro modo, a história que conhecemos é marcada por sinais da queda, e, ao mesmo tempo, pelo desfrute inicial da redenção. Cultuamos a Deus enquanto caminhamos com ele, aguardando a restauração da criação, na consumação da redenção.

Olhando pela perspectiva *revelacional*, como vimos, o culto autêntico é resposta à revelação divina. A fim de agregar adoradores, Deus concedeu uma revelação *progressiva*, ou seja, ele foi revelando sua verdade aos poucos, de modo que os primeiros adoradores dispunham de menos informação do que os derradeiros — entendamos, porém, que a revelação concedida aos primeiros adoradores era suficiente para a salvação deles, e para a resposta deles a Deus em culto verdadeiro). Nos primórdios da revelação o homem adorou no Éden com oferendas em altares, até o tempo dos patriarcas. A partir de Moisés e Davi, surgiu o culto no tabernáculo, no templo e nas sinagogas. A culminação da revelação, por meio de Cristo e dos apóstolos, incitou o culto sem a roupagem dos tipos e sombras do AT. No reino consumado receberemos a derradeira revelação, conheceremos como somos conhecidos, seremos semelhantes ao Senhor e adoraremos cheios de júbilo, nas “bodas do Cordeiro” (1Co 2.9; 13.12; 1Jo 3.2; Ap 19.6-8). Por fim, a obediência imperfeita dará lugar à obediência completa — o culto aperfeiçoado. Experimentaremos a plenitude das promessas dos pactos da criação e redenção. Comungaremos com Deus como vice-gerentes redimidos (Dn 7.9; Mt 19.27-30; 1Co 6.2-3; Ap 20.4).

A revelação que Deus concedeu é também *orgânica*, quer dizer, cada parte contribui para o todo, sem rupturas entre o AT e o NT. A partir da queda a adoração era requerida, mas não esclarecida; de Moisés até Cristo, a adoração foi requerida e parcialmente esclarecida; e a partir de Cristo a adoração é requerida e esclarecida. Deus revelou cuidadosamente o modo como deve ser crido e adorado, estabelecendo um *princípio regulador*. Ao longo da história, a fidelidade da adoração é medida pela obediência a este princípio (aprenderemos mais sobre isso na aula 4).

#### 1.4 A importância da adoração

Sendo assim, qual é o lugar da adoração na vida do discípulo e da igreja de Jesus? Em primeiro lugar, a adoração é a finalidade ou propósito principal de nossa existência. Nós fomos criados para cultuar ao Deus vivo, de modo que definhamos desviados deste objetivo. Como orou Agostinho:

“Grande és tu, Senhor, e sumamente louvável: Grande a tua força, e a tua sabedoria não tem limite”. E quer louvar-te o homem, esta parcela de tua criação; o homem carregado com sua condição mortal, carregado com o testemunho de seu pecado e com o testemunho de que resiste aos soberbos; e, mesmo assim, quer louvar-te o homem, esta parcela de tua criação. Tu o incitas para que sinta prazer em louvar-te; fizeste-nos para ti, e inquieto está o nosso coração, enquanto não repousa em ti.<sup>20</sup>

O *Breve Catecismo* ensina a mesma verdade:

---

<sup>20</sup> AGOSTINHO. *Confissões*. 20. ed. Reimp. 2008. São Paulo: Paulus, 1984, I.I, p. 15.

Qual é o fim principal do homem? O fim principal do homem é glorificar a Deus e alegrar-se nele para sempre (Rm 11.36; 1Co 10.31; Is 43.7; Ef 1.5-6; Sl 73.24-26; Rm 14.7,8; Is 61.3).<sup>21</sup>

A adoração é central. Queremos cultuar de modo agradável a Deus. Cultuar porque o conhecemos e conhecê-lo enquanto o cultuamos. Em suma, queremos nos aproximar de Deus com a postura exemplificada por irmão Marcos Almeida.

Quero te ver como tu és, não como imagino, mas como tu és  
Quero ouvir tua palavra, não como imagino, mas o que ela diz  
Meu amor, meu amor!<sup>22</sup>

O que dizemos sobre o cristão individual se estende à igreja como um todo. A igreja, representada no Apocalipse pelos “vinte e quatro anciãos vestidos de branco”, é antes de tudo um corpo de adoradores (Ap 4.4,10; 5.6-14).

O ajuntamento de adoração da igreja é *missional*, ou seja, abre espaço para a pregação do evangelho; é *pastoral*, instrui, santifica e consola os crentes com a Palavra e os Sacramentos (1Co 14.24-25; At 20.7).

Em suas falas e atos o culto é também *escatológico*, porque antecipa a adoração que daremos a Deus na consumação (Ap 15.2-4). Ou aspecto desta faceta escatológica é apontada discretamente em 1Coríntios 11.10. As mulheres daquele tempo tinham de usar véu “por causa dos anjos”. Eu não entrarei em detalhes sobre este texto agora (se Deus permitir nós retornaremos a ele quando estudarmos o culto do NT). Por ora basta compreender que, no momento da adoração, Deus e seus anjos estão presentes. Eu creio que o irmão Matthew Simpson compreendeu isso ao escrever para pregadores, lembrando-lhes do que acontecia na ocasião de um culto público.

Seu trono é o púlpito; ele representa Cristo, sua mensagem é a palavra de Deus, em derredor dele há almas imortais; o Salvador, sem ser visto, está a seu lado; o Espírito Santo paira sobre a congregação; anjos contemplam a cena, e o céu e o inferno aguardam o resultado. Que associações e que vasta responsabilidade!<sup>23</sup>

Isso deveria nos fazer questionar se nós valorizamos devidamente a adoração pública. Eu oro para que nos aproximemos de Deus com nova disposição em cada culto!

## Conclusão da aula 1

Nesta aula fornecemos alguns conceitos de adoração. Explicamos também que nem tudo o que é pertinente à vida como culto, cabe no culto público da igreja. Dividimos a história bíblica, da criação até a consumação, em sete momentos de adoração. E afirmamos que a adoração é central para o cristão e para a igreja. Ordinariamente, a falha no culto prenuncia um distanciamento de Deus. Somos convocados pela Escritura a adorar ao Senhor, como resposta aos pactos da criação e redenção.

## Atividades da aula 1

1. Marque a única resposta certa: Quais são as quatro perguntas, respondidas nesta aula?

\_\_\_ O que é adoração cristã? Tudo é adoração na vida do crente? De que maneira a adoração se encaixa nos pactos da criação e da redenção? Qual é o lugar da adoração na vida do discípulo e da igreja de Jesus?

<sup>21</sup> Breve Catecismo, pergunta 1. In: ASSEMBLEIA DE WESTMINSTER, op. cit., p. 225.

<sup>22</sup> ALMEIDA, Marcos. Imagino. In: PALAVRANTIGA. *Esperar é Caminhar*. Produção independente, 2010. 1 CD.

<sup>23</sup> SIMPSON, Matthew. Lectures on Preaching. New York: Phillips & Hunt, 1879, p. 166, apud ROBINSON, Haddon W. *Pregação Bíblica: O Desenvolvimento e a Entrega de Sermões Expositivos*. 2. ed. São Paulo: Shedd Publicações, 2002, p. 16.

\_\_\_ O que é adoração cristã? Tudo é adoração na igreja? De que maneira a adoração se encaixa nos pactos da criação e da redenção? Qual é o lugar da adoração na vida do discípulo e da igreja de Jesus?

\_\_\_ O que é adoração cristã? Tudo é adoração na vida do crente? De que maneira a adoração se encaixa nos pactos abraâmico e davídico? Qual é o lugar da adoração na vida do discípulo e da igreja de Jesus?

\_\_\_ O que é adoração cristã? Tudo é adoração na vida do crente? De que maneira a adoração se encaixa nos pactos abraâmico e davídico? Qual é o lugar da adoração na vida econômica da igreja de Jesus?

2. Marque Verdadeiro ou Falso: A adoração cristã é parecida com a judaica e muçulmana por ser trinitária, ou seja, tanto judeus, quanto cristãos e muçulmanos adoram ao Deus único, que subsiste em três pessoas: Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo.

\_\_\_ Verdadeiro.

\_\_\_ Falso.

3. Qual palavra completa a frase a seguir? Adoração é o culto que prestamos a Deus em resposta à sua \_\_\_\_\_ — especialmente seus atos de criação, redenção e juízo.

4. Marque todas as respostas certas: Nossa existência como um todo é culto porque...

\_\_\_ Tudo o que somos, fazemos e temos é consagrado para a glória de Deus.

\_\_\_ Não há nenhuma diferença entre o que fazemos na vida privada e o que podemos fazer no culto público.

\_\_\_ Nós adoramos a Deus dedicando a ele cada pensamento, sentimento e ato da vida comum, sem negligenciar a prática do bem.

\_\_\_ Eu posso passar o domingo cultuando a Deus em casa, enquanto assisto episódios de minhas séries prediletas.

\_\_\_ Adoração é estilo de vida.

5. Marque as respostas certas: Nem tudo o que cabe em nossa vida como culto, é pertinente para o culto público dominical, porque...

\_\_\_ Nós distinguimos a “vida cristã como culto” do “culto público”.

\_\_\_ Vivemos no âmbito do reino.

\_\_\_ O cristão inteligente entende que nem tudo convém ao culto público.

\_\_\_ A ideia central da verdadeira adoração é a de intimidade.

6. Marque a única resposta certa: Quais são os sete momentos de adoração, entre a criação e a consumação?

\_\_\_ O culto antes da queda. O culto de Caim e Abel até os patriarcas. O culto no tabernáculo (a partir de Moisés). O culto no templo de Jerusalém (a partir de Davi e Salomão). O culto na sinagoga (a partir do período da dispersão judaica). O culto cristão (a partir do Senhor Jesus e da igreja primitiva) e o culto da nova criação glorificada.

\_\_\_ O culto antes da queda. O culto com adoração extravagante. O culto no tabernáculo (a partir de Moisés). O culto no templo de Jerusalém (a partir de Davi e Salomão). O culto na sinagoga (a partir do período da dispersão judaica). O culto cristão (a partir do Senhor Jesus e da igreja primitiva) e o culto da nova criação glorificada.

\_\_\_ Oração de confissão. Saudação inicial. Hino de louvor. Ofertório. Pregação fiel da Bíblia e Santa Ceia do Senhor.

7. Quais palavras completam a frase a seguir? Nós fomos criados para \_\_\_\_\_, e isso de tal forma que definamos desviados deste objetivo.

8. Marque Verdadeiro ou Falso: A adoração bíblica é missional, ou seja, abre espaço para a pregação do evangelho; e é pastoral, pois instrui, santifica e consola os crentes com a Palavra e os Sacramentos.

Verdadeiro.

Falso.

9. Marque a única resposta correta. A adoração da igreja, em suas falas e atos, antecipa o culto a Deus na consumação. Isso quer dizer que ela é...

Escatológica.

Teleológica.

Farmacológica.

**ANOTAÇÕES** 

## Aula 2: A adoração antes da queda

Adorar é despertar a consciência pela santidade de Deus, alimentar a mente com a verdade de Deus, purificar a imaginação pela beleza de Deus, abrir o coração para o amor de Deus, consagrando a vontade aos propósitos perfeitos de Deus. *William Temple*.<sup>24</sup>

### Introdução da aula 2

As palavras de William Temple, mencionadas no início deste texto, definem uma adoração ideal. A Bíblia não menciona nenhum tipo de ritual de culto antes da queda, mas o requerimento desta adoração perfeita é subentendido quando observamos quatro detalhes de Gênesis 1—2:

1. A criação e organização do universo pela Palavra de Deus.
2. A árvore da vida como dom sacramental.
3. A agenda da adoração.
4. A formatação divina dos adoradores.

### 2.1 A criação e organização do universo pela Palavra de Deus

A Bíblia inicia com Deus criando e organizando o universo por sua Palavra. Isso estabelece o primeiro aspecto da adoração, mencionado na aula passada — tudo começa com a Palavra de Deus, ou *sua revelação*.

Em Gênesis 1.3—2.3 nós podemos enxergar um padrão rítmico:

1. Ordem de Deus.
2. Ação criativa ou organizacional em cumprimento da ordem divina.
3. Verificação e avaliação do que foi feito.
4. Classificação da obra realizada.
5. Declaração de término do dia.

O padrão repercute nas palavras do texto: “Disse Deus” (Gn 1.3, 6, 9, 14, 20, 24, 26, 29 e as bênçãos de Gn 1.22, 28); “houve luz” (Gn 1.3), “assim se fez” (Gn 1.7, 9, 11, 15, 24, 30); “e viu Deus” (Gn 1.4, 10, 12, 18, 21, 25, 31); “era boa” (Gn 1.3), “era bom” (Gn 1.10, 12, 18, 21, 25), “era muito bom” (Gn 1.31); “chamou” (Gn 1.5, 8, 10); “houve tarde e manhã” (Gn 1.5, 8, 13, 19, 23, 31) e “havendo Deus terminado” (Gn 2.2).<sup>25</sup>

O cosmos surge em resposta às ordens divinas. Deus cria exercendo autoridade e produz movimento comunicando-se. As expressões “e houve” (Gn 1.3); “e assim se fez” (Gn 1.7, 9, 11, 15, 24, 30) demonstram que *suas determinações foram cumpridas*. O atendimento de sua palavra resultou em *coisas boas* — na beleza e harmonia do universo, e em todas as esferas da criação dizendo “glória!” (Sl 29.9).

Tanto a criação quanto a nova criação (a ordem das coisas estabelecida pela redenção) têm ligação com a Palavra de Deus. *Salvação*, que é nova criação; *santificação*, que é a organização da alma e da vida de acordo com os comandos divinos e *adoração*, a resposta de amor ao governo de

<sup>24</sup> TEMPLE, William. The Hope of a New World. In: WHALEY, Vernon M. Understanding Music and Worship in the Local Church. Wheaton, IL: Evangelical Training Association, 1995, p. 10, apud PLEW, Paul T. Desfrutando Música e Adoração Espirituais. In: MACARTHUR JR. John. (Ed.). *Pense Biblicamente: Recuperando a Visão Cristã de Mundo*. São Paulo: Hagnos, 2005, p. 285.

<sup>25</sup> HAMILTON, Victor P. *Manual do Pentateuco*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2006, p. 20, sugere uma estrutura alternativa: Introdução (Gn 1.1-2), palavra criadora, cumprimento da palavra, descrição do ato em questão, designação ou bênção, elogio divino e expressão de encerramento.

Deus, ocorrem no contexto da aplicação e prática da Palavra, em nosso caso, das Sagradas Escrituras. Ademais, Gênesis 1—2 demonstra que criatividade e vida não estão dissociados de organização. Daí a possibilidade e necessidade, na adoração, tanto de beleza e vida quanto de “decência e ordem” (1Co 14.40).

Analisaremos uma proposta de uso da Bíblia no culto contemporâneo na 12ª aula. É vital, no entanto, que desde agora saibamos que a adoração antes da queda é uma resposta de amor a Deus, provida e conduzida pela *Palavra*.

## 2.2 A árvore da vida como dom sacramental

Deus revela “o princípio da *vida* em seu potencial máximo, simbolizado de forma sacramental pela árvore da vida”.<sup>26</sup> Como entendemos isso?

- Deus é fonte de *vida* (Gn 2.7). Comungar com ele garante o seu desfrute (Sl 36.9). A separação dele implica em morte.
- Gênesis liga vida ao *prazer*. O jardim plantado por Deus é o lugar de vida (Gn 2.8). Uma vez que o termo hebraico *Eden* ou Éden, tem o sentido provável de “delícia” ou “prazer”,<sup>27</sup> aprendemos que a comunhão com Deus é prazerosa (Sl 16.11). Nele existem delícias verdadeiramente satisfatórias (Sl 36.8). A busca de prazer fora dele ou contrária às ordenanças dele produz frustração (Pv 7.18, 22-27). O Éden é chamado ainda de “paraíso de Deus”, o que indica seu caráter celestial (Ap 2.7). A felicidade plena é uma experiência que ultrapassa as vivências terrenas e está disponível apenas na perfeita e definitiva comunhão com o Criador.
- A árvore da vida simboliza uma *vida espiritual elevada* (Gn 2.9).<sup>28</sup> Ela era assim chamada por ser “um sacramento e um símbolo da imortalidade que seria outorgada a Adão, se porventura perseverasse em seu primeiro estado”.<sup>29</sup> Isso corresponde à transformação do homem, da condição de criatura que podia não pecar (*posse non peccare*), ou seja, a *possibilidade de não morrer*, para a liberdade da glória em bem-aventurança, de não poder pecar (*non posse peccare*), ou seja, a *incapacidade de morrer*.<sup>30</sup>

O adjetivo “sacramental” relaciona-se com o substantivo “sacramento”. Grosso modo, *sacramento é uma coisa material que aponta para outra espiritual*: “Essa é a verdade e mistério prefigurados neste antigo tipo: A árvore da vida — não terrena, mas celestial; [...] não somente um sinal e selo da vida, mas realmente a outorgante dela”.<sup>31</sup> *Esta árvore é Cristo*: “Ele é a única árvore da vida, porque ninguém, exceto Cristo, é o autor da vida eterna [...]. Cristo está no meio da igreja [...] a fim de viver perto de todos e difundir seu poder vivificador entre todos”.<sup>32</sup>

Dito de outro modo, a existência bem-aventurada, suprida e completa é encontrada no desfrute da comunhão e dependência plena de Deus. A adoração é sempre uma *declaração de dependência* — o reconhecimento de que quem somos, o que temos e fazemos de bom, decorrem de seu amor e bondade. O fruto da bem-aventurança eterna pode ser saboreado apenas pelos justos aperfeiçoados — os “vencedores” justificados e santificados por Jesus Cristo (Ap 22.2).

<sup>26</sup> VOS, op. cit., p. 43.

<sup>27</sup> BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEBRA. 2. ed. Revisada e Ampliada (BEG<sup>2</sup>). São Paulo; Barueri: Cultura Cristã; Sociedade Bíblica do Brasil, 2009, nota 2.8, p. 12-13.

<sup>28</sup> Cf. VOS, op. cit., p. 44-45.

<sup>29</sup> TURRETINI, François. *Compêndio de Teologia Apologética*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 724. v. 1.

<sup>30</sup> TURRETINI, op. cit., p. 713.

<sup>31</sup> *Ibid.*, p. 725-726.

<sup>32</sup> *Ibid.*, p. 726.

Posteriormente trataremos dos Sacramentos no culto atual. O que importa neste instante é compreender que no Éden havia uma árvore sacramental que prefigura tanto Cristo quanto os Sacramentos do culto cristão. Deus criou uma árvore não apenas para simbolizar, mas para de fato comunicar vida superior — um *Sacramento*.

### 2.3 A agenda da adoração

Deus separou um dia para descanso e adoração diferenciada. Ele trabalhou seis dias e *shābat*, “descansou” no sétimo. Por causa disso, ele “abençoou” (*bārak*) e “santificou” (*qādōsh*) o sábado (Gn 2.1-3). Em uma passagem correlata, vemos que, quando descansou no sétimo dia, Deus “tomou alento” ou “reanimou-se” (*nāpash*; Êx 31.17).<sup>33</sup>

Sendo assim, destacam-se os seguintes pontos:

- Deus estabeleceu períodos de trabalho (seis dias) entrecortados por um *descanso* no sétimo dia.
- Este descanso foi *abençoado* e *santificado*; nele somos *reanimados* ou “tomamos alento” a fim de cultuar a Deus.

A observância deste “sábado” está contida na *ordem da criação*, tem relação com o culto antes da queda e, portanto, precede a lei (Êx 20.8-11). Deus não apenas providencia um benefício físico, o descanso do corpo, mas também espiritual, uma *agenda para o culto*, a separação de um dia na semana para o deleite nele.

A santificação do sábado indica que o Senhor da criação estabeleceu o modelo pelo qual ele deve ser honrado como Criador. É certamente apropriado que se separe tempo para o culto a Deus. Mediante a santificação do sábado, Deus indicou que espera que os homens apresentem regularmente a si mesmos, bem como os frutos de seu trabalho, para serem consagrados diante dele.<sup>34</sup>

A mudança do dia de culto do sábado para o domingo é explicada na aula 8. Reconheçamos, por ora, que Deus estabeleceu um dia para repouso e adoração — um *dia do Senhor*.

### 2.4 A formatação divina dos adoradores

O relato de Gênesis contém três detalhes importantes sobre o modo como Deus preparou o homem para adorá-lo:

1. O ser humano foi qualificado para a adoração.
2. O ser humano adoraria a Deus realizando as tarefas para as quais foi criado.
3. O ser humano adoraria a Deus observando um princípio de autoridade.

Entendamos cada um desses detalhes.

#### 2.4.1 Criados por Deus e qualificados para a adoração

O ser humano *não é Deus*. Qualquer crença ou forma de adoração que almeje ser bíblica tem de reconhecer esta separação entre Criador e criatura (a Bíblia rejeita todo tipo de panteísmo).<sup>35</sup>

---

<sup>33</sup> O Criador “não se cansa nem se fatiga” (Is 40.28). Sendo assim, temos de compreender que em Gênesis 2.1-3 e Êxodo 31.17, ele acomoda sua linguagem à nossa capacidade de percepção. Deus fala “conosco como que a balbuciar, como as amas costumam fazer com as crianças”, descendo de sua altura a fim de nos ajudar, em vista da “pobreza de nossa compreensão” (CALVINO, João. *As Institutas: Edição Clássica*. 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, I.XIII.1).

<sup>34</sup> ROBERTSON, O. Palmer. *O Cristo dos Pactos*. 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 63. Cf. LONGMAN III, Tremper. *Emanuel em Nosso Lugar*. São Paulo: Cultura Cristã, 2016, p. 135: “O fato de que o sábado estava, num sentido, embutido dentro da criação nos alerta para não dispensar o sábado rapidamente como uma instituição temporária”.

<sup>35</sup> O panteísmo é uma “doutrina filosófica caracterizada por uma extrema aproximação ou identificação total entre Deus e o universo, concebidos como realidades conexas ou como uma única realidade integrada” (HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro

Gênesis nos coloca em nosso lugar devido, de seres finitos e dependentes. Ao nos criar “à imagem” e “conforme” a sua “semelhança” (Gn 1.26-27), o Senhor nos qualificou para a adoração. Por causa desta configuração nós podemos “conhecer e amar e adorar a Deus, e, dessa forma, ter prazer nesse relacionamento em que Deus é glorificado”.<sup>36</sup>

#### 2.4.2 Criados para adorar enquanto obedecemos

Fomos feitos para cumprir três mandatos: *Espiritual* (amar e servir a Deus com tudo o que somos, temos e fazemos), *social* (amar ao próximo) e *cultural* (administrar a criação como vice-gerentes de Deus). O modo como transcorre a narrativa da criação denota que o ideal divino é que o adoremos enquanto o obedecemos; o cumprimento de cada mandato é tanto para nosso bem, quanto para a glória de Deus.

Lemos em Gênesis 2.15 que o homem deveria “cultivar” ou “servir como um adorador” (*‘abad*). Este termo aparece 290 vezes no AT. Sua raiz aramaica tem o sentido de “fazer” e provém de “uma raiz árabe” cujo significado é “adorar” ou “obedecer (a Deus)”.<sup>37</sup> Outro vocábulo importante é “guardar”, ou seja, “cuidar” ou “vigiar” o jardim (*šamar*). Esta palavra é usada em conexão com a observância dos preceitos divinos (Gn 18.19; Êx 20.6; Lv 18.26).

Adão comungava com Deus em amor *cumprindo suas ordenanças*; essa é a essência do culto verdadeiro (Dt 6.4-5; 1Sm 15.22-23; Mq 6.8; cf. Is 1.10-20; Jo 14.15, 21, 23-24).

#### 2.4.3 Criados para adorar exercendo ou nos submetendo à autoridade

Uma única vez, em Gênesis 1—2, é afirmado que algo *não* é bom: O homem viver só (Gn 2.18). Essa expressão abre o relato da criação da mulher, culminando com a primeira palavra humana registrada na Bíblia (Gn 2.23). As palavras finais do capítulo (Gn 2.24-25) estabelecem um motivo e padrão divino para a união conjugal, assinalando o mandato social.

Nos dois versículos que formam o parêntese aberto entre a declaração sobre a solidão do homem (Gn 2.18) e a criação da mulher (a partir de Gn 2.21), Deus traz ao homem “todos os seres viventes”, para que este lhes dê nomes (Gn 2.19-20). Isso equivale a *colocá-los sob domínio*. Logo adiante, *Adão dá nome à sua mulher* (Gn 3.20).<sup>38</sup>

---

de Sales. (Ed.). Panteísmo. In: *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Versão 1.0. Editora Objetivo Ltda., 2009. CD-ROM).

No panteísmo, o universo é considerado “o desenvolvimento de uma substância inteligente e voluntária, embora impessoal, que atinge a consciência só no homem” (STRONG, Augustus Hopkins. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Hagnos, 2003, p. 158. v. 1).

O panteísmo pode ser encontrado, com ênfases diferentes, no Hinduísmo, no Budismo, na Teosofia e ainda em algumas agremiações voltadas para a busca de conhecimento ou desenvolvimento moral do homem. Dentre os problemas encontrados neste sistema, sublinhamos os seguintes: Primeiro, o panteísmo ensina que Deus não é pessoal, mas encontra-se difuso em tudo o que existe: Um riacho é “deus”, uma flor é “deus”, um inseto é “deus” e, por conseguinte, cada ser humano é “deus”. Segundo, biblicamente, adorar é o ato em que a criatura tributa glórias ao Criador. Se cada ser humano é “deus”, a adoração nos moldes bíblicos não é necessária. Meditar a fim de contemplar a divindade interior ou nas coisas que existem substitui o culto prescrito pelas Sagradas Escrituras.

<sup>36</sup> CARSON, D. A. Como Abordar a Bíblia. In: CARSON, D. A. et al. (Ed.). *Comentário Bíblico Vida Nova*. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 16.

<sup>37</sup> KAISER, Walter C. ‘abad. In: HARRIS, R. Laird; ARCHER JR., Gleason L.; WALTKE, Bruce K. (Org.). *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998. p. 1065.

<sup>38</sup> Um estudioso esclarece que “ele [Deus] frequentemente *dava nome* àquilo que criava. [...] A pessoa somente dá nome *àquilo que possui ou sobre o qual exerce jurisdição*” (KAISER JR., Walter C. *O Plano da Promessa de Deus: Teologia Bíblica do Antigo e Novo Testamentos*. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 36; grifo nosso). Somos ainda informados que “no Antigo Oriente Próximo, ‘dar nome’ a algo era ‘invocar seu nome sobre’ determinada pessoa ou coisa, demonstrando a posse e soberania sobre aquilo” (KAISER JR., op. cit., loc. cit.). Para Kidner, “o ato de dar nomes aos animais [...] retrata o homem como monarca sobre tudo” — KIDNER, Derek. *Gênesis: Introdução e Comentário*. 1. ed. Reimp. 1991. São Paulo: Vida Nova; Mundo Cristão, 1979, p. 61. (Série Cultura Bíblica).

Em suma, o próprio Senhor pode arbitrar o modo como cada criatura será chamada, mas confia a tarefa a seu vice-gerente, confirmando o mandato cultural.

Por fim, a mulher provém do homem — este foi criado antes dela (Gn 2.21-22). Estes dados bíblicos definem um padrão: Tanto na relação conjugal quanto no governo da igreja, a liderança é masculina; cabe ao homem o exercício da autoridade no lar e no culto. Este exercício de governo decorre da ordem da criação, não de questões culturais (1Co 11.8-9; 1Tm 2.12-13).

## Conclusão da aula 2

Gênesis 1—2 não contém nenhuma instrução litúrgica explícita. No entanto, há informações que nos ajudam a deduzir elementos e circunstâncias pertinentes para a adoração: A Palavra de Deus; o Sacramento; o Dia do Senhor; o homem respondendo a Deus com obediência (as tarefas cotidianas realizadas como atos de adoração); o homem se submetendo e exercendo liderança conforme a ordem da criação.

## Atividades da aula 2

1. Marque todas as respostas certas. De acordo com William Temple:

Adorar é despertar a consciência pela santidade de Deus e alimentar a mente com a verdade de Deus.

Adorar é despertar a consciência pela santidade de Deus, cantar somente música gospel e abrir o coração para o amor de Deus, consagrando a vontade aos propósitos perfeitos de Deus.

Adorar é purificar a imaginação pela beleza de Deus e abrir o coração para o amor de Deus.

Adorar é despertar a consciência pela santidade de Deus, alimentar a mente com a verdade de Deus, purificar a igreja de instrumentos musicais contemporâneos e abrir o coração para o amor de Deus.

Adorar é consagrar a vontade aos propósitos perfeitos de Deus.

2. Marque Verdadeiro ou Falso. As expressões “e houve” (Gn 1.3); “e assim se fez” (Gn 1.7, 9, 11, 15, 24, 30) demonstram que suas determinações foram cumpridas.

Verdadeiro.

Falso.

3. Quais palavras completam a frase a seguir? A árvore da vida simboliza uma \_\_\_\_\_. Ela era assim chamada por ser “um sacramento e um símbolo da imortalidade que seria outorgada a Adão, se porventura perseverasse em seu primeiro estado”.

4. Marque Verdadeiro ou Falso. Deus não apenas providencia um benefício físico, o descanso do corpo, mas também espiritual, uma agenda para o culto, a separação de um dia na semana para o deleite nele.

Verdadeiro.

Falso.

5. Marque a única resposta certa. Quais são os três detalhes importantes, que nos informam que Deus preparou o homem para adorá-lo?

O ser humano foi qualificado para a adoração. O ser humano adoraria a Deus realizando as tarefas para as quais foi criado. O ser humano adoraria a Deus observando um princípio de autoridade.

O ser humano foi qualificado para a adoração. O ser humano adoraria a Deus cumprindo o mandato cultural e gravando música gospel. O ser humano adoraria a Deus observando um princípio de autoridade.

## Aula 3: A queda e os adoradores verdadeiros e falsos

A imaginação do homem é, por assim dizer, uma perpétua fábrica de ídolos.  
João Calvino.<sup>39</sup>

### Introdução da aula 3

As palavras de Calvino, citadas acima, resumem sua percepção do impacto da queda na adoração. A relação do homem com Deus sofreu grande prejuízo por causa do pecado. Isso é explicado no terceiro capítulo de Gênesis.

### 3.1 Queda, idolatria e autoadoração

No terceiro capítulo do livro de Gênesis surge um novo personagem, *nāḥāsh*, “a serpente”. Este vocábulo está ligado a dois outros termos hebraicos, um substantivo ligado à ideia de “algo reluzente” e um verbo que descreve a prática de adivinhação.<sup>40</sup> Trata-se de um animal “que o SENHOR Deus *tinha feito*” (Gn 3.1), ou seja, não há no cosmos nenhum ser que rivalize com Deus; o opositor que surge é *criatura sujeita à soberania divina*: “O capítulo fala, não do mal invadindo, como se tivesse existência própria, mas de criaturas entrando em rebelião”.<sup>41</sup> A palavra *‘ārōm*, “astuta” ou “sagaz” é usada positivamente em Provérbios significando ação inteligente diante do perigo (Pv 12.16, 23, 13.16, 14.8, 15, 18, 22.3, 27.12; cf. Mt 10.16). Em Jó, porém, o termo descreve as pessoas abominadas por Deus (Jó 5.12, 15.5).<sup>42</sup>

A serpente instiga Eva a desobedecer ao Criador. Sua pergunta — “é assim que Deus disse”? (Gn 3.1) — introduz o diálogo, abre espaço para checar a segurança da mulher acerca da ordem divina e prepara o terreno para o cerne da tentação através de um silogismo:<sup>43</sup>

**Primeira premissa:**<sup>44</sup> *Deus não é confiável* — ele “sabe que no dia em que dele comerdes se vos abrirão os olhos [...]” (Gn 3.5).

**Segunda premissa:** Se Deus não é confiável, *o que ele diz não precisa ser levado a sério* — “é certo que não morrereis” (Gn 3.4).

**Conclusão:** *Vocês podem comer do fruto e, ao fazerem isso, “como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal”* (Gn 3.5).

Eva se vê diante da possibilidade de se estabelecer a partir de uma *ordem alternativa*. Ela não precisa estar mais *sob* Deus uma vez que, ao comer do fruto, será “*como Deus*” (Gn 3.5). Trata-se de uma proposta de *suposta* autonomia. “Quando ela comeu do fruto, a [...] alienação foi consumada. ‘Deus é Deus e eu sou eu, e eu estou preparada para me virar *sozinha*’”.<sup>45</sup> A mulher come do fruto e o dá ao seu marido, que também come (Gn 3.6). O problema é que ao tentar se estabelecer “como

<sup>39</sup> CALVINO, op. cit., I.XI.8.

<sup>40</sup> HAMILTON, op. cit., p. 40.

<sup>41</sup> KIDNER, op. cit., p. 63; cf. HOUSE, Paul R. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Editora Vida, 2005, p. 80.

<sup>42</sup> HAMILTON, op. cit., p. 41.

<sup>43</sup> Em Lógica, silogismo é uma “dedução formal tal que, postas duas proposições, chamadas premissas, delas, por inferência, se tira uma terceira, chamada conclusão” (FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Silogismo*. In: *Dicionário Aurélio Eletrônico* 7.0. Curitiba: Editora Positivo, 2009. CD-ROM). No caso da tentação em Gênesis 3.1-7, trata-se de um silogismo erístico, ou seja, um engano ou “sofisma”.

<sup>44</sup> Premissa é uma proposição, declaração, fato ou princípio.

<sup>45</sup> FRANCISCO, CLYDE T. Gênesis. In: ALEN, Clifton G. (Ed.). *Comentário Bíblico Broadman: Antigo Testamento*. Rio de Janeiro: JUERP, 1987, p. 184. v. 1. Grifo nosso.

Deus”, o homem se assume *contra* Deus. “Daí por diante Deus será tido, conscientemente ou não, como rival e inimigo”.<sup>46</sup> Por isso, “tudo o que o homem faz, o faz para Deus ou contra Deus, redundando em glória e honra a Deus ou a um ídolo”.<sup>47</sup>

Pior, o que está implícito na oferta da serpente é “não confie em Deus; confie em mim” – o oposto de João 14.1. A partir daquele instante, “um reino parasita”<sup>48</sup> é estabelecido no cosmos. A serpente instala um vírus no sistema cósmico, com a finalidade de sublevá-lo e destruí-lo.

O cumprimento da promessa da serpente “foi um grotesco anticlímax do sonho de iluminação. O homem viu o mundo que lhe era familiar, e o contaminou ao vê-lo, projetando o mal sobre a inocência [...] e reagindo ao bem com vergonha e fuga”.<sup>49</sup> O homem que busca a autonomia se separa de Deus e se torna subserviente à serpente, “o príncipe da potestade do ar”, e, por conseguinte, aos seus próprios “delitos e pecados” e ao “mundo” (Ef 2.1-3).<sup>50</sup> O mundo continua sendo de Deus, no entanto, contém dentro de si evidências da rebeldia instigada pela serpente.

Como isso afeta a adoração? Primeiro surge a *idolatria*; o homem passa a adorar a criatura em lugar do Criador (Rm 1.18-23). Um refinamento disso é a *autoadoração* (egolatria).

Não mexe comigo que eu não ando só...  
Eu tenho Jesus, Maria e José  
Todos os pajés em minha companhia  
O menino-Deus brinca e dorme nos meus sonhos  
O poeta me contou.<sup>51</sup>

O padrão perfeito de adoração, estabelecido na criação, é desconsiderado. A alma humana, criada para Deus, é tomada por uma miscelânea de ídolos.

A queda produz um segundo resultado. O homem decadente perde toda e qualquer qualificação espiritual e moral para se apresentar diante de Deus (Sl 14.2-3). A santidade do Criador exige a aplicação da sentença anunciada em Gênesis 2.16-17; o pecado traz morte física e espiritual — a perda da comunhão no jardim e do acesso à árvore da vida (Gn 3.19, 22-24; cf. Ez 18.20; Rm 6.23). Até a queda a adoração é uma experiência de comunhão plena, em que Deus se agrada das obras de Adão e sua mulher. Após a queda, até as boas obras humanas — e isso inclui os rituais da religião — se tornam desagradáveis a Deus (Is 64.6-7). Impetra-se a exigência de uma satisfação de justiça, uma providência para o duplo problema do pecado (singular) enquanto princípio dominante na alma e dos pecados (plural) enquanto atos ou omissões contrárias às ordenanças divinas. A ação da serpente exige a promessa do Redentor, ou seja, por causa da queda é impossível cultuar sem redenção (cf. apêndice 1). Ainda que em Gênesis 3 não haja instrução explícita quanto aos sacrifícios de sangue, a cobertura da nudez do primeiro casal é providenciada pelo próprio Deus e implica na morte de um animal (Gn 3.21).

<sup>46</sup> KIDNER, op. cit., p. 64.

<sup>47</sup> OLIVEIRA, Fabiano de Almeida. *A Relevância Transcendental do Deum et Animam Scire no Pensamento de Herman Dooyeweerd*. São Paulo: Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper, 2004, p. 4. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado, Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper (CPAJ).

<sup>48</sup> VAN GRONINGEN, op. cit., p. 127. O vocábulo “reino” refere-se a um “poder comandante; a manifestação deste poder, o lugar onde este poder é manifestado; e ao domínio que é influenciado” (ibid., p. 127-128). A expressão “parasita” denota que o reino da serpente é “completamente dependente do reino cósmico de Deus. Satanás, como um ser criado, não é autônomo; ele tira todos os aspectos essenciais da sua existência e atividades de sua fonte, o Criador” (ibid., p. 128-129).

<sup>49</sup> KIDNER, op. cit., p. 65. Cf. Gênesis 3.7.

<sup>50</sup> No NT *kosmos*, “mundo” é usado para referir-se ao universo (Mt 25.34), à terra (Mt 4.8), ao somatório dos eleitos de Deus (Jo 3.16), às aquisições e realizações humanas (Mt 16.26, 1Co 7.31) e à cultura influenciada por Satanás, oposta e hostil a Cristo e aos cristãos (Jo 7.7, 8.23, 12.31, 16.33, 17.25; 1Jo 2.15-17).

<sup>51</sup> PINHEIRO, Paulo César. Carta de Amor. In: MARIA BETHÂNIA. *Oásis de Bethânia*. Biscoito Fino, 2012. 1 CD.

Um terceiro resultado precisa ser ainda analisado: Surgem duas linhagens, de verdadeiros e falsos adoradores.

### 3.2 Duas linhagens: Adoradores verdadeiros e falsos

Deus garante o cumprimento do mandato espiritual firmando o pacto da redenção. A serpente é sentenciada à completa humilhação e derrota (Gn 3.13-15).<sup>52</sup> Ela sofrerá um golpe mortal desferido pelo Redentor — este, mesmo ferido, pisará em sua cabeça (Gn 3.15): “A luta amarga terminará com a vitória para a semente da mulher, i.e., para o Messias, e para os regenerados que têm fé nele”.<sup>53</sup>

*Deus institui um conflito irreconciliável* no protoevangelho. Ele estabelece “dentro do cosmos, entre a semente de Satanás e a semente da mulher, uma *linha divisória*, um tremendo abismo que separaria as duas sementes. Essa linha divisória tem sido e deverá continuar a ser chamada a *antítese*”.<sup>54</sup>

A partir de então, a forma como os homens adoram a Deus é configurada pela demarcação de duas linhagens, a “descendência” da serpente (os falsos adoradores) e o “descendente” da mulher (Cristo e seus servos, a igreja; cf. Ap 12.17).<sup>55</sup> O contingente de “verdadeiros adoradores” é constituído daqueles que Deus “procura” e salva (Jo 4.23).

#### Conclusão da aula 3

Como cultuamos a Deus? Por causa da queda, não temos como adorá-lo baseados em nosso próprio entendimento ou obras; precisamos de um Redentor. Há somente dois tipos de adoradores, *falsos* — apóstatas ligados à serpente, obstinados de coração e destinados à perdição — e *verdadeiros* — ligados a Cristo, os servos autênticos de Deus pertencentes à família da aliança.

#### Atividades da aula 3

1. Marque a única resposta certa. As palavras de Calvino, “a imaginação do homem é, por assim dizer, uma perpétua fábrica de ídolos”...

\_\_\_ Resumem sua percepção do impacto da queda na adoração. A relação do homem com Deus sofreu grande prejuízo por causa do pecado.

\_\_\_ Resumem sua percepção do impacto da queda na adoração. A relação do homem com Deus sofreu pouco prejuízo por causa do pecado.

\_\_\_ Resumem sua percepção do impacto da queda na administração da igreja. A relação do homem com Deus não sofreu qualquer prejuízo por causa do pecado.

2. Marque a única resposta certa.

\_\_\_ A serpente de Gênesis 3.1 não rivaliza com Deus; o opositor é uma criatura sujeita à soberania divina.

\_\_\_ A serpente de Gênesis 3.1 luta contra Deus de igual para igual; o opositor é uma criatura alheia à soberania divina.

\_\_\_ A serpente de Gênesis 3.1 é um ser inocente; o opositor é uma criatura sujeita à soberania divina.

3. Marque a única resposta certa. Ao tentar se estabelecer “como Deus”:

\_\_\_ O homem se dobra diante de Deus.

\_\_\_ O homem se assume contra Deus.

<sup>52</sup> KAISER JR., op. cit., p. 40-41.

<sup>53</sup> VAN GRONINGEN, op. cit., p. 155.

<sup>54</sup> Ibid., p. 154. Grifos nossos.

<sup>55</sup> VOS (op. cit., p. 67-72) designa estas duas linhagens de “cainitas e setitas”.

4. Marque a única resposta certa. De acordo com a apostila, as consequências da queda para a adoração são as seguintes:

\_\_\_ Idolatria (o homem adora a criatura em lugar do Criador); decadência e perda de qualificação espiritual e moral (exigindo redenção); surgem duas linhagens, de verdadeiros e falsos adoradores.

\_\_\_ Idolatria (o homem adora a criatura em lugar do Criador); desinteresse em cantar louvores a Deus; surgem duas linhagens, adoradores tradicionais e adoradores missionais.

\_\_\_ Idolatria (o homem adora somente ao Criador); decadência e perda de qualificação espiritual e moral (exigindo redenção); surgem duas linhagens, de verdadeiros e falsos adoradores.

### ANOTAÇÕES

## Aula 4: A necessidade de um princípio regulador

Se Cristo tivesse introduzido mais elementos festivos e agradáveis à sua missão, ele teria sido mais popular, quando as pessoas se afastavam dele por causa da natureza perscrutadora e penetrante do seu ensino. Mas eu não o ouço dizendo: “Corre atrás dessas pessoas, Pedro, e diga a elas que teremos um estilo de culto diferente amanhã, algo mais breve e atrativo, com pouca pregação”. [...] Jesus se compadecia dos pecadores, preocupava-se e chorava por eles, mas nunca procurou diverti-los. *Charles H. Spurgeon*.<sup>56</sup>

### Introdução da aula 4

Temos aprendido que a adoração é uma resposta à revelação de Deus. Por causa da depravação total produzida pela queda, estamos sujeitos aos enganos de nossos corações e de Satanás, mesmo quando empreendemos uma iniciativa religiosa. Precisamos de instrução infalível, vinda do próprio Deus, para que saibamos como conhecê-lo e adorá-lo de modo agradável a ele.

Visto, porém, ser depravada a natureza moral do homem, bem como pervertidos seus instintos religiosos e suas relações com Deus interrompidas pelo pecado, é por isso mesmo evidente que se faz necessária uma explícita e positiva revelação [...] para prescrever os princípios e os métodos segundo os quais esse culto e ministério poderão ser prestados.<sup>57</sup>

Onde encontramos os princípios e métodos confiáveis para a adoração? Vejamos a seguir.

### 4.1 A base para o culto e seu princípio regulador

A única base adequada para o culto é a Escritura. Cultuar corresponde a aplicar o ensino da Bíblia. Toda a vida, especialmente o culto, deve ser uma prática da Palavra de Deus. Um alicerce adequado para a adoração exige, antes de tudo, fidelidade à Bíblia.

A Bíblia é nossa única regra de fé e prática. Isso se aplica à adoração e é resumido no Princípio Regulador do Culto (PRC).<sup>58</sup> Este princípio é simples: *Somente o que é prescrito pela Bíblia pode ser incluído na adoração*. A adoração é bíblica na medida da aplicação do PRC (figura 05); se incluímos no culto coisas que não são ordenadas pela Palavra de Deus, deixamos de adorar biblicamente.

O Segundo Mandamento (Êx 20.4-6) nos proíbe de adorar a Deus orientados por nossas concepções ou imaginação. Isso é afirmado doutrinariamente da seguinte forma:

O modo aceitável de adorar o verdadeiro Deus é instituído por ele mesmo e é tão limitado por sua vontade revelada, que ele não deve ser adorado segundo as imaginações e invenções dos homens, ou sugestões de Satanás, nem sob qualquer representação visível ou de qualquer outro modo *não prescrito nas Santas Escrituras* (Rm 1.20; Sl 119.68; Sl 31.23; At. 14.17 [17.24]; Dt 12.32; Mt 15.9; Mt 4.9, 10; Jo 4.23,24; Êx 20.4-6).<sup>59</sup>

Tal posição pode ser conferida nas palavras de um irmão e pastor:

A maioria dos homens tem alguma forma própria de adorar a Deus, e está tão satisfeita com ela, que pensa que Deus também está. Poucos há, entretanto, que de fato sabem o que significa adorar de modo aceitável à sua majestade. Mas vocês sabem *que não adorar a Deus, ou não adorá-lo do modo*

<sup>56</sup> SPURGEON, Charles H. Feeding Sheep or Amusing Goats (Alimentando Ovelhas ou Entretendo Bodes), in The Banner of Truth, n. 302, (nov. 1988), p. 5-6, apud ANGLADA, Paulo. *O Princípio Regulador no Culto*. São Paulo: PES, [199-?], p. 22.

<sup>57</sup> HODGE, Archibald A. *Confissão de Fé Comentada por A. A. Hodge*. 2. ed. São Paulo: Os Puritanos, 1999, p. 369.

<sup>58</sup> Cf. ANGLADA, op. cit., passim; COSTA, op. cit., passim; VON ALLMEN, J. J. *O Culto Cristão: Teologia e Prática*. 2. ed. Reimp. 2006. São Paulo: ASTE, 2005; ALLEN, Ronald; BORROR, Gordon. *Teologia da Adoração*. São Paulo: Edições Vida Nova, 2002 (especialmente o capítulo 6).

<sup>59</sup> ASSEMBLEIA DE WESTMINSTER. CFW, 21.1. In: BEG<sup>2</sup>, p. 1797. Grifo nosso.

que ele quer ser adorado, significa a mesma coisa. Portanto, a maioria das pessoas não passa de autoadoradores, porque não agradam a Deus com seus cultos, mas a si próprios.<sup>60</sup>



Figura 05. A Bíblia, o PRC e o culto

Os dons criativos concedidos ao homem podem e devem ser utilizados na adoração, mas sempre sujeitos às ordenanças divinas. Bezalel e Aoliabe, artistas crentes contemporâneos de Moisés, dedicaram seus talentos para “fazer toda obra para serviço do santuário, segundo tudo o que o SENHOR havia ordenado” (Êx 36.1). Dito de outro modo:

A criatividade humana deve estar submissa à instituição divina, pois o Deus Trino, que é adorado, estabelece os princípios e as normas para este ato; portanto, o que determina a forma de culto não pode ser um critério puramente estético ou sentimental, mas sim espiritual, teológico e racional, todos subordinados à revelação.<sup>61</sup>

A prática do culto — sua ordem e efetiva tributação a Deus — restringe o homem. De acordo com Hodge, “não temos, em nenhuma circunstância, qualquer direito, com base nos gostos, na forma ou conveniência, de ir *além* da clara autoridade da Escritura”.<sup>62</sup> Martin-Achard afirma que “a Deus, pois, pertence, e somente a Deus, o fixar e modificar as modalidades do serviço que ele exige dos crentes”.<sup>63</sup> Outro autor contrasta esse padrão com o culto contemporâneo:

O culto cristão contemporâneo é motivado e julgado por padrões diversos: Seu valor de entretenimento, seu suposto apelo evangélico, sua fascinação estética, até mesmo, talvez, seu rendimento econômico. [...] o culto deve servir para o louvor do Deus vivo.<sup>64</sup>

Por um lado, o culto autêntico é oferecido em liberdade espiritual (2Co 3.13-18). Por outro, ele limita as inclinações pecaminosas do homem, protegendo-o das artimanhas satânicas. Assim como nada além da revelação da Escritura é confiável como fonte de conhecimento sobre a salvação, nada além dela deve nos instruir quanto à adoração.

#### 4.2 O perigo do princípio normativo de culto

Nem todas as igrejas praticam a adoração bíblica. Em algumas delas a regra vigente é o chamado princípio normativo de culto (PNC). O que é o PNC? É a pressuposição equivocada de que pode ser incluído no culto tudo aquilo que *não for proibido* pelas Escrituras.

<sup>60</sup> BINNING, Hugh, ministro presbiteriano e professor da universidade de Glasgow no século 17, comentando João 4.24; apud ANGLADA, op. cit., p. 21, grifo nosso.

<sup>61</sup> COSTA, Hermisten Maia Pereira da. O Culto Cristão na Perspectiva de João Calvino. In: *Fides Reformata*, v. VIII, n. 2 (2003), p. 78. Cf. FRAME, John. *Em Espírito e em Verdade*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, p. 66-73.

<sup>62</sup> HODGE, op. cit., loc. cit. Grifo nosso.

<sup>63</sup> MARTIN-ACHARD, R. Culto. In: VON ALLMEN, J. J. (Org.). *Vocabulário Bíblico*. 2. ed. São Paulo: ASTE, 1972, p. 82.

<sup>64</sup> GEORGE, Timothy. *Teologia dos Reformadores*. São Paulo: Vida Nova, 1993, p. 317.

Inicialmente o PNC não parece muito diferente do PRC. Para esclarecer a diferença, colocamos os dois postulados lado a lado (tabela 01).

Diferença entre os princípios regulador e normativo de culto	
PRINCÍPIO REGULADOR DE CULTO (PRC)	PRINCÍPIO NORMATIVO DE CULTO (PNC)
Somente o que é prescrito pela Bíblia é incluído no culto	O que <i>não é proibido</i> pela Bíblia é incluído no culto

Tabela 01. As diferenças entre os cultos regidos pelo PRC e pelo PNC

O PNC é perigoso porque não leva em conta que a queda deturpou não apenas nossos instintos morais, mas, também, religiosos. Somos tão inclinados para a idolatria que “não só todo o ensino humano em termos de *doutrina* e de mandamentos, mas também todas [as] formas de culto próprio, de atos e formas de culto estabelecidos pelo homem, são abomináveis para Deus”.<sup>65</sup>

Nós corrompemos a adoração quando acolhemos crenças e práticas que a Bíblia não prescreve. Ao inserir no culto qualquer coisa utilizando apenas o critério da ausência de proibição, nós abrimos espaço para nossas inclinações e sugestões de Satanás.

### 4.3 Os elementos e as circunstâncias do culto cristão

Mesmo afirmando que o culto deve ser prescrito pela Bíblia, admitamos que não há no AT ou NT qualquer prescrição para projetar slides das músicas durante o canto congregacional. A Escritura não instrui também sobre a recepção de visitantes, ou se o coral deve entrar no lugar de adoração em fila ou permanecer assentado desde o prelúdio. Aliás, onde está o mandamento sobre o uso de prelúdio ou poslúdio?

Explicamos dizendo que, no culto, há *elementos e circunstâncias*.

- Elementos são *ordenanças bíblicas absolutas*.
- Circunstâncias abarcam *tudo o que é sujeito a mudanças ou adaptações dependentes da cultura ou contexto*.

Entendamos que mesmo as circunstâncias devem ser ancoradas em um ou mais princípios bíblicos (tabela 02).

Diferença entre elementos e circunstâncias do culto	
ELEMENTO DE CULTO	CIRCUNSTÂNCIA DE CULTO
O que deve ser incluído e não pode ser mudado — aquilo que é bíblicamente <i>prescrito</i>	O que pode ou não ser incluído e pode ser mudado ou adaptado — tem relação com o contexto e é bíblicamente <i>sugerido</i> ou <i>defensável</i>

Tabela 02. As diferenças entre elemento e circunstância de culto

A questão das circunstâncias é esclarecida pela CFW:

Há algumas *circunstâncias*, quanto ao *culto* de Deus e ao governo da igreja, *comuns às ações e sociedades humanas*, as quais têm de ser ordenadas pela *luz da natureza* e pela *prudência cristã*, segundo as *regras da Palavra*, que sempre devem ser observadas (2Tm 3.15-17; Gl 1.8; 2Ts 2.2; Jo 6.45; 1Co 2.9, 10, 12; 1Co 11.13, 14).<sup>66</sup>

Sendo assim, as práticas de projetar as letras das músicas ou implementar um serviço de recepção, são sugeridas pela preocupação apostólica com a prática da hospitalidade, bem como o

<sup>65</sup> HODGE, op. cit., loc. cit.

<sup>66</sup> ASSEMBLEIA DE WESTMINSTER. CFW, 1.6. In: BEG<sup>2</sup>, p. 1787. Grifos nossos.

empenho missionário e pastoral por conversão e edificação das pessoas presentes nos cultos (e.g., 1Co 14.15-16, 24-25). Procedimentos relativos a dirigentes litúrgicos, grupos musicais e outros usos da música, podem ser estabelecidos a partir do princípio bíblico de cultuar com “ordem e decência” (1Co 14.40).

O autor tem conhecimento das discussões envolvendo o uso da música na adoração e considera o louvor com salmos, hinos e cânticos espirituais como *elemento* de culto (cf. aula 11); o modo como este louvor acontece (se oferecido *a capela*, sem acompanhamento de instrumentos musicais, ou por meio de um dueto ou conjunto coral etc.) é *circunstância*. A maneira como as circunstâncias são definidas e gerenciadas pode mudar de igreja para igreja; o importante é que os elementos bíblicos da adoração sejam preservados.

#### Conclusão da aula 4

Uma vez que o verdadeiro culto é obediência, o PRC é um princípio irredutível que sustenta a formulação e prática litúrgica. Nós temos de compreendê-lo e, em seguida, obedecê-lo. Quando desconhecemos ou desconsideramos esta base, surge confusão e todo tipo de dificuldades. O culto contém *elementos* — o que é claramente ordenado na Palavra — e *circunstâncias* — o que é incluído respondendo ao contexto, de acordo com “as regras da Palavra”.

#### Atividades da aula 4

1. Complete a frase: A única base adequada para o culto é a Escritura. Cultuar corresponde a aplicar o ensino da \_\_\_\_\_ . Toda a vida, especialmente o culto, deve ser uma prática da Palavra de Deus.

2. Marque Verdadeiro ou Falso. A Bíblia é nossa única regra de fé e prática. Isso se aplica à adoração e é resumido no Princípio Regulador do Culto (PRC). Este princípio é simples: *Somente o que é proibido pela Bíblia não pode ser incluído na adoração.*

\_\_\_ Verdadeiro.

\_\_\_ Falso.

3. Marque Verdadeiro ou Falso. O Princípio Normativo de Culto (PNC) não leva em conta que a queda deturpou não apenas nossos instintos morais, mas, também, religiosos. Somos tão inclinados para a idolatria que “não só todo o ensino humano em termos de *doutrina* e de mandamentos, mas também todas [as] formas de culto próprio, de atos e formas de culto estabelecidos pelo homem, são abomináveis para Deus”.

\_\_\_ Verdadeiro.

\_\_\_ Falso.

4. Marque a ÚNICA RESPOSTA CERTA.

\_\_\_ *Elementos* são os indivíduos suspeitos que comparecem aos cultos. Eles podem prejudicar a boa ordem do culto, induzindo *circunstâncias* inesperadas.

\_\_\_ *Elementos* são ordenanças bíblicas absolutas. *Circunstâncias* abarcam tudo o que é sujeito a mudanças ou adaptações dependentes da cultura ou contexto. Mesmo as circunstâncias devem ser ancoradas em um ou mais princípios bíblicos.

#### ANOTAÇÕES

# Aula 5: A adoração de Caim e Abel até os patriarcas

As portas da oração jamais se encontram fechadas. *Dt Rabba*.<sup>67</sup>

## Introdução da aula 5

Deus garantiu a continuidade de uma descendência redimida ao firmar uma aliança de redenção. Isso assegurou o prosseguimento do mandato *espiritual*.

Não entendamos Gênesis 3.16 como uma maldição. Apesar da palavra divina à mulher significar que sobre ela recaíram a multiplicação dos sofrimentos da gravidez e uma relação conflituosa com o homem,<sup>68</sup> Deus se revela como gracioso e fiel. Ele adia a aplicação da penalidade pactual e assegura a continuidade da raça humana. Com isso ele ratifica o mandato *social* (a humanidade se multiplicará e estabelecerá comunidades). Além disso ele consolida o pacto da redenção, pois aquele que pisará a cabeça da serpente será um “descendente” da mulher (Gn 2.17; 3.15; Rm 3.21-26; Gl 4.4-5).<sup>69</sup>

A criação é amaldiçoada “por causa” do homem; os processos ditos naturais passam a expressar os sinais da violação do pacto (Gn 3.17-18; Rm 8.18-21).<sup>70</sup> O trabalho se torna desgastante e, ao final de sua existência sofrida, o homem volta ao pó, de onde veio (Gn 3.18-19). Com tais afirmações, mesmo em meio às consequências do pecado, Deus confirma o mandato *cultural*.

O favor divino é percebido por Adão, que dá à sua mulher o nome de *Hawwāh*, “Eva” ou “vida”, e confirmado na providência divina das “vestimentas de peles” (Gn 3.20-21).

Resumindo, Deus poderia com justiça fulminar seus agentes pactuais e se afastar do universo rebelado, “mas nenhuma das duas coisas aconteceu”.<sup>71</sup> Isso significa que o dever e o privilégio de adorar a Deus, ligados ao mandato *espiritual*, permanecem depois da queda.

## 5.1 O culto de Caim e Abel

Gênesis 4.3-5 indica uma prática comum dos filhos de Adão e Eva. Os resultados de seus trabalhos são apresentados a Deus. O termo hebraico *minhā*, traduzido como “oferta” (v. 3, 4) é usado para dádivas feitas para homenagens ou para aliança e descreve tanto oferendas de animais como de cereais.<sup>72</sup> A família adâmica apresentava a Deus ofertas de gratidão, reconciliação e adoração.<sup>73</sup>

O Senhor se comunicava com eles de maneira que eles *tinham consciência* da aprovação ou reprovação de suas oferendas. Não há como saber como se dava essa comunicação.<sup>74</sup> O ponto a destacar é que Deus se agradou “de Abel e de sua oferta” e rejeitou Caim.

Por que Deus acolheu a adoração de Abel e não a de Caim?<sup>75</sup> Somos ajudados pelo NT: “Pela fé, Abel ofereceu a Deus *mais excelente* sacrifício do que Caim; pelo qual *obteve testemunho de ser*

<sup>67</sup> Dt Rabba 11,12, apud DI SANTE, Carmine. *Liturgia Judaica: Fontes, Estrutura, Orações e Festas*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 7.

<sup>68</sup> O texto de Gênesis 3.16 se refere a dor tanto física quanto mental. Cf. YATES, Kyle M. Gênesis. In: PFEIFFER, Charles F. *Comentário Bíblico Moody: Gênesis a Malaquias*. 2. ed. São Paulo: Imprensa Batista Regular, 2010, p. 11. v. 1.

<sup>69</sup> VAN GRONINGEN, op. cit., p. 138-139.

<sup>70</sup> KAISER JR., op. cit., p. 41.

<sup>71</sup> VAN GRONINGEN, op. cit., p. 146.

<sup>72</sup> KIDNER, op. cit., p. 70. YATES, op. cit., p. 12, destaca que o termo designa ofertas religiosas de gratidão e reconciliação. Waltke discorda de Kidner, e argumenta que *minhā* se aplica apenas a “sacrifício incruento”; cf. WALTKE, Bruce K. *Gênesis*. São Paulo: Cultura Cristã, 2010, p. 116. (Comentário do Antigo Testamento).

<sup>73</sup> YATES, op. cit., p. 12. v. 1.

<sup>74</sup> “Assume-se que assim como Deus falava diretamente com Caim, assim se dirigia a Abel”; cf. KISTEMAKER, Simon. *Hebrews*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003, p. 443. (Comentário do Novo Testamento). Henry sugere que Deus “mostrou sua aceitação” da oferta de Abel “provavelmente através de um fogo do céu” (HENRY, Matthew. *Comentário Bíblico: Antigo Testamento: Gênesis a Deuteronomio. Edição Completa*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2010, p. 34. v. 1). Quanto a isso *não podemos senão cogitar; o texto bíblico não nos fornece mais detalhes*.

*justo*, tendo a aprovação de Deus quanto às suas ofertas [...]” (Hb 11.4). É possível afirmar que Deus aprovou a oferta de Abel por duas razões:

1. Abel consagrou *o melhor* a Deus: “trouxe das *primícias* do seu rebanho e da *gordura* deste” (Gn 4.4). O sacrifício dele foi “mais excelente” (Hb 11.4). “A oposição não está entre oferecer vida vegetal e animal, mas entre a oferta sem cuidado e consideração e a oferta selecionada e generosa”.<sup>76</sup>
2. Abel cultuou a Deus *justificado por fé*: Ele “obteve testemunho de *ser justo*” (Hb 11.4). Calvino interpreta corretamente a passagem quando diz que o culto de Abel foi aceito em razão de ter sido oferecido com fé, ou seja, contemplado a Cristo e sua obra redentora.<sup>77</sup>

Gênesis 4.6-24 retrata uma espiral descendente; a humanidade se deteriora a partir de uma falha na adoração. Como consequência da desobediência ao mandado espiritual, surge uma civilização antropocêntrica. O mandado social é distorcido com poligamia e assassinatos fortuitos. O mandado cultural é pervertido; a cultura passa a realizar e criar sem dar glórias ao Criador.

## 5.2 A invocação do nome do SENHOR a partir de Sete

As últimas palavras de Gênesis 4 são alentadoras. Enquanto a linhagem de Caim se afasta do Criador (v. 17-14), Deus suscita uma linhagem de adoradores por meio de *Shet*, Sete, o designado.<sup>78</sup> O santo e bendito nome do SENHOR começa a ser invocado a partir de *’ênôsh*, Enos.<sup>79</sup> Ainda que as palavras deste relato sejam poucas e simples, trata-se de um evento de grande importância: Deus renova e assegura a promessa do Mediador — a expectativa da vinda do Redentor e o consequente esmagamento da cabeça da serpente, frustrada em Caim e na morte de Abel.

---

<sup>75</sup> Há quem sugira que o problema de Caim foi *não oferecer um sacrifício de sangue*. Na versão resumida de seu comentário, Henry afirma que “após a queda, Deus mandou que Adão derramasse o sangue de animais inocentes e, uma vez mortos, queimasse parte de todos os corpos com fogo” (HENRY, Matthew. *Comentário Bíblico de Matthew Henry*. 2. ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2002, p. 19). Outro estudioso argumenta que “o sacrifício de sangue era mais aprazível” a Deus (RAD, G. von. *Genesis*. Philadelphia: Westminster, 1972, p. 104, apud WALTKE, op. cit., loc. cit.).

Não faltam ainda *leituras psicológicas* da passagem, e.g., Abel invocou uma promessa de graça herdada de seus pais, ao passo que Caim ofertou segundo suas próprias concepções religiosas (ARCHER, Gleason. *Enciclopédia de Dificuldades Bíblicas*. São Paulo: Vida, 1997, p. 82). Ou ainda, “Caim agradeceu a Deus por servi-lo. Abel confessou-se servo de Deus” (FRANCISCO, op. cit., p. 187). Estas tentativas são bem-intencionadas, porém, *afirmam o que não consta em Gênesis 4*.

<sup>76</sup> BARKER, Kenneth et al. (Orgs.). *Bíblia de Estudo NVI* (BENVI). São Paulo: Vida, 2003, p. 12.

<sup>77</sup> CALVINO, João. *Comentário à Sagrada Escritura: Exposição de Hebreus*. São Paulo: Edições Paracletos, 1997, p. 302. Para Calvino, depois da queda, “sob a lei, somente ao povo eleito se prometeu o Redentor. Donde se segue que *jamais culto algum agradou a Deus a não ser aquele que contemplasse a Cristo*” (CALVINO, João. *As Institutas: Edição Clássica*. 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, II.VI.1; grifo nosso). Entenda-se que esta contemplação de Cristo não exige, necessariamente, um sacrifício cruento. No AT, mesmo as ofertas de aroma agradável a Deus (oferecidas sem sacrifício de sangue), só eram aceitáveis porque apontavam para a obra de reconciliação entre Deus e o homem, que seria consumada pelo Redentor (cf. seção 6.1).

Explicando o sentido dos termos “testemunho” e “aprovação”, em Hebreus 11.4, a nota de rodapé da primeira edição da *Bíblia de Estudo de Genebra* afirma que “a palavra grega, usada duas vezes neste versículo se encontra também nos v. 2, 5, 39. Abel é o primeiro exemplo de alguém que recebeu esta aprovação divina como *justo que vivia pela fé*” (BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEBRA. 1. ed. (BEG<sup>1</sup>). Barueri; São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil e Cultura Cristã, 1999, p. 1478; grifo nosso). Kistemaker (op. cit., p. 441) entende que Abel e Caim personificam o contraste “entre fé e descrença”. Abel, como primeiro representante da lista dos “heróis da fé do AT”, é “o pai dos crentes da era anterior a Abraão” (ibid., p. 443; grifo nosso).

<sup>78</sup> A BEG<sup>1</sup>, p. 16, sugere o sentido de “apontado”. A *BÍBLIA TRADUÇÃO ECUMÊNICA* (São Paulo: Loyola, 1994, p. 30), sugere um jogo de palavras entre *Shet* e *shat*, “suscitou”.

<sup>79</sup> É possível entender este nome como “homem mortal, pessoa”. Cf. MCCOMISKEY, Thomas E. *’ênôsh*. In: HARRIS; ARCHER JR.; WALTKE, op. cit., p. 98.

### 5.3 A adoração dos patriarcas

Os patriarcas invocam o nome do SENHOR edificando altares (Gn 12.7-8; 13.4, 18; 26.25; cf. 21.33; 33.20; 35.1, 3, 7).<sup>80</sup> Não sabemos a compreensão exata que eles têm dos sacrifícios. No entanto, tanto Noé quanto Abraão parecem familiarizados com os holocaustos (Gn 8.20; 22.2). Após um acordo de paz com Labão, Jacó oferece um sacrifício (Gn 31.54). Ele também sacrifica a Deus antes de se mudar com toda a família para o Egito (Gn 46.1).

Alguns detalhes da adoração patriarcal são relevantes para nosso estudo. Primeiro, as ideias de “andar com Deus” — cf. Enoque, Noé e Abraão (Gn 5.22,24; 6.9; 17.1) — e “achar graça diante do SENHOR” (Gn 6.8). Ademais, Deus toma a iniciativa de se revelar àqueles homens, chamando-os à comunhão, apesar de suas muitas fraquezas e pecados (Gn 6.13-22; 9.8-19; 12.1-3; 26.2-6, 24; 32.1-2; 22-31; 35.9). Os patriarcas são recipientes da divina revelação, agentes do pacto e adoradores verdadeiros.

#### Conclusão da aula 5

O relato da adoração de Caim e Abel permite três formulações ou aplicações:<sup>81</sup>

1. A adoração não é uma invenção nova.
2. É bom ensinar os filhos desde cedo a participar do culto.
3. Cada um deve honrar a Deus com o melhor do que é, faz e tem.

Os patriarcas nos ensinam que cultuar é andar com Deus, e isso é possível *somente pela graça*.

#### Atividades da aula 5

1. Marque a ÚNICA RESPOSTA CERTA. O culto de Abel foi bem-recebido por Deus pelas seguintes razões:

- Abel consagrou o melhor a Deus e cultuou a Deus justificado por fé.
- Abel ofereceu um sacrifício de sangue.

2. Marque a ÚNICA RESPOSTA CERTA. As últimas palavras de Gênesis 4, sobre a invocação do nome do Senhor a partir do nascimento de Sete, indicam que...

- Deus renovou e assegurou a promessa do Mediador e Redentor depois da morte de Abel.
- Todo culto deve ser iniciado com um ato de invocação do Senhor.

3. Complete a frase: Os patriarcas nos ensinam que cultuar é andar com Deus, e isso é possível *\*somente\** pela *graça*.

#### ANOTAÇÕES

<sup>80</sup> Até mesmo Agar, escrava de Abraão, invocou a Deus após receber uma revelação (Gn 16.13). Tais altares eram instâncias de cultos familiares ou marcos da manifestação divina em ocasiões singulares. O culto dos patriarcas não era “livre” ou “fácil”, mas submetia-se, também, a ordenanças divinas. Cf. KIDNER, op. cit., p. 162; HOUSE, op. cit., p. 101-102.

<sup>81</sup> Estas aplicações são sugeridas por HENRY, 2010, p. 33. v. 1.

## Aula 6: A adoração no tabernáculo, no templo e na sinagoga

Volta, com misericórdia a Jerusalém, tua cidade; reedifica-a como edifício eterno, rapidamente, em nossos dias. Sê bendito, Senhor, que reedificas Jerusalém. *Tefillah, 14ª bênção.*<sup>82</sup>

### Introdução da aula 6

Nesta aula olharemos para o desenvolvimento da teologia e prática da adoração institucionalizada de Israel, no tabernáculo, no templo de Jerusalém e na sinagoga.

#### 6.1 A adoração no tabernáculo

O tabernáculo é a tenda sagrada que Deus mandou Moisés construir durante a peregrinação do povo no deserto (Êx 25.8-9; Lv 26.11-12). Deus é destacado no centro da vida de Israel, ministrando graça (Êx 25.8; 29.43-46).

Apesar de ser construído com materiais nobres, comparado com os templos de Salomão e Herodes, o tabernáculo é simples. Além disso, ele é móvel (Nm 9.15-23). O trabalho do tabernáculo é mantido pelos levitas e sacerdotes.<sup>83</sup> Os primeiros são “ministros do tabernáculo”<sup>84</sup> incumbidos de “desmanchar, transportar e erigir o tabernáculo”, ou seja, auxiliam aos sacerdotes (Nm 3.5-7).<sup>85</sup> Estes últimos, separados dentre os filhos de Arão (Nm 3.10), se dedicam primariamente aos sacrifícios do tabernáculo e agiam como mediadores e ministros da Palavra (cf. Os 4.6).<sup>86</sup>

A adoração no tabernáculo destaca a comunhão com Deus restabelecida pela expiação.<sup>87</sup> Os animais sacrificados substituem o pecador — recebem sobre si o castigo devido pelas transgressões. O livro de Levítico (1—7) detalha como deve ser essa punição substitutiva, bem como as demais ofertas (tabela 03).<sup>88</sup>

Internamente a tenda sagrada é dividida em duas partes separadas por um véu, quais sejam, o lugar santo e o santo dos santos (Êx 26.33). Na primeira ficam a mesa com os pães da proposição, o candelabro e o altar de incenso (Êx 25.23-30, 27.20-21 e 30.1-10). No santo dos santos fica a arca da aliança coberta pelo propiciatório (Êx 25.10-22).

---

<sup>82</sup> DI SANTE, op. cit., p. 111.

<sup>83</sup> Os levitas eram “sustentados pelos dízimos” entregues pelo povo e os sacerdotes “recebiam as porções das ofertas não consumidas pelos sacrifícios do rebanho vacum e ovino, e o dízimo levítico” (COATES, R. J. Sacerdotes e Levitas. In: DOUGLAS, J. D. (Ed.). *O Novo Dicionário da Bíblia*. 1. ed. Reimp. 1986. São Paulo: Vida Nova, 1962, p. 1427. v. 2.).

<sup>84</sup> COATES, op. cit., p. 1426.

<sup>85</sup> As três divisões da tribo de Levi foram responsabilizadas pelas cortinas, móveis e armação do tabernáculo (Nm 3.21-26, 29-37; 4.29-33). Ademais, os levitas representavam o povo em alguns “rituais de purificação e dedicação” (COATES, op. cit., loc. cit.; cf. Nm 8.5-6). Esse aspecto representativo é realçado pelo próprio modo como eles montavam suas tendas no acampamento de Israel — em torno do tabernáculo (ibid., loc. cit.; cf. BEG<sup>2</sup>, p. 185).

<sup>86</sup> Havia ainda “sacerdotes levitas”. Cf. Deuteronômio 32.9 na *BÍBLIA DE ESTUDO NOVA TRADUÇÃO NA LINGUAGEM DE HOJE*. Barueri: Sociedade Bíblia do Brasil, 2005, p. 193; COATES, op. cit., loc. cit.

<sup>87</sup> Expiação é “o ato pelo qual Deus restaura o relacionamento de harmonia e unidade entre ele e os seres humanos” (YOUNGBLOOD, Ronald F. (Ed.). *Dicionário Ilustrado da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 2004, p. 535). Trata-se do pagamento exigido pelo pecado, uma “satisfação ou substituição penal” (BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*. 4. ed. Reimp. 2015. São Paulo: Cultura Cristã, 2012, p. 343). Morris afirma que “a necessidade de expiação se torna evidente por três coisas: a universalidade do pecado, a seriedade do pecado, e a incapacidade do homem resolver o problema do pecado” (MORRIS, Leon. Expiação. In: DOUGLAS, J. D. (Org.). *O Novo Dicionário da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 1986, p. 578. v. 1).

<sup>88</sup> Observe-se que não havia expiação para os chamados pecados deliberados, cometidos em desafio às leis de Deus (cf. Nm 15.30-31 — lit. “de punho erguido”). Uma excelente explicação sobre cada oferta é fornecida por LONGMAN III, op. cit., p. 67-85. Cf. SANTOS, Jonathan F. *O Culto no Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1986, p. 133; TURNBULL, M. Ryerson. *Estudando o Livro de Levítico e a Epístola aos Hebreus*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1981, p. 18-44.

O sacerdote entra no santo dos santos apenas uma vez por ano, no dia da expiação (Yom Kipur), que acontece no décimo dia do sétimo mês (Lv 16.1-34). Tal cerimônia deve ser guardada como “estatuto perpétuo” (v. 34). A ocasião é para solenidade, “aflição de alma” (v. 29) e contrição agradecida.

Os sacrifícios e as ofertas do tabernáculo	
<b>Holocausto</b>	De aroma agradável (Lv 1, especialmente v. 3-5). O animal é cortado em pedaços e inteiramente queimado (Lv 1.6-9). Tudo ocorre fora da tenda. Significa a apresentação voluntária da vida completa a Deus (Lv 1.3, 5, 8, 11-13, 15-17; cf. Rm 12.1-2).
<b>Oferta de manjares</b>	De aroma agradável, representa gratidão pelo sustento (Lv 2). Oferece-se flor de farinha (a “melhor farinha”; NVI) e bolos assados sem fermento ou mel (Lv 2.1-2, 4, 11-12). Sal e azeite são colocados sobre tudo (Lv 2.6-7, 13). Uma porção memorial é queimada e o restante pertence ao sacerdote (Lv 2.9-10).
<b>Sacrifícios pacíficos</b>	De aroma agradável, representa comunhão decorrente da propiciação (Lv 3). Um bovino, ovino ou caprino é morto, e seu sangue, aspergido sobre o altar (Lv 3.1-2). Parte do animal é queimada (v. 3-5); é a única oferta que o adorador pode comer (Lv 7.15-16).
<b>Oferta pelo pecado</b>	Expiação pelos pecados cometidos por ignorância (fraqueza ou inconstância). Não é de “aroma agradável”, uma vez que aponta para a morte de Cristo sob a ira de Deus (Lv 4.1— 5.13; cf. Mt 27.46; Gl 3.13). Um novilho é imolado e seu sangue é colocado nos chifres do altar do incenso, derramado à base do altar do holocausto e aspergido sete vezes diante do véu do santuário. Em seguida, sua carcaça é queimada fora do acampamento (cf. Hb 13.10-13).
<b>Oferta pela culpa</b>	Expiação pelos pecados de usurpação, inconscientes e contra o próximo. Não é de “aroma agradável”, pela mesma razão da oferta anterior (Lv 5.14—6.7). Além da imolação de um carneiro sem defeito, exige-se a restituição com juros de 20% (Lv 5.15-16; 6.2-5). Trata da expiação pelos pecados de usurpação das coisas sagradas (deixar de pagar o dízimo, comer partes do sacrifício destinadas aos sacerdotes ou deixar de resgatar o primogênito — v. 15-16), pelos pecados inconscientes (v. 17) e de ofensa contra o próximo (atos de desonestidade — v. 2-5). O adorador reconhece que Deus exige retidão nos pequenos detalhes.

Tabela 03. Os sacrifícios e ofertas do culto no tabernáculo

O tabernáculo fornece um modelo de culto *celestial*. No que diz respeito à sua *forma*, o culto no tabernáculo *perdeu sua validade (é obsoleto)*: As cerimônias judaicas, em si mesmas, são *ineficazes* “para aperfeiçoar aquele que presta culto” (Hb 9.9-10); são um preparativo para a vinda do Redentor. Por outro lado, quanto ao *conteúdo*, o tabernáculo revelado a Moisés é *relevante*. O autor da carta aos Hebreus diz que o mesmo é sombra e figura das “coisas celestes” (Hb 8.5). Em outro lugar, lemos que a tenda mosaica é chamada de “primeiro tabernáculo”, como a indicar que *existe um segundo*, que é o *celestial*, onde Cristo penetrou para oferecer o seu próprio sangue ao Pai, como Sumo Sacerdote (Hb 9.6-8, 11, 23-24; cf. Ap 7.15; 8.3-4; 11.19; 14.15, 17; 15.5, 6, 8; 16.1, 17).

Três elementos se destacam na adoração do tabernáculo:

1. *Instrução* (os cerimoniais doutrinavam sobre a justiça e graça de Deus, o modo de salvação mediante Cristo e a necessidade de santidade do adorador).
2. *Oração* (praticada pelos sacerdotes em favor do povo, e pelos adoradores que consagravam suas ofertas e apreendiam, por fé, os benefícios da expiação).
3. *Consagração* (efetivada especialmente nos holocaustos, sacrifícios e ofertas pacíficas).

Sendo assim, o culto ensinado a Moisés possui um caráter imutável. Ainda que a liturgia seja adaptável a cada cultura e geração, é imprescindível que reflita o tabernáculo destacando a centralidade de Deus na vida, a comunhão com base na obra expiatória do Redentor, a exaltação de Deus e o homem em seu lugar devido (humilhação e dependência) e o aprendizado da vontade divina. Aspectos fundamentais decorrentes dessas realidades espirituais devem ser enfatizados: A

referência ao Calvário, o chamado ao arrependimento e confissão, a declaração do perdão de pecados, o reconhecimento de Deus como Criador Soberano, Juiz e Redentor e a resposta do crente com gratidão e consagração. Ademais, o culto prestado pela igreja deve sempre espelhar o culto perfeito a Deus no céu.

A compreensão do culto no tabernáculo nos auxilia a corrigir algumas ideias equivocadas sobre adoração. Se somos inclinados à sofisticação, o tabernáculo nos aponta a simplicidade. Entendemos que nós mesmos podemos definir os parâmetros para a adoração, mas Deus nos ensina que temos de depender dele — ser instruídos em cada passo do planejamento do culto (Êx 25.1—31.18; 35.4—40.38). Queremos destacar o homem? O tabernáculo proclama em alto e bom som que Deus é quem deve estar no centro e que tudo no culto deve redundar — unicamente — em glória ao Senhor. Precisamos do Mediador; precisamos ser humilhados e aprender a ouvir, obedecer e honrar ao nosso Criador. Temos ainda de nos envolver materialmente com o sustento e manutenção do culto divino.

É possível ainda sugerir que, nos termos da revelação bíblica do tabernáculo, o fato do culto ser dirigido por Deus não dispensa o planejamento e a execução cuidadosos. Por fim, o ideal é que cada ato da liturgia seja pedagógico, ou seja, contribua para a edificação.

## 6.2 A adoração no templo

O templo é a segunda instância do culto institucionalizado na Bíblia. Historicamente foram construídos dois templos em Jerusalém. O segundo templo foi construído por Zorobabel e reformado (na verdade, completamente remodelado) por Herodes.

### 6.2.1 O templo de Salomão

Davi transfere a arca da aliança para Jerusalém (1Cr 13.1-4).<sup>89</sup> Após se instalar em seu palácio, ele demonstra a intenção de edificar um abrigo adequado para a arca, mas é informado por Deus que quem construirá o santuário não será ele, e sim seu descendente (1Cr 17.1-6, 11-14). O rei acolhe a palavra profética, incumbe Salomão de empreender a obra, levanta recursos e estabelece estrutura e parâmetros para a adoração (1Cr 22.1-5, 17-19; 23.1—26.28; 28.1-21).

Salomão finaliza o empreendimento, inaugurando-o em uma cerimônia grandiosa, cujo clímax é a manifestação da glória divina (2Cr 2.17—4.22; 5.1-3, 6.1-42; 7.1-3). Nesta mesma noite Deus renova a aliança (2Cr 7.11-22).

A estrutura interna do templo segue as divisões do tabernáculo, com o diferencial das dimensões mais amplas e acabamento mais luxuoso. O templo de Salomão foi considerado como uma das “maravilhas do mundo antigo” e as palavras da rainha de Sabá nos ajudam a compreender sua beleza e magnificência.

4 Vendo, pois, a rainha de Sabá toda a sabedoria de Salomão, e a casa que edificara, 5 e a comida da sua mesa, e o lugar dos seus oficiais, e o serviço dos seus criados, e os trajes deles, e seus copeiros, e o holocausto que oferecia na Casa do SENHOR, *ficou como fora de si* 6 e disse ao rei: Foi verdade a palavra que a teu respeito ouvi na minha terra e a respeito da tua sabedoria. 7 Eu, contudo, não cria naquelas palavras, até que vim e vi com os meus próprios olhos. Eis que não me contaram a metade: sobrepujas em sabedoria e prosperidade a fama que ouvi. 8 Felizes os teus homens, felizes estes teus servos, que

---

<sup>89</sup> Isso é feito em duas etapas. Na primeira a arca é deixada na casa de Obede-Edom por causa da morte de Uzá (1Cr 13.5-14). Compreendendo que seu transporte deve atender às prescrições mosaicas, Davi arregimenta levitas para a tarefa (1Cr 15.1-15). A arca é colocada sob uma tenda em Jerusalém e em sua chegada são oferecidos “holocaustos e ofertas pacíficas” (1Cr 15.25-28; 29.1). Observe-se que o tabernáculo mosaico se fixa em Siló (1Sm 1.3, 9, 19, 24; 2.11; 3.3), depois em Nobe (1Sm 21.1-6) e, por fim, em Gibeão. Neste momento da história há duas tendas, a mosaica, com o altar de sacrifício, em Gibeão (1Cr 16.39; 21.29) e a construída por Davi, em Jerusalém, com a arca da aliança (1Cr 15.1; 16.1).

estão sempre diante de ti e que ouvem a tua sabedoria! 9 Bendito seja o SENHOR, teu Deus, que se agradou de ti para te colocar no trono de Israel; é porque o SENHOR ama a Israel para sempre, que te constituiu rei, para executares juízo e justiça (1Rs 10.4-9).

O templo de Salomão é chamado de *primeiro templo* e subsiste de 966 até 586 a.C.<sup>90</sup>

### 6.2.2 O templo de Zorobabel

Nabucodonosor, rei da Babilônia, invade Jerusalém e destrói o edifício salomônico durante o reinado de Zedequias (2Cr 36.11-21). O deslocamento do poder da Babilônia para a Média-Pérsia possibilita a construção do *segundo templo*, uma estrutura bem mais simples do que a anterior (Ed 3.12-13).

Diferentemente do Primeiro Templo, este templo não tinha a Arca da Aliança, o Urim e Tumim, o óleo sagrado, o fogo sagrado, as tábuas dos Dez Mandamentos, os vasos com Maná nem o cajado de Aarão. A novidade deste templo é que havia, na sua corte exterior, uma área para prosélitos que eram adoradores de Deus, mas sem se submeter às leis do Judaísmo.<sup>91</sup>

Tal empreendido, realizado sob Zorobabel, é utilizado de 516 até 169 a.C.<sup>92</sup>

### 6.2.3 O templo de Herodes

O templo da época de Jesus é chamado de *Segundo Templo*, apesar de ser uma terceira versão do santuário de Jerusalém. A obra é publicada como uma *reforma*, mas, na verdade, Herodes o Grande reconstrói e remodela completamente o templo da época de Zorobabel.<sup>93</sup> A obra já durava 46 anos quando o Filho de Deus realizou sua “purificação” (Jo 2.13-20). Foi inaugurada no ano 65 e, no ano 70, a estrutura foi destruída pelos soldados romanos e nunca mais foi reconstruída. Hoje em seu lugar, há um santuário muçulmano.<sup>94</sup>

### 6.2.4 A música nas épocas do primeiro e do segundo templo

Além de compor Salmos, Davi contribui com o culto judaico e cristão regulamentando o uso de louvores na adoração do templo. Ele revitaliza e altera o ministério levítico (tabela 04).<sup>95</sup> Antes de sua morte existem 38 mil levitas, homens maiores de trinta anos; quatro mil designados especialmente para o louvor (1Cr 23.1-23; cf. v. 5; 1Cr 9.33).<sup>96</sup>

<b>Levitas até Davi</b>	Ligados ao tabernáculo
<b>Levitas a partir de Davi</b>	Ligados ao templo e responsáveis pela música

Tabela 04. A mudança do ministério levítico a partir de Davi

<sup>90</sup> NELSON, Thomas. *Manual Bíblico de Mapas e Gráficos*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003, p. 132.

<sup>91</sup> WIKIPÉDIA. Templo de Jerusalém. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Templo\\_de\\_Jerusalém](https://pt.wikipedia.org/wiki/Templo_de_Jerusalém)>. Acesso em: 31 jan. 2017.

<sup>92</sup> NELSON, op. cit., loc. cit.

<sup>93</sup> Alguns o denominam *segundo templo*, apenas “reformado por Herodes, com a finalidade de “fornecer uma lembrança eterna de seu nome entre os judeus”. Cf. STIGERS, H. G. Templo de Jerusalém. In: TENNEY, Merrill C. (Org.). *Enciclopédia da Bíblia Cultura Cristã*. São Paulo: Cultura Cristã, 2008, p. 803. v. 5.

<sup>94</sup> De acordo com o Islã, Maomé subiu aos céus do lugar onde hoje se encontra a referida mesquita. Cf. PACOMIO, Luciano; VANETTI, Pietro. (Org.). *Pequenos Atlas Bíblico: História, Geografia, Arqueologia da Bíblia*. Aparecida, SP: Editora Santuário, 1996, p. 59.

<sup>95</sup> Davi desobriga os levitas de transportar os itens do tabernáculo; todas as suas responsabilidades passam a estar ligadas ao serviço do templo (1Cr 23.25-32). A consolidação da adoração no templo equivale à prática das instruções deixadas por Davi (2Cr 8.14-15). São estabelecidos os levitas músicos e cantores (1Cr 15.16). Os louvores passam a ser entoados “com címbalos de bronze” (1Cr 15.19), “em voz de soprano” (1Cr 15.20) e “em voz de baixo” (1Cr 15.21) e a direção do canto deve ser feita por *peritos* (1Cr 15.22).

<sup>96</sup> Os cantores se vestem de linho fino e louvam ao som dos instrumentos, acompanhados de 120 sacerdotes (2Cr 5.12-13). Sob os cuidados de Asafe, Hemã e Jedutum, a música se destina à edificação da fé (1Cr 15.16, 25.1, 16.41-42).

O hinário utilizado é o livro dos Salmos (Sl 9.11; 47.6; 68.4, 32-34; 81.1-2; 96.1-2; 105.2; 135.3; 147.7). Como Palavra inspirada, os Salmos estabelecem uma prescrição: Os louvores *devem* constar na adoração.<sup>97</sup>

Quanto aos instrumentos musicais do *primeiro templo*, “o toque da trombeta de chifre de carneiro, [é] seguido pelo som do saltério e da harpa (1Cr 25.1), bem como o som dos címbalos de cobre (1Cr 15.19)”.<sup>98</sup> Os “címbalos sonoros” e “retumbantes”, citados em Salmos 150.5, antes importantes “na história hebraica primitiva, [são] *gradualmente eliminados do uso durante o período do segundo templo*”.<sup>99</sup>

Quanto ao estilo da música, é possível que, na época do segundo templo, seja executado um padrão marcado por três centros tonais, correspondentes aos modos dório, frígio e lídio dos gregos antigos.<sup>100</sup> Sendo assim, a música cantada no templo é pertinente para os atos de adoração: Reverente, profunda e adequada para a elevação da alma (Sl 25.1).

### 6.3 A adoração na sinagoga

O termo grego *synagōgē*, “sinagoga” significa “reunião”<sup>101</sup> — um ajuntamento de crentes centrado em “estudo e aprendizagem”.<sup>102</sup> Suas raízes são encontradas nos grupos que se congregam para ouvir os levitas ou profetas, no período pré-exílico<sup>103</sup> e nas reuniões em lares durante o exílio (Ez 8.1). A sinagoga é importante para preservar a fé dos judeus, estabelecendo uma malha de comunhão e devoção dentro e fora do território palestino.<sup>104</sup>

---

<sup>97</sup> Em Salmos 40.3, *shîr*, “cântico” é usado como sinônimo de *t<sup>e</sup>hillâ*, “hino de louvor”. Em outros lugares há um chamado para que entoemos um “novo cântico” (Sl 33.3; 96.1-2; 98.1-2; 144.9-11; 149.1-2) o que não significa, necessariamente, adorar a Deus com canções novas, mas considerar nossa própria experiência de salvação no contexto do louvor já conhecido — cf. WEISER, Artur. *Os Salmos*. São Paulo: Paulus, 1994, p. 247. (Coleção Grande Comentário Bíblico). Para Calvino, a expressão do salmista simplesmente descreve o livramento que este recebera de Deus (CALVINO, João. *Comentário à Sagrada Escritura: O Livro dos Salmos*. São Paulo: Paracletos, 1999, p. 216. v. 2). Este entendimento é compartilhado por HARMAN, Allan. *Salmos*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 185. (Comentário do Antigo Testamento).

<sup>98</sup> M’CAW, Leslie S. Salmos. In: DAVIDSON, F. (Ed.). *O Novo Comentário da Bíblia*. 1. ed. 1963. Reimpressão 1985. São Paulo: Vida Nova, 1985, p. 626. v. 1.

<sup>99</sup> HUSTAD, op. cit., p. 57. Grifo nosso. Isso ocorreu porque eles “estavam proeminentemente associados com a prática da idolatria da Mesopotâmia, e mesmo com as seitas judaicas heréticas, e, portanto, foram considerados ‘impuros’” (ibid., loc. cit.). Em suma, Israel, escaldado pelo exílio e tomando cuidado para não cair novamente no pecado da idolatria, preferiu não utilizar determinados instrumentos na adoração. Isso significa que devemos ter cuidado ao tentar aplicar versículos de Salmos 150 à adoração atual; o melhor a fazer é enfatizar somente os elementos ratificados no modelo de culto do NT.

<sup>100</sup> Abraham Zvi Idelsohn (1882-1938), considerado “o pai da musicologia moderna”, pesquisou melodias tradicionais da música hebraica em todo o mundo e encontrou “motivos recorrentes e progressões” distintas de “qualquer outra música nacional”. Ele sugeriu, a partir disso, “uma origem comum para essas frases musicais que remonta a Israel ou à Palestina do 1º século cristão, antes da destruição do segundo templo pelos romanos e do exílio judaico”. Olhando mais de perto, Idelsohn distinguiu três centros tonais, como segue: “Três diferentes centros tonais, que correspondiam aos modos dório, frígio e lídio dos gregos antigos. [...] O modo dório tetracorde foi utilizado para textos de natureza elevada e inspirada, o frígio para textos sentimentais — os surtos humanos de muito sentimento, tanto de alegria e de luto, e o lídio, em composições para os textos de lamentações e confissões dos pecados” (SAN ANTONIO VOCAL ARTS ENSEMBLE — SAVAE. *Rediscovering Music & Chant of Middle Eastern Spirituality* [Redescobrimdo a Música e o Canto da Espiritualidade da Idade Média]. Disponível em: <<http://www.savae.org/echoes1.html>>. Acesso em: 4 abr. 2012). O resultado interessante do estudo de Idelsohn, convertido em música, pode ser conferido em SAVAE. *Ancient Echoes: Music From The Time of Jesus and Jerusalem’s Second Temple*. World Library Publication, 2002. 1 CD.

<sup>101</sup> HURTADO, Larry W. *As Origens da Adoração Cristã. O Caráter da Adoração no Ambiente da Igreja Primitiva*. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 47.

<sup>102</sup> DI SANTE, op. cit., p. 23.

<sup>103</sup> BRIGHT, apud TASSIN, Claude. *O Judaísmo do Exílio ao Tempo de Jesus*. São Paulo: Paulinas, 1988, p. 48-49. (Série Cadernos Bíblicos — 46).

<sup>104</sup> HURTADO, op. cit., p. 46. “Para a maior parte dos judeus, a expressão e a prática coletivas da religião, mais comuns para eles, ocorriam em suas sinagogas e famílias”. Os judeus espalhados, denominados “da Diáspora”, precisavam preservar sua identidade religiosa e cultural. Para isso produziram a Septuaginta (LXX), uma tradução do AT para o idioma grego (iniciada no 2º século a.C.).

Sua formatação definitiva se dá no período interbíblico (entre Malaquias e Mateus). No NT ela é descrita como lugar de adoração sabatina, frequentado pelo Senhor Jesus (Mc 1.21-28; 3.1-6; 6.2-3; Mt 4.23; Lc 4.15; 16.30-31, 44; 6.6; 13.10; Jo 6.59; 18.20) e pelo apóstolo Paulo (At 13.5; 14.1; 17.1, 10, 17; 18.4, 19).<sup>105</sup> Não há evidência de qualquer manual litúrgico para suas reuniões. A adoração é despojada, constituindo-se de oração (especialmente as *Dezoito Bênçãos*), confissão de fé (o *Shemá*), louvor (cânticos e recitação de salmos) e instrução bíblica (leitura, explicação e aplicação da *Torá*), seguidos de uma bênção.<sup>106</sup> Uma ordem provável é a seguinte:

Leitura bíblica (*Torá*; os Profetas). Homilia [explicação e aplicação da *Torá* ou Profetas], seguida de discussão. Cântico de Salmos. A *Kedusha*, “Santo, Santo, Santo” (Is 6.3). Orações (A *Yotzer* e a *Ahabah*, enfatizando os atos criadores de Deus e seu amor pelo seu povo, terminando com o *Shemá* — “Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor” etc., uma declaração de fé e uma bênção alegre, de Dt 6.4-9; 11.13-21; Nm 15.37-41). As *Dezoito Bênçãos* (expressões de louvor, petições de bênçãos materiais e espirituais e intercessões por muitas pessoas, encerrada com um “amém” em conjunto).<sup>107</sup>

Sabe-se que “pelo fato de os sacrifícios tradicionais só poderem ser feitos no templo, as ofertas de animais e de cereais [são] substituídas por ‘sacrifícios de louvor e oração’”.<sup>108</sup>

A adoração da sinagoga é uma “liturgia da Palavra”.<sup>109</sup> Nela surge o rabi ou mestre. Quando possível, “apenas um ou dois cantores solistas cantavam em uma reunião”<sup>110</sup> e “pode ser que o estilo musical se relacionasse com o da adoração no templo, embora possivelmente não se usasse nenhum instrumento, visto que eles estavam associados apenas com os sacrifícios de animais”.<sup>111</sup> Mesmo na adoração judaica moderna, “o cântico é ainda em grande parte vocal, sem acompanhamento”.<sup>112</sup>

## Conclusão da aula 6

Os cristãos iniciaram sua prática de adoração sob os costumes judaicos. Se Deus permitir, aprenderemos sobre o culto da igreja do NT na aula 8.

## Atividades da aula 6

1. Marque Verdadeiro ou Falso. O trabalho do tabernáculo é mantido pelos levitas e sacerdotes. Os primeiros são “ministros do tabernáculo” incumbidos de “desmanchar, transportar e erigir o tabernáculo”, ou seja, auxiliam aos sacerdotes.

\_\_\_ Verdadeiro.

\_\_\_ Falso.

2. Marque a ÚNICA RESPOSTA CERTA. As ofertas prescritas do tabernáculo, de acordo com o livro de Levítico, são as seguintes:

\_\_\_ Holocausto; oferta matutina; sacrifícios pacíficos; oferta pelo pecado; oferta pela culpa.

\_\_\_ Holocausto; oferta de manjares; sacrifícios pacíficos; dízimos; oferta pela culpa.

---

A LXX “foi um dos principais veículos de sua propaganda religiosa” (GONZALEZ, Justo L. *E Até os Confins da Terra: Uma História Ilustrada do Cristianismo: A Era dos Mártires*. 3. ed. Reimp. 1991. São Paulo: Vida Nova, 1986, p. 20. v. 1).

<sup>105</sup> MARTIN, op. cit., p. 34-35.

<sup>106</sup> *Ibid.*, p. 35-38; HURTADO, op. cit., p. 47-49. O texto completo das *Dezoito Bênçãos* ou *tefillah* pode ser conferido em DI SANTE, op. cit., p. 99-122.

<sup>107</sup> HUSTAD, op. cit., p. 92. Cf. MARTIN, op. cit., loc. cit., a *Ahabah* se ocupa da adoração a Deus por seus atos de benignidade; o *Shemá* é uma confissão de fé e uma bênção alegre ao mesmo tempo.

<sup>108</sup> HUSTAD, op. cit., loc. cit.

<sup>109</sup> KIRST, Nelson. *Nossa Liturgia: Das Origens Até Hoje*. 3. ed. Revista e Atualizada. São Leopoldo: Sinodal, 2003, p. 24-25. (Série Colmeia).

<sup>110</sup> HUSTAD, op. cit., loc. cit.

<sup>111</sup> *Ibid.*, loc. cit.

<sup>112</sup> *Ibid.*, p. 93.

\_\_\_ Holocausto; oferta de manjares; sacrifícios pacíficos; oferta pelo pecado; oferta pela culpa.

3. Marque Verdadeiro ou Falso. Após instalar-se em seu palácio, Davi demonstra a intenção de edificar um abrigo adequado para a arca e é autorizado por Deus para construir o templo em Jerusalém.

\_\_\_ Verdadeiro.

\_\_\_ Falso.

4. Marque as RESPOSTAS CERTAS (há mais de uma afirmação correta). Pensando no templo em Jerusalém:

\_\_\_ Salomão construiu o Primeiro Templo, Zorobabel construiu o Segundo Templo e Herodes reformou e remodelou totalmente este Segundo Templo.

\_\_\_ Salomão construiu o Primeiro Templo, Zorobabel construiu o Segundo Templo, Herodes construiu o Terceiro Templo e Maomé construiu a Primeira Mesquita.

\_\_\_ Na liturgia do templo, os Salmos estabeleceram a prescrição de cantar louvores na adoração.

\_\_\_ Os “címbalos sonoros” e “retumbantes”, citados em Salmos 150.5, foram gradualmente abandonados no período do Segundo Templo, por causa de sua associação com a idolatria.

\_\_\_ A música cantada no Segundo Templo era reverente, profunda e adequada para a elevação da alma.

5. Complete a frase: A adoração [na sinagoga] é despojada, constituindo-se de oração (especialmente as Dezoito Bênçãos), confissão de fé (o Shemá), louvor (cânticos e recitação de salmos) e instrução \*bíblica\* (leitura, explicação e aplicação da Torá), seguidos de uma bênção.

## Parte II

A [estranha] proposta de dança litúrgica  
pretensamente baseada no culto do AT



## Aula 7: [Parêntese 1] Louvai-o com adufes e danças!

A dança é a linguagem escondida da alma.  
Martha Graham.

### Introdução da aula 7

Depois de estudar o culto no tabernáculo, templo e sinagoga, abrimos um parêntese para falar sobre um fenômeno recente: Há ministérios que evangelizam com coreografias e igrejas que incluem dança litúrgica como parte da adoração. Argumenta-se que isso tem relação com a adoração dos judeus na época do AT e deve ser assumido pela igreja contemporânea.

Percebe-se uma tensão crescente entre os que concordam e os que não concordam com tais proposições. Pastores desejosos de conectar a igreja à cultura abrem espaço para a dança. Outros abominam a simples menção da dança na vida cristã e no culto público.

### 7.1 A dança em Israel

Nas culturas de modo geral, “a dança e a pantomima [...] floresceram como parte de ritos e celebrações religiosos”.<sup>113</sup> Inicialmente a dança não era desenvolvida com finalidades puramente artísticas, mas fazia “parte da vida significativa de comunidades organizadas”.<sup>114</sup>

Do ponto de vista antropológico e sociológico, a dança possui ainda a função de preservar e manifestar as raízes históricas e culturais de um povo. Há etnias em que a história é mantida pela repetição oral, pela música e dança. Ali a dança apela para a participação popular no resguardo de importantes tradições: “Não fossem os rituais e cerimônias, a pantomima, a dança e o drama desenvolvidos a partir deles, [...] os acontecimentos do passado longínquo estariam agora mergulhados no esquecimento”.<sup>115</sup>

#### 7.1.1 O povo de Israel nos tempos bíblicos dançava

Também em Israel a música e a dança contribuíram para consolidar tradições religiosas e identidade cultural. No que diz respeito ao uso da dança como meio de expressão cultural, o Israel dos tempos bíblicos é semelhante aos demais povos. “Tudo se revela na dança de cada povo, em sua música, em sua canção. Israel não é uma exceção”.<sup>116</sup> Praticamente “todas as festas familiares se faziam acompanhar por música”<sup>117</sup> (cf. Lc 15.25). Jesus se referiu a danças em brincadeiras de crianças na praça (Lc 7.32). A vida social israelita comportava, além das festas familiares e bodas, um calendário nacional e religioso festivo.

Uma despedida podia durar vários dias, durante os quais o canto, a dança e os instrumentos que marcavam seus ritmos, ocupavam o primeiro lugar. [...] Eram festas nas quais não faltavam a flauta, o tamborim e a dança [...].<sup>118</sup>

Os servos de Deus dos tempos bíblicos não eram avessos ao regozijo da vida comum. Eles não se portavam como religiosos contrários a todo tipo de dança. “Os hebreus antigos não eram ascetas. As

<sup>113</sup> DEWEY, John. *Arte Como Experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010, p. 65. (Coleção Todas as Artes).

<sup>114</sup> DEWEY, op. cit., loc. cit.

<sup>115</sup> Ibid., p. 553.

<sup>116</sup> MONRABAL, Maria Victoria Triviño. *Música, Dança e Poesia na Bíblia*. São Paulo: Paulus, 2006, p. 48. (Coleção Liturgia e Música).

<sup>117</sup> Cf. DANIEL-ROPS, Henri. *A Vida Diária nos Tempos de Jesus*. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 330.

<sup>118</sup> MONRABAL, op. cit., p. 49.

festas frequentemente não exigiam ocasião festiva a não ser alegria”.<sup>119</sup> O profeta Jeremias fala sobre danças, informando-nos que o exílio interrompeu a normalidade social; as celebrações cotidianas foram substituídas por tristeza (Lm 5.15-18; cf. Jr 7.34; 16.9). Ele anunciou um dia em que o Senhor converteria a nação, e o pranto daria lugar ao regozijo (Jr 31.1-40).<sup>120</sup> A Escritura menciona inclusive a dança na privacidade da relação conjugal: A sulamita conquista seu esposo com a “dança de Maanaim” (Ct 6.13—7.1).

Observe-se, no entanto, que não havia em Israel o conceito de dança como divertimento dissociado da fé. Israel tinha convicção de “que a voz que o movia era a do Criador”.<sup>121</sup> Sendo assim, é impossível “separar a motivação religiosa das grandes e pequenas celebrações de Israel, por causa da teocracia que imprimia em todos os eventos um sentido sacral”.<sup>122</sup> Na dança os judeus se *alegravam em Deus*; a dança israelita refletia gratidão por bênçãos recebidas e diferia das danças de salão atuais, motivadas pela busca de recreação: “[...] homens e mulheres não dançavam juntos [...]. Diversão social não parecia ser o motivo principal das danças, e os métodos modernos de dança de casais não eram conhecidos”.<sup>123</sup> Além disso, os profetas coíbiam os abusos (Is 5.11-12).

### 7.1.2 As danças de Miriã e Davi

Basta iniciarmos a conversa sobre dança na Bíblia para ouvirmos os nomes de Miriã e Davi. Miriã e outras mulheres festejaram a travessia do Mar Vermelho com tamborins (*toph*, “adufes”) e danças (*meḥôlâ* — Êx 15.20-21). A filha de Jefté fez o mesmo, após o triunfo militar sobre os amonitas (Jz 11.34). Depois de um embate bem-sucedido contra os filisteus, “as mulheres de todas as cidades de Israel saíram ao encontro do rei Saul, cantando e dançando com tambores, com júbilo e com instrumentos de música” (1Sm 18.6).

Davi dançou “com todas as suas forças diante do SENHOR” vestido de uma “estola sacerdotal” (2Sm 6.14).<sup>124</sup> Salmos 68.24-25 define esta entrada de Davi em Jerusalém como “cortejo do meu Deus, do meu Rei, no santuário” (Sl 68.24). Este “santuário” não é o tabernáculo, mas uma tenda armada por Davi em Jerusalém (1Cr 15.1; 16.1). Diante da multidão estavam os “cantores” seguidos dos “tocadores de instrumentos de cordas em meio às donzelas com adufes” (Sl 68.25). A esposa de Davi (Mical) não se agradou de vê-lo ali e “o desprezou no seu coração” (2Sm 6.16).

Três esclarecimentos são necessários. Primeiro, a dança de Davi ocorreu “diante do SENHOR” assim como todos os atos da vida comum dos crentes da Bíblia. Segundo, este episódio não fornece base para a afirmação de que Davi usava a dança para treinamento militar ou “guerra espiritual”.<sup>125</sup>

<sup>119</sup> LEWIS, J. P. Festas. In: TENNEY, Merrill C. (Org.). *Enciclopédia da Bíblia Cultura Cristã*. São Paulo: Cultura Cristã, 2008, p. 809. v. 2.

<sup>120</sup> O termo hebraico utilizado nestes versículos (*māḥôl*) permite que traduzamos os dois primeiros como “alegria” ou “folguedos” (cf. Sl 30.11). Em Jeremias 31.13, *māḥôl* pode ser traduzido como “flauta” sem prejuízo do sentido da passagem. Para saber mais sobre esta palavra hebraica, cf. seção 7.1.4.

<sup>121</sup> MONRABAL, op. cit., p. 48.

<sup>122</sup> *Ibid.*, p. 53.

<sup>123</sup> WOLF, H. H. Danças. In: TENNEY, op. cit., p. 25.

<sup>124</sup> O verbo traduzido como “dançava”, *meḥarkēr*, “é um participio que tem o sentido de ‘rodopiar’ e ocorre somente nesta passagem (v. 14,16)”. BALDWIN, Joyce G. *1 e 2 Samuel: Introdução e Comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1997, p. 237. (Série Cultura Bíblica).

<sup>125</sup> Um estudioso relaciona a dança davídica com as “danças de guerra usadas pelos espartanos de Tirteos. [...] Da mesma forma que Davi utilizou poesia para inspirar e ensinar suas tropas [...], ele também pode ter aproveitado a dança” (WOLF, op. cit., p. 25). Para outro autor, “o sucesso militar de Davi foi atribuído à coordenação dos soldados e ao espírito de corporação mantido por meio do treinamento e da dança” (ADAMS, Doug. *Congregational Dancing in Christian Worship*. North Aurora: The Sharing Co., [198-?], p. 6. Apud SILBERLING, Murray. *Dança de Alegria: Uma Abordagem Bíblica Sobre o Louvor e Adoração*. São Paulo: Vida, 2009, p. 18). *Tudo isso não passa de cogitação*. SILBERLING (op. cit., p. 70) sugere esse uso “libertador” da dança apontando para 2Crônicas 20.20-23 como “um dos exemplos *mais claros* de como Deus usa a

Por último, as celebrações dançantes das mulheres de Israel e de Davi não ocorreram dentro do tabernáculo ou templo. Como aprendemos, tanto no tabernáculo quanto no templo, *só entravam sacerdotes e levitas* (Êx 38.21; Nm 1.50-53; Dt 10.8; 1Rs 8.6; 1Cr 16.4-5; Hb 9.2-7). Dito de outro modo, nos moldes do culto hebraico, *danças não eram permitidas dentro do tabernáculo ou templo*.

## 7.2 Registros de danças associadas ao paganismo e algumas especulações

Há pelo menos dois registros de uso de *danças em cultos*, associados a *práticas pagãs*. Danças foram usadas pelos *adoradores* do bezerro de ouro (Êx 32.19). E jovens dançaram em rodas em uma “solenidade do SENHOR em Siló” (Jz 21.19,21).<sup>126</sup> O fato é que aquela ocasião foi marcada por distanciamento dos padrões de culto a Deus. A *Bíblia de Estudos de Genebra* registra que “o período dos juízes ficou muito conhecido pelo público original como um tempo de instabilidade e apostasia”.<sup>127</sup> A festa em Siló “era provavelmente uma forma distorcida e semipagã dos tabernáculos, que ocorria na época da colheita das uvas”.<sup>128</sup> Waltke descreve a época dos juízes como “a hora mais sombria de Israel”.<sup>129</sup> E prossegue afirmando que o último capítulo de Juízes (onde consta a dança) é “repugnante”.<sup>130</sup> As últimas palavras do livro de Juízes (Jz 21.25) repetem como um lamento: Naqueles dias, não havia rei em Israel; cada um fazia o que achava mais reto”.

Ainda como exemplo de dança pagã, lemos sobre a dança da “filha de Herodias”, no episódio da execução de João Batista (Mt 14.6-8).

A partir deste ponto, lidamos apenas com *especulações*. É possível que houvesse *dança nas procissões*, por ocasião das celebrações do calendário religioso? Mesmo que isso acontecesse, nada sobre isso consta na Bíblia como *prescrição*. Um estudioso sugere que *havia dança entre os profetas citados em 1Samuel 10.5*.<sup>131</sup> A questão é que tal passagem menciona “saltérios, e tambores, e flautas, e harpas”, mas não a dança. Aliás, este é um perigo que se corre, quando se lê a Bíblia desejando encontrar referências à dança nas entrelinhas. Uma autora entusiasmada cita Rute 4.11-12 e sugere (extrabiblicamente): “*Adivinha-se a dança*”.<sup>132</sup>

---

dança sacra como método de batalha espiritual” (grifo nosso). O problema é que *não há alusão a dança na passagem de 2Crônicas*.

<sup>126</sup> Mesmo estas passagens, porém, podem ser lidas como *festejo destituído de caráter litúrgico*. Cf. DOUGLAS, J. D. Dança. In: DOUGLAS, v. 1, p. 386.

<sup>127</sup> BEG<sup>2</sup>, p. 341.

<sup>128</sup> WEBB, Barry G. Juízes. In: CARSON, D. A. et al. (Ed.), op. cit., p. 437.

<sup>129</sup> WALTKE, Bruce K. *Teologia do Antigo Testamento: Uma Abordagem Exegética, Canônica e Temática*. São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 947.

<sup>130</sup> WALTKE, op. cit., p. 948.

<sup>131</sup> DANIEL-ROPS, op. cit., loc. cit.

<sup>132</sup> MONRABAL, op. cit., p. 49, 55. Grifo nosso. O mesmo mau hábito é verificado em SILBERLING, op. cit., passim. Na liturgia da festa das cabanas constava “a libação da água sobre o altar [...], talvez para pedir o retorno das chuvas, a procissão em torno do altar e o acender quatro candelabros de ouro no pátio das mulheres [...] que iluminavam a cidade inteira” (SAULNIER, Christiane; ROLLAND, Bernard. *A Palestina no Tempo de Jesus*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 1983, p. 51. [Série Cadernos Bíblicos]). Silberling sugere que homens conduziam uma dança com tochas na procissão em redor do altar (op. cit., p. 17, 57-58). Para provar este ponto ele cita FALLON, J.; WOLBERS, Mary Jane. *Focus On Dance: Religion and Dance*. Virginia: American Alliance for Health, Physical Education, Recreation and Dance, 1982, p. 41. Fallon e Wolbers, por sua vez, citam SCHAUSS, H. *The Jewish Festivals*. Cincinnati: Union of American Hebrew Congregations, 1938. A fonte *primária* — qual escrito judaico orienta ou descreve o uso de dança na festa dos tabernáculos? — *não é citada*. Ainda que se admita a existência de tal prática, sabe-se que a liturgia da festa das cabanas motivou sérias contendas entre fariseus e saduceus, exatamente por causa da inclusão de elementos não prescritos pela lei (cf. JEREMIAS, J. *Jerusalém no Tempo de Jesus: Pesquisas de História Econômico-Social do Período Neotestamentário*. São Paulo: Paulinas, 1983, p. 225. (Nova Coleção Bíblica). Há uma anotação histórica de homens dançando em um banquete festivo nos tempos de Jesus — a dança “nas rondas de homens” e o “bater das mãos” dos “grandes” de Jerusalém por ocasião da festa da circuncisão de Elisha Ben Abuya, cujo pai pertencia à alta sociedade” (JEREMIAS, op. cit., p. 135).

Resumindo, os judeus dançavam em celebrações nacionais e familiares. Eles se regozijavam com dança na privacidade conjugal. E tudo isso em um estilo de vida que reconhecia Deus em cada trilha da existência (Pv 3.6). Mas isso não quer dizer que eles misturavam a dança ao culto público.

### 7.3 Uma leitura alternativa de Salmos 150.4

Na Bíblia Almeida Revista e Atualizada, o único imperativo para o louvor a Deus com “danças” está em Salmos 150.4. As outras referências a danças constam em textos *descritivos*; aqui o verbo hebraico *halal*, traduzido como “louvai-o”, está no *imperativo*.

Observemos a estrutura do Salmo. Cinco paralelismos falam sobre o objeto do louvor — a *quem* devemos adorar (v. 1), a motivação para o louvor — *por que* devemos adorar (v. 2) e os instrumentos do louvor — *com o que* devemos adorar. O último verso revela *quem deve louvar*.<sup>133</sup>

1 Aleluia! Louvai a Deus no seu santuário;  
***louvai-o no firmamento, obra do seu poder.***

2 Louvai-o pelos seus poderosos feitos;  
***louvai-o consoante a sua muita grandeza.***

3 Louvai-o ao som da trombeta;  
***louvai-o com saltério e com harpa.***

4 Louvai-o com adufes e danças;  
***louvai-o com instrumentos de cordas e com flautas.***

5 Louvai-o com címbalos sonoros;  
***louvai-o com címbalos retumbantes.***

6 Todo ser que respira louve ao SENHOR. Aleluia!

No primeiro paralelismo (v. 1), “santuário” corresponde a “firmamento”. Isso quer dizer que a passagem não se refere ao tabernáculo ou templo de Jerusalém, e sim à habitação de Deus no céu.<sup>134</sup> Este dado bíblico fragiliza o argumento dos que imaginam que o salmista esteja prescrevendo uma ordem litúrgica para o culto público de Israel.

Todos os demais paralelismos (v. 2-5) mencionam *instrumentos musicais*. No v. 3, “trombeta” é paralelo de “saltério” e “harpa”. No v. 5, “címbalos sonoros” formam paralelo com “címbalos retumbantes”. A *única exceção* aparente é o v. 4. Neste versículo, “adufes” é um paralelo adequado para “instrumentos de cordas”, mas “danças” (algo que não é instrumento musical) forma um paralelo *estranho* com “flautas” (instrumento musical).

O elemento complicador é o vocábulo *māḥôl*, traduzido como “danças”, mas que pode também ser entendido como “flauta”.<sup>135</sup> A mesma palavra é traduzida como “flauta” (na ARA) em Salmos

<sup>133</sup> KIDNER, Derek. *Salmos 73—150: Introdução e Comentário*. 1. ed. Reimp. 1987. São Paulo: Vida Nova; Mundo Cristão, 1981, p. 495-496. (Série Cultura Bíblica).

<sup>134</sup> Outros paralelismos semelhantes são encontrados em Salmos 11.4 e 102.20. Cf. *ibid.*, p. 26; LOPES, Augustus Nicodemus. Salmo 150: Dançando no Santuário? In: *O Tempora O Mores*. Disponível em: <<http://tempora-mores.blogspot.com/2009/08/salmo-150-dancando-no-santuario.html>>. Acesso em: 03 jun. 2011. Cf. COMISSÃO ESPECIAL SOBRE LITURGIA, op. cit., p. 27.

<sup>135</sup> O vocábulo é traduzido como “folgedos” em Salmos 30.11. A palavra empregada pelo salmista tem como raiz o verbo *hûl*, “voltar”, que possibilita o sentido de *um instrumento elaborado com um furo ou abertura*. Cf. BOWLING, Andrew. *Hûl*. In: HARRIS; ARCHER JR.; WALTKE, op. cit., [623] p. 440; PARKHURST, apud CALVINO, João. *Salmos Volume 4*. São José dos Campos: Editora Fiel, 2009, p. 592. (Série Comentários Bíblicos).

Lê-se em SCHÖKEL, Luís Alonso; CARNITI, Cecília. *Salmos II: Salmos 73-150*. São Paulo: Paulus, 1998, p. 1664. (Série Grande Comentário Bíblico): “Costuma-se traduzir *māḥôl* por dança; outros o traduzem por flauta”.

Ainda que admitindo que *māḥôl* é “o termo mais usado para ‘dança’ no HB”, Dockery explica que a palavra é usada “como sinédoque em Salmos 149.3 e 150.4, para indicar *instrumentos musicais*”; cf. DOCKERY, David S. #2565. In:

149.3. De fato, em Salmos 150.4, *māḥôl* é traduzido como “danças” em versões excelentes da Bíblia.<sup>136</sup> Outras versões traduzem igual, em ambas as passagens; é o caso da NVI (“danças”, em Sl 149.3 e 150.4) e a ARC (“flauta”, em Sl 149.3 e 150.4). Agostinho é confundido pelo texto da Septuaginta, que traduz *māḥôl* como “coros” ou “cantores que cantam a uma só voz”.<sup>137</sup>

É provável que *māḥôl* seja traduzido como “danças”, em Salmos 150.4, por causa de sua proximidade do vocábulo *toph*, “adufes”. Pode ser inferido que a passagem reflete as danças registradas em Êxodo 15.20-21; Juízes 11.34 e 1Samuel 18.6.

Ou quem sabe os tradutores (da ARA e demais similares) tenham tomado uma decisão *estilística*, tentando evitar uma redundância, pois “flautas” (ao invés de “danças”), na primeira linha do paralelo do v. 4, equivaleria a “flautas”, na segunda linha; o que não faz muito sentido em português. Mas em hebraico faz, uma vez que na primeira linha temos *māḥôl* e, na segunda, *’ûgāb*, um tipo diferente de flauta (órgão, gaita, “syrinx ou flauta de pan”).<sup>138</sup> Por isso João Calvino traduz *māḥôl* como “flauta”, nos dois salmos. Ele traduz Salmos 150.4 como segue: “Louvai-o com adufes e flautas; louvai-o com cordas e órgão”.<sup>139</sup>

Se compreendermos “flauta” como o sentido de *māḥôl*, em Salmos 150.4, teremos a ideia de uma profusão de instrumentos musicais.<sup>140</sup> Um comentarista cuidadoso sugere: “De que maneira esse tributo devia ser feito? Com todos os tipos de instrumentos musicais usados, na época”.<sup>141</sup>

Exatamente por isso, Calvino afirma o seguinte:

Não insisto quanto às palavras hebraicas que expressam *instrumentos musicais*. Permita-me o leitor apenas lembrar que este salmo menciona diferentes e variados tipos de *instrumentos*, utilizados sob a administração da lei.<sup>142</sup>

A interpretação de Calvino é consistente com o paralelismo do texto bíblico.

Conclui-se que a tradução de Salmos 150.4 exige uma decisão *teológica* e não meramente filológica. Os intérpretes favoráveis à dança litúrgica desconsideram o sentido do primeiro paralelismo (v. 1), insistindo que este Salmo contém prescrições para o culto no tabernáculo ou templo. E dizem ainda que o v. 4 tem de ser assumido como uma ordem para louvar a Deus *com* “danças” (tabela 05).

---

VANGEMEREN, Willem A. (Org.). *Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 46. v. 2. Grifo nosso.

<sup>136</sup> É o que lemos em algumas edições da tradução de João Ferreira de Almeida (Edição *Revista e Atualizada* — ARA, da Sociedade Bíblica do Brasil — SBB; *Edição Corrigida e Revisada Fiel ao Texto Original*, da Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil; *Versão Revisada de Acordo com os Melhores Textos em Hebraico e Grego*, da Hagios e JUERP e *Bíblia Sagrada Almeida Século 21*, Edições Vida Nova). “Danças” também é o sentido atribuído a *māḥôl* pela *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*, da SBB, nas Bíblias Católicas (*A Bíblia de Jerusalém, Bíblia Pastoral, Bíblia do Peregrino e Tradução Ecumênica da Bíblia*) e em versões na língua inglesa, tais como a *Good News Bible* e *New International Version*.

<sup>137</sup> AGOSTINHO. *Comentário aos Salmos: Salmos 101-150*. São Paulo: Paulus, 1998. p. 1151-1152. v. 3. (Série Patrística).

<sup>138</sup> CALVINO, op. cit., p. 601; BEST, H. M.; HUTTAR, D. Música: Instrumentos Musicais. In: TENNEY, Merrill C. (Org.). *Enciclopédia da Bíblia Cultura Cristã*. São Paulo: Cultura Cristã, 2008, p. 420. v. 4; STRADLING, D. G. Música e Instrumentos Musicais. In: DOUGLAS, v. 2, p. 1082.

<sup>139</sup> CALVINO, op. cit., p. 600-601.

<sup>140</sup> É interessante observar que até a metade do século passado, os comentaristas bíblicos entendiam que Salmos 150.4 fala de *instrumentos musicais*. De lá para cá ocorreu uma mudança, abrindo-se cada vez mais espaço para interpretações que sugerem a possibilidade da dança litúrgica.

<sup>141</sup> HENRY, Matthew. *Comentário Bíblico Antigo Testamento — Jó a Cantares de Salomão — Edição Completa*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2010, p. 715. É *superficial e lamentável* a interpretação sugerida por Harman (op. cit., p. 478): “Faz-se menção de dança, o que em outros lugares caracteriza a jubilosa resposta ao poder salvífico de Deus (Jr 31.4, 13)”.

<sup>142</sup> Op. cit., p. 602-603. Grifos nossos. De modo semelhante, lemos em HENRY (op. cit., loc. cit.): “É bom que não estejamos interessados em inquirir que tipos de instrumentos eram esses; é suficiente saber que eram bem conhecidos na época”.

Leitura favorável à dança litúrgica	Leitura consistente com o culto do AT
Instrumentos musicais e dança como expressão de adoração	Somente instrumentos musicais — não há dança no santuário
<b>Harmonia paralelística</b>	
Louvai-o com <i>adufes e flautas</i> — instrumentos musicais	
Louvai-o com <i>instrumentos de cordas e com órgão</i> — instrumentos musicais.	

Tabela 05. Possíveis leituras de Salmos 150.4

O mais sensato é sustentar que Salmos 150 não é prescrição para a liturgia do culto público, muito menos para o uso contemporâneo da dança litúrgica.

### Conclusão da aula 7

Os judeus não viam problema no uso da dança como arte e celebração da vida diante de Deus. No entanto, a maioria esmagadora dos textos do AT que mencionam danças são descritivos e não prescritivos. A *única* exceção, Salmos 150.4, é uma *base frágil*, primeiro porque não menciona o culto no tabernáculo, nem no templo de Jerusalém, e sim no templo celestial ou cósmico de Deus. Em segundo lugar, porque a palavra traduzida como “danças”, em Salmos 150.4, também pode traduzida como “flautas”.

### Atividades da aula 7

1. Complete a frase: Praticamente todas as festas familiares [em Israel] se faziam acompanhar por música (cf. Lc 15.25). Jesus se referiu a \_\_\_\_\_ em brincadeiras de crianças na praça (Lc 7.32).
2. Complete a frase: Os servos de Deus dos tempos bíblicos não eram avessos ao regozijo da vida comum. Eles não se portavam como religiosos \_\_\_\_\_ a todo tipo de dança.
3. Complete a frase: Miriã e outras mulheres \_\_\_\_\_ a travessia do Mar Vermelho com tamborins (“adufes”) e danças (Êx 15.20-21).
4. Complete a frase: Nos moldes do culto hebraico, danças \_\_\_\_\_ permitidas dentro do tabernáculo ou templo.
5. Marque Verdadeiro ou Falso: Salmos 150 não é prescrição para a liturgia do culto público, muito menos para o uso contemporâneo da dança litúrgica.  
 Verdadeiro.  
 Falso.

### ANOTAÇÕES

## Aula 8: [Parêntese 2] A dança como arte e celebração

O prédio velho tinha uma localização horrorosa, e ficava escondido num bairro antigo, muito distante de qualquer rodovia principal, o que o tornava tão difícil de achar quanto encontrar um fundamentalista se divertindo.

Mark Driscoll.

### Introdução da aula 8

Enquanto alguns entendam que *ser cristão equivale a não se divertir com danças*, artistas cristãos sérios e preocupados em praticar a fé bíblica *propõem que a igreja abra espaço para o uso artístico da dança*. Depois de relatar uma experiência desconfortável em uma “oficina de dança”, Carolina Gualberto desabafa: “A partir daí meus olhos, que já viam crescer na igreja uma dança *equivocada*, não suportaram tamanha *falta de luz*. Desde então, prossigo refletindo seriamente sobre *a dança na igreja evangélica brasileira* [...]”.<sup>143</sup>

Na proposição em questão, Gualberto repudia até o uso dos rótulos “dança de adoração” ou “dança litúrgica”:

Danças de adoração! Que equívoco fazer essa distinção! Não existe uma dança específica que possa ser chamada de dança de adoração. Existem danças por meio das quais podemos adorar a Deus.<sup>144</sup>

Percebe-se uma intenção desta autora de considerar a dança no contexto da vida cristã como culto, sendo adoração o *estilo de vida* daquele que ama a Deus.<sup>145</sup> Como vimos antes, nós adoramos sem divisão, ou seja, consideramos que tudo na vida é para o agrado e glória de Deus.

### 8.1 A legitimidade e limitações da arte em si mesma — e da dança como arte

Gualberto nos apresenta as diferentes “ramificações” da “árvore da dança”<sup>146</sup> (lazer, etnia, saúde, expressão e espetáculo — figura 06). Ela sugere que a dança seja legitimada enquanto *arte* e também como *celebração da vida* perante e para glória de Deus. Vimos que os israelitas não viam problema em celebrar a vida diante do Criador dançando. Pensemos agora na dança como *arte*.

A arte tem seu lugar na experiência humana e cristã, porque *Deus criou a beleza e dotou o homem de capacidade criativa* (Gn 1.26-28).<sup>147</sup> Por isso “o instinto artístico é um fenômeno *universal*”<sup>148</sup> ou, como diz outro autor, “a arte desempenha um importante papel na liturgia da vida”.<sup>149</sup> Criar e apreciar a arte é consequência direta do mandato cultural.

Sendo assim, do mesmo modo como falamos em “vocação missionária”, ou “vocação para a esfera da ciência”, temos de falar sobre uma “vocação para a arte”. E assim como uma pessoa

<sup>143</sup> GUALBERTO, Carolina Lage. *Dança: O Que Estamos Dançando? Por Uma Nova Dança na Igreja*. São Paulo: Hagnos, 2007, p. 19. Grifos nossos.

<sup>144</sup> GUALBERTO, op. cit., p. 112.

<sup>145</sup> Ibid., loc. cit. Grifo nosso.

<sup>146</sup> GUALBERTO, op. cit., p. 22-23. Esta “árvore” é uma adaptação do esquema sugerido originalmente por ROBINSON, Jacqueline. *Le Langage Chorégraphique*. Paris: Vigot, 1978. A autora encontrou o referido esquema em STRAZZACAPPA, Márcia. *A Educação e a Fábrica de Corpos: A Dança da Escola*. Cad. CEDES [online]. 2001, vol.21, n.53, p. 69-83. ISSN 0101-3262. doi: 10.1590/S0101-32622001000100005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-32622001000100005&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt#nt03](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622001000100005&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt#nt03)>. Acesso em: 31 mai. 2011.

<sup>147</sup> Uma maneira filosófica de dizer isso é afirmar que *Deus criou a Estética*. Cf. CARVALHO, Guilherme Vilela Ribeiro de. Sociedade, Justiça e Política na Filosofia de Cosmovisão Cristã: Uma Introdução ao Pensamento Social de Herman Dooyeweerd. In: LEITE, Cláudio Antônio Cardoso; CARVALHO, Guilherme Vilela Ribeiro de; CUNHA, Maurício José Silva. *Cosmovisão Cristã e Transformação*. Viçosa: Editora Ultimato, 2006, p. 195-196.

<sup>148</sup> KUYPER, Abraham. *Calvinismo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003, p. 152. Grifo do autor.

<sup>149</sup> ROOKMAAKER, op. cit., p. 54.

vocacionada para o labor jurídico se mistura com seu trabalho, a expressão artística pode ocorrer de tal modo que o limite entre o artista e a arte quase que deixa de existir — o artista produz arte e a arte molda o artista.<sup>150</sup>

A admissão do mandato cultural nos força a concordar com Rookmaaker; *a arte é intrinsecamente necessária*. “Os artistas não precisam de justificativa. Deus os chamou e lhes deu talentos. Não podemos prosseguir sem eles”.<sup>151</sup> E continua:

A arte tem uma função importante em nossa vida, ao criar a atmosfera na qual vivemos, ao nos dar as palavras para falar e ao nos oferecer a estrutura (uma paisagem, por exemplo) na qual podemos absorver as coisas sem sequer notarmos. A arte raramente é uma propaganda, mas tem sido muito influente em moldar as formas de pensamento de nossos tempos, os valores que temos. Por isso, a mentalidade transmitida pela arte é importante.<sup>152</sup>

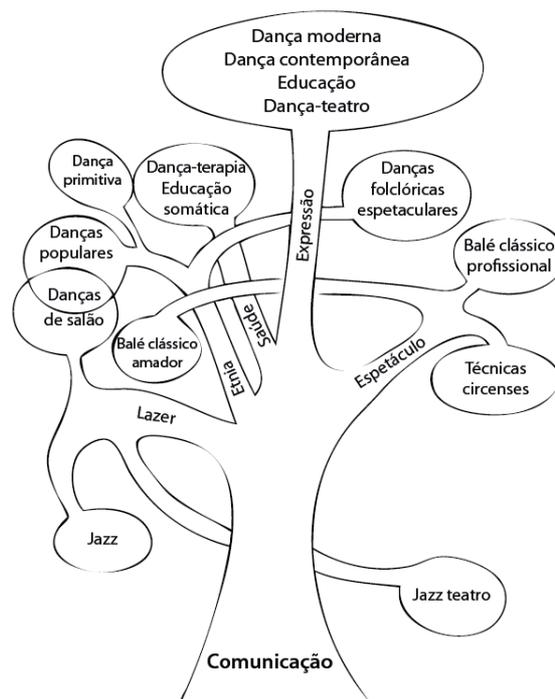


Figura 06: A árvore da dança

O ponto a destacar é que *a arte é tanto limitada, quanto degradada pela queda*. A linhagem da serpente faz uso da arte *perante Deus em rebeldia a ele* (Gn 4.21). O pagão consagra sua criatividade ao pecado (Is 40.19-20; Rm 1.18-32).

Isso não significa que o cristão deva rejeitar a arte, pois Cristo reconcilia consigo mesmo “todas as coisas, quer sobre a terra, quer nos céus” (Cl 1.20). Isso possibilita o retorno ao projeto da criação — os dons e realizações artísticas da humanidade dedicados à glória divina.

Cristo não veio apenas para nos tornar cristãos ou salvar nossa alma; ele veio para nos redimir, de forma que pudéssemos ser humanos no sentido mais amplo da palavra. Ser novas pessoas significa

<sup>150</sup> “O que significa, em geral, “expressão”? A ideia de expressão está intimamente ligada a um nexos que se pressupõe existir entre uma *fonte de energia* e um *signo* que a veicula ou a encerra. Uma força que se exprime e uma forma que a exprime. Força e forma remetem-se e compreendem-se mutuamente”; BOSI, Alfredo. *Reflexões Sobre a Arte*. 7. ed. São Paulo; Ática, 2000, p. 50. (Série Fundamentos); cf. DEWEY, op. cit., p. 147-178. Wilde, por sua vez, considera que “revelar a arte, esconder o artista, é a meta da arte” — WILDE, Oscar. *O Retrato de Dorian Gray*. São Paulo: Abril, 2010, p. 9. (Clássicos Abril Coleções, v. 4).

<sup>151</sup> ROOKMAAKER, op. cit., p. 36.

<sup>152</sup> *Ibid.*, p. 38.

que podemos usar nossa capacidade humana de forma plena e livre em todas as facetas da vida. Portanto, ser cristão significa que temos humanidade — a liberdade de trabalhar na criação de Deus e usar os talentos que ele deu a cada um de nós para sua glória e para o benefício do próximo. Assim, se *tivermos talentos artísticos, eles devem ser usados*.<sup>153</sup>

A partir daqui é possível afirmar duas coisas, quais sejam, o culto público faz uso da arte, mas a arte no culto tem de servir às prescrições divinas.

## 8.2 O culto público faz uso da arte

A arte afeta a forma do culto e a pessoa que cultua. O culto público é também emocional. “Emocional não quer dizer anti-intelectual. É mais que intelectual”.<sup>154</sup> A adoração integra a razão (*compreensão* de conteúdos), as emoções (*apreensão* de conteúdos) e o corpo (*resposta* dos cinco sentidos — audição, olfato, paladar, tato e visão — aos conteúdos).

Somos *tocados* por boa música cristã. A experiência oposta é também frequente. A mais bem-intencionada iniciativa de evangelização e culto pode tropeçar no descuido com a arte.

Talvez eles arranjem uma tenda e um ótimo pregador. Mas e a música que será tocada antes de o pregador falar? Ou não haverá música? E se houver, de que tipo será? Ou isso não deve ser considerado? Ou será que não importa? Música também é comunicação. E se essa comunicação contradisser o discurso do pregador?

O mesmo se aplica aos panfletos distribuídos e aos cartazes confeccionados. Eles devem ser bem desenhados e de bom gosto, pois geralmente são o primeiro contato que as pessoas de fora têm com os cristãos e, de certa forma, são nossa face e aparência externas. Assim como as pessoas mostram quem são por meio de suas roupas e movimentos, essas coisas (música, cartazes ou, em uma palavra, *arte*) são os elementos que formam nossa primeira — e muitas vezes definitiva — comunicação. Se formos responsáveis pela construção de uma igreja, será que ela deverá ter uma aparência totalmente despojada? [...] Contudo, [...] e se buscarmos uma decoração apropriada (um vitral, por exemplo), será que não precisaremos encontrar um bom artista? [...] Com muita frequência criamos barreiras à comunicação do evangelho porque *pregamos que nos importamos com as pessoas e que este mundo é de Deus, mas não agimos por esses princípios*.<sup>155</sup>

O Redentor se fez carne; o Deus invisível se tornou visível e “palpável” (Jo 1.14; 1Jo 1.1-3). Isso legitima a estrutura e concretude da liturgia e o uso da arte para facilitar este processo. Desenhistas gráficos aprimoram os leiautes de Bíblias e hinários; arquitetos e especialistas em decoração e iluminação humanizam os lugares de adoração; carpinteiros e artesãos tornam o mobiliário usável e esteticamente agradável. Até a pregação utiliza a arte — peritos em sonorização e mídia tornam a palavra falada audível aos adoradores e os pregadores utilizam a linguagem corrente, métodos de comunicação e outras técnicas e tecnologias, a fim de transmitir a mensagem do evangelho.

Quando entendemos um pouco de arte, sabemos que as técnicas, os materiais, o tamanho — todos esses elementos técnicos — são escolhidos para ajudar a expressar o que se quer. Então, *o espiritual e o material estão necessariamente interconectados*.<sup>156</sup>

Outro autor coloca a questão da seguinte forma:

Há duas atividades distintas enraizadas na religião: Culto e cultura, adoração e trabalho, *ora et labora*, aspiração e transpiração. E não só nossa aspiração deve estar sob a inspiração do Espírito, como também nossa transpiração; cada partícula de energia gasta, física ou mental deve estar no serviço de

---

<sup>153</sup> Ibid., p. 27.

<sup>154</sup> Ibid., p. 52.

<sup>155</sup> Ibid., p. 25. Grifos nossos.

<sup>156</sup> Ibid., p. 39.

Deus, portanto inspirado. Essa é a essência da religião verdadeira; a fé deve informar o ser em sua integralidade. Restringir a religião tanto ao aspecto da adoração quanto ao do serviço é quebrar aquilo que Deus colocou junto, pois Deus, o Senhor, exige ambos, adoração e trabalho; religião consiste em culto e cultura.<sup>157</sup>

É nesse sentido que o culto cristão faz uso da arte. Ninguém de bom senso pode negar isso.

### 8.3 A arte no culto deve se sujeitar às prescrições divinas

A arte no culto *não possui autonomia*. Vimos que os artífices do tabernáculo fizeram tudo o que Deus havia “ordenado” (Êx 31.6,11). A arte na adoração fornece *suporte* para fazer o que Deus prescreveu (PRC). A arte não é usada no culto para “expressar criatividade” ou “inovar”, muito menos como substituta da pregação.

*A arte não deve ser usada para pregação, mesmo que isso seja útil. [...] A arte com frequência tem-se tornado insincera e inferior em seu esforço de falar às pessoas e comunicar uma mensagem que não lhe compete. [...] Na realidade, pedir ao artista que se torne um evangelista reflete a total confusão sobre o significado da arte e, conseqüentemente, de outras atividades humanas. [...] E o propósito da vida não é o evangelismo; é a busca do reino de Deus. [...] Para utilizar uma metáfora, a arte não deve ser comparada à pregação. Mesmo a melhor obra de arte ainda seria uma pregação ruim.*<sup>158</sup>

Aqui se encaixa nossa compreensão da dança. Enquanto arte ela possui legitimidade e não precisa ser justificada. Ela propicia uma experiência estética — o enlevo na alma decorrente de uma beleza que confirma a bondade da criação reafirmada em Cristo.

Nesses termos a arte, e em especial a dança, não podem ser demonizadas. Como cristãos, admitimos as possibilidades da dança em todas as “ramificações” da “árvore da dança” apresentada por Gualberto. Por outro lado, por causa da queda, assumimos também que “a arte não é neutra. Podemos e devemos julgar seu conteúdo, seu significado e a qualidade do entendimento acerca da realidade que está incorporada nela”.<sup>159</sup> Cabe a nós discernir a propriedade de cada uso da arte, reconhecendo que esta esfera oferece perigos ao discipulado (Ap 18.21-22). Talvez por isso, na igreja antiga, os que ganhavam a vida no teatro tinham de mudar de profissão antes de serem batizados.<sup>160</sup>

Outra questão é a preocupação com o *testemunho*. Ainda que o cristão possa celebrar a vida diante de Deus com danças, é necessário evitar todo escândalo — nem tudo que é lícito convém (Rm 14.13-23; 1Co 9.19-27; 10.23).

Por fim, temos de ser honestos em concluir que, tudo o que apresentamos sobre a dança como arte, ainda *não* a qualifica como elemento prescrito pela Bíblia como parte do culto público.

---

<sup>157</sup> VAN TIL, Henry R. *O Conceito Calvinista de Cultura*. São Paulo: Cultura Cristã, 2010, p. 45.

<sup>158</sup> ROOKMAAKER, op. cit., p. 37, 38. Grifos nossos.

<sup>159</sup> ROOKMAAKER, op. cit., p. 51.

<sup>160</sup> HIPÓLITO DE ROMA. *Tradição Apostólica de Hipólito de Roma: Liturgia e Catequese em Roma no Século III*. 2. ed. Petrópolis, Editora Vozes, 1981, 3.2. Para uma versão online do texto, cf. ARQUIDIOCESE ORTODOXA GREGA DE BUENOS AIRES E AMÉRICA DO SUL. *Patristica e Fontes Cristãs Primitivas: Tradição Apostólica de Hipólito de Roma*. Buenos Aires: Ecclesia, [20--?]. Disponível em: <[http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/pais\\_da\\_igreja/tradicao\\_apostolica\\_hipolito\\_roma.html#3.5](http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/pais_da_igreja/tradicao_apostolica_hipolito_roma.html#3.5) - O Batismo>. Acesso em: 26 mai. 2011. Talvez por causa da proximidade entre o teatro e o paganismo. Além dos ligados ao teatro, a igreja do século 3 não recebia donos de prostíbulos, escultores ou pintores que produzissem ídolos, cocheiros competidores e frequentadores de espetáculos de luta, gladiadores ou empresários de lutas gladiatórias, sacerdotes ou guardiões de ídolos, soldados que prestassem juramento a César, magistrados, prostitutas, pervertidos, homossexuais, mágicos, feiticeiros, astrólogos, adivinhos, intérpretes de sonhos, charlatães, ilusionistas e fabricantes de amuletos (ibid. loc. cit.).

## Conclusão da aula 8

A boa teologia bíblica não vê problema no uso da dança como arte e celebração. No entanto, o uso da arte na evangelização deve ser comedido, sem jamais ocupar o espaço da pregação. E não há, apenas sob o ângulo da dança como arte, um link válido com qualquer prescrição bíblica, que valide a proposta da dança litúrgica.

## Atividades da aula 8

1. Complete a frase: Enquanto alguns entendem que ser cristão equivale a não se divertir com danças, artistas cristãos sérios e preocupados em praticar a fé bíblica propõem que a igreja abra espaço para o uso \_\_\_\_\_ da dança.

2. Complete a frase: Gualberto nos apresenta as diferentes ramificações da árvore da dança; Lazer, etnia, saúde, \_\_\_\_\_ e espetáculo.

3. Marque Verdadeiro ou Falso: Criar e apreciar a arte é consequência direta do mandato cultural.

\_\_\_ Verdadeiro.

\_\_\_ Falso.

4. Complete a frase: O ponto a destacar é que a arte é tanto limitada, quanto \_\_\_\_\_ pela queda.

5. Marque Verdadeiro ou Falso. No culto cristão, a arte é usada para “expressar criatividade” ou “inovar”, e como substituta da pregação.

\_\_\_ Verdadeiro.

\_\_\_ Falso.

## Aula 9: [Parêntese 3] Usos atuais da dança pela igreja

De fato, um papel característico do culto público diminuiu quando muitos enfatizaram que toda a vida era um culto, e que o culto poderia assumir muitas outras formas que não essa do culto do povo de Deus reunido.

W. Robert Godfrey.

### Introdução da aula 9

A diversidade de opiniões entre evangélicos sobre dança é significativa. Há crentes que discordam da dança litúrgica, mas não veem problema em matricular seus filhos em aulas de balé ou dança contemporânea. Para outros, toda dança fora da jurisdição da igreja é pecado, enquanto usam coreografias na “evangelização” e a dança litúrgica nos cultos públicos.

### 9.1 Quatro usos da dança

A igreja brasileira usa a dança para adoração, missão, expressão e diversão (figura 07).

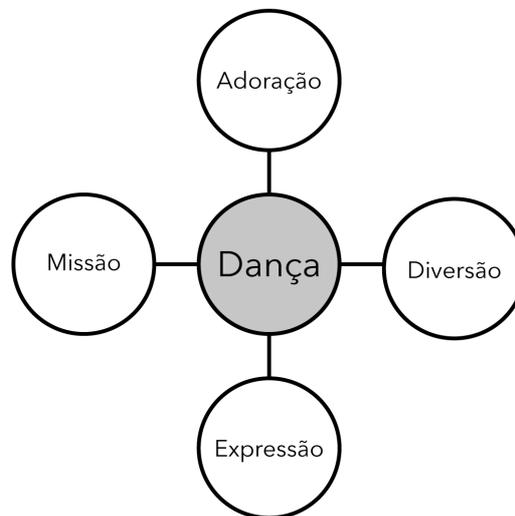


Figura 07. Quatro usos da dança pela igreja

Os que dançam no contexto da *adoração*, dizem seguir uma *direção do Espírito Santo*. Pessoas dançam enquanto a igreja canta, ou em outros momentos. E a congregação dança enquanto louva a Deus com cânticos.

A dança é usada também como *método evangelístico* agregada ao drama (coreografias). Há quem considere este procedimento eficaz e necessário.

Outros propõem a dança como *expressão* (uso religioso da arte). Há os que trabalham em prol de uma arte cristã, sugerindo que as igrejas devem promover a dança como expressão artística santificada (cf. Gualberto, na aula anterior). E há os que se esforçam para que os usos anteriores — da dança como adoração ou meio de evangelização — sejam aprimorados pela técnica artística.

Por fim, a subcultura *gospel* propicia *entretenimento cristão* (temos de “atrair” e “segurar” os adolescentes e jovens na igreja; para que eles não busquem as “baladas mundanas”, implementemos diversão “evangélica”). Bandas lançam versões “evangélicas” de estilos musicais populares e promovem “shows”. E os crentes se entretêm pulando e dançando. Igrejas criam espaços para que seus membros dançam — as chamadas “arenas” ou “boates gospel”.

Estes quatro usos da dança são tentativas de *colocar a arte* (no caso, a *dança*) sob a *jurisdição* da esfera religiosa.

## 9.2 Judaísmo messiânico e adoração profética ou extravagante

Igrejas evangélicas abrem espaço para a dança litúrgica influenciadas por cinco coisas, quais sejam, o judaísmo messiânico, a adoração profética ou extravagante, uma aplicação esquisita da pericorese, a sugestão de necessidade de uma arte cristã e, por fim, uma motivação sincera, mas pouco refletida, de relevância cultural evangélica.

O judaísmo messiânico foi iniciado em 1968 e se expandiu além de suas próprias fronteiras. Ele acolhe Jesus Cristo como Messias prometido no AT, mas insiste em *ler o NT sob uma ótica judaica, com o objetivo de alcançar os judeus*. Entre eles Jesus é chamado de *Yeshua*, as festas religiosas do AT são celebradas e as liturgias diferem das praticadas pelas igrejas ocidentais. Os judeus messiânicos acreditam que o Espírito Santo está promovendo um *avivamento da dança*.



Figura 08. Cinco influências da dança na igreja contemporânea

Em sua versão brasileira, a “adoração extravagante”<sup>161</sup> consiste em louvar profetizando — ou criando uma atmosfera propícia para a profecia — e obedecer aos impulsos do Espírito, oferecendo-se a Deus inteiramente e sem limites ou preocupações com o que os outros pensem ou digam. Há uma ligação conceitual e metodológica entre os adoradores extravagantes e os judeus messiânicos (cf. Apêndice 01).

Em terceiro lugar, cada vez mais pessoas aceitam a ideia de um “Deus dançarino”. Se Deus dança, nós não apenas podemos, mas também devemos dançar. A base para este ensino é uma aplicação muito estranha de exposição da doutrina da Trindade, proposta pelo teólogo grego João Damasceno, que viveu no século 8.

Damasceno entendeu que a relação entre as pessoas da Trindade é dinâmica e que a ação de cada pessoa — com exceção da encarnação — não pode ser absolutamente separada das demais.

Ele não pensava na dança litúrgica, mas, para ilustrar a ação sublime das Pessoas Benditas da Trindade, ele propôs uma ilustração: Assim como as crianças de seu tempo dançavam em roda, de modo que, ao fim da brincadeira, todas haviam ocupado as diversas posições no círculo, as três pessoas da Trindade também “trocam de lugar” enquanto atuam universo, de modo que cada

<sup>161</sup> BESSA, Ana Paula Valadão. *Adoração Diante do Trono*. [Belo Horizonte]: Editora Diante do Trono, 2003, p. 255-317; ZSCHECH, Darlene. *Adoração Extravagante*. São Paulo: Editora Atos, 2003.

detalhe da criação e nova criação é marcado pela ação do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Damasceno chamou isso de *pericorese*. Os simpatizantes da dança litúrgica dão a esta analogia um sentido compatível com sua teologia pró-dança (cf. Apêndice 01).

Em quarto lugar, abre-se espaço para a dança na igreja com o fim de construir uma *ponte cultural*, a “aplicação da arte a serviço do reino” e o “resgate da cultura brasileira”,<sup>162</sup> mencionados na seção 8.1.

Além das influências anteriores, dizem que “a igreja tradicional e institucional está definindo, e seu *nicho de mercado* está sendo esvaziado”.<sup>163</sup> Os crentes e as pessoas interessadas no evangelho são hoje orientadas mais pela imagem do que pela palavra.<sup>164</sup> Igrejas apegadas a formas tradicionais são como “um jumentinho puxando uma carroça em uma grande avenida”.<sup>165</sup> Isso “exige” uma “atualização” da igreja e *talvez a dança litúrgica deva constar nesta pauta de “contextualização”* — especialmente se quisermos alcançar a nova geração. Se precisamos de engajamento na busca dos perdidos e falar a linguagem atual, por que não fazer uso da dança litúrgica?

A igreja precisa mesmo refletir, se comprometer e agir para cumprir a missão. No entanto, é simplista imaginar que os desafios da contextualização e relevância são resolvidos com a adoção da dança como *mídia de evangelização*, ou no culto público, como *elemento da adoração*.

### 9.3 A novidade da dança no culto da igreja

Como vimos, não há prescrição da dança litúrgica no AT. O NT sequer menciona esta possibilidade. É curioso não encontrarmos danças nas liturgias do Apocalipse que ilustram o culto celestial, ou seja, *a Bíblia não menciona danças no céu* (Ap 4.1—5.14; 7.9-17; 11.15-19; 15.2-4; 19.1-8).<sup>166</sup>

Pensando especificamente no culto público, a dança litúrgica é uma *inovação*:

Observamos uma tendência cada vez maior entre os líderes cristãos de desprezarem vinte séculos de história eclesiástica e de experimentarem *novos métodos*, procedimentos e inovações *sem o apoio das Escrituras*, numa tentativa de edificar as suas igrejas e realizar a obra de Deus. Essas *mudanças e*

<sup>162</sup> VEIGA, Carlinhos. Prefácio. In: GUALBERTO, op. cit., p. 15.

<sup>163</sup> DRISCOLL, Mark. *Confissões de Um Pastor da Reformissão: Duras Lições de Uma Igreja Emergente Missional*. Niterói: Tempo de Colheita, 2009, p. 21. Grifo nosso.

<sup>164</sup> Cf. SWEET, Leonard. *Peregrinos do Novo Século: A Paixão do Primeiro Século Para o Mundo Contemporâneo*. São Paulo: Garimpo Editorial, 2010, p. 103. Os desafios apresentados pelas novas mídias têm sido debatidos por diversos teóricos. Cf. THOMPSON, John B. *A Mídia e a Modernidade: Uma Teoria Social da Mídia*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998; JOHNSON, Steven. *Cultura da Interface: Como o Computador Transforma Nossa Maneira de Criar e Comunicar*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001; LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999; VEEN, Wim; VRACKING, Ben. *Homo Zappiens: Educar na Era Digital*. Porto Alegre: Artmed, 2009; REYNOLDS, Garr. *Apresentação Zen: Ideias Simples de Como Criar e Executar Apresentações Vencedoras*. 2. ed. Rio de Janeiro: Alta Books, 2010; DUARTE, Nancy. *Slide:ology*. São Paulo: Universo dos Livros, 2010; HESSELGRAVE, David J. *A Comunicação Transcultural do Evangelho: Comunicação, Estruturas Sociais, Mídia e Motivação*. São Paulo: Vida Nova, 1996. v. 3; KRAFT, Charles H. *Cultura, Cosmovisão e Contextualização*. In: WINTER, Ralph D.; HAWTHORNE, Steven C.; BRADFORD, Kevin D. (Ed.). *Perspectivas no Movimento Cristão Mundial*. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 392-400. Na contramão desta argumentação, lemos que “com a Internet, voltamos à era *alfabética*. Se um dia acreditamos ter entrado na civilização das imagens, eis que *o computador nos reintroduz na galáxia de Gutenberg*, e doravante todo mundo vê-se obrigado a ler” (ECO, Umberto; CARRIÈRE, Jean-Claude. *Não Contem Com o Fim do Livro*. Rio de Janeiro: Record, 2010, p. 16; grifos nossos).

<sup>165</sup> MONTEIRO, Marcos Adoniram. Um Jumentinho na Avenida: A Missão da Igreja na Ótica de um Pastor Urbano. In: STEUERNAGEL, Valdir R. (Org.). *A Missão da Igreja: Uma Visão Panorâmica Sobre os Desafios e Propostas de Missão Para a Igreja na Antevéspera do Terceiro Milênio*. Belo Horizonte: Missão Editora, 1994, p. 165-178.

<sup>166</sup> Silberling (op. cit., p. 28-29) insiste em afirmar “o conceito da dança como culto espiritual e cópia do culto celestial” (grifo nosso). Ele referenda isso citando um trecho do livro apócrifo de *Atos de João*, mas não fornece uma só evidência sólida das Sagradas Escrituras.

*inovações* incluem coisas tais como *dançarinos*, *dramatização* ou *peças de teatro* e atividades pentecostais, que variam entre o “ser derrubado pelo Espírito” e o “riso santo”.<sup>167</sup>

A dança litúrgica *não* é mencionada nos registros litúrgicos dos primeiros cristãos. Se os crentes de origem gentílica dançavam após se converterem ao Senhor, é uma questão ainda em aberto.<sup>168</sup>

A *Apologia* de Justino Mártir (c. 100 — c. 165), nos fornece “a primeira liturgia de relativa precisão”.<sup>169</sup> Tal documento *não* registra a dança litúrgica:

No dia que se chama do sol, reúnem-se todos os que moram nas cidades ou nos campos, e então se leem, enquanto o tempo o permite, as memórias dos apóstolos ou os escritos dos profetas. Quando o leitor termina, o presidente faz uma exortação e um convite para imitarmos esses ensinamentos na vida. Em seguida, levantamo-nos todos juntos e elevamos preces. Depois de terminadas as preces, como já dissemos, oferecem-se pão, vinho e água, e o presidente, conforme suas forças, faz igualmente subir a Deus preces e ações de graças e todo o povo consente, dizendo “Amém”. Segue a distribuição a cada um, dos alimentos sobre os quais se pronunciou a ação de graças e seu envio aos ausentes pelos diáconos. Aliás, os que possuem alguma coisa, caso queiram, dão conforme sua livre vontade, o que bem lhes parece, e o que foi recolhido é entregue ao presidente, para que possa socorrer aos órfãos e viúvas.<sup>170</sup>

Outro documento fundamental para a compreensão do culto na igreja antiga é a *Tradição Apostólica*, de Hipólito de Roma (3º século). Nele lemos sobre a eleição de presbíteros e a iniciação das pessoas interessadas em ingressar na igreja. Há instruções sobre a condução e batismo dos catecúmenos e a celebração da ceia e culto dominical.<sup>171</sup> Neste texto rico em detalhes litúrgicos, a dança *não* é mencionada.

Martinho Lutero “não via razão para o uso da dança no culto eclesiástico”.<sup>172</sup> É provável que isso decorra de sua ênfase na centralidade da pregação.<sup>173</sup> Como vimos, os protestantes de linha Calvinista foram mais longe, insistindo que os elementos da liturgia do culto deviam ser prescritos pela Escritura (PRC).

<sup>167</sup> DICKIE, Robert L. *O Que a Bíblia Ensina Sobre Adoração*. São José dos Campos: Editora Fiel, 2007, p. 60. Grifos nossos.

<sup>168</sup> Esta é uma área de pesquisa que precisa ser escavada. Até pouco tempo, tal assunto não era tido como importante.

<sup>169</sup> HINSON, Glenn. E.; SIEPIERSKI, Paulo. *Vozes do Cristianismo Primitivo*. São Paulo: Temática Publicações; Editora SEPAL, [198-?], p. 35.

<sup>170</sup> JUSTINO MÁRTIR. 1ª Apologia, 67, apud JUNGSMANN, Josef A. *Missarum Sollemnia: Origens, Liturgia, História e Teologia a Missa Romana*. 5. ed. São Paulo: Paulus, 2008, p. 40.

<sup>171</sup> Cf. HIPÓLITO DE ROMA, op. cit., passim. Silberling afirma que tanto Justino Mártir quanto Hipólito escreveram sobre “*círculos festivos de dança como parte da ordem do culto*” (op. cit., p. 28, grifo nosso). Tal informação, como vimos, não corresponde às evidências. Nenhuma fonte é fornecida para a afirmação sobre Justino Mártir. Sobre Hipólito, a fonte secundária é BACKMAN, Louis E. *Religious Dances in the Christian Church and in Popular Medicine*. London: George Allen & Unwin Ltd., 1952, p. 27 (cf. SILBERLING, op. cit., p. 57). Ele sugere ainda (ibid., p. 29), que na obra de Hermas “a dança foi concebida como parte da bem-aventurança do céu”. O conteúdo da fonte indicada permite interpretações diferentes — cf. O Pastor, 9ª Parábola, 88. In: *PADRES APOSTÓLICOS*. São Paulo: Paulus, 1995, p. 254. (Série Patrística). A afirmação feita sobre João Crisóstomo e Agostinho (ibid., p. 30) não contém indicação de fonte. Também é dito que Jerônimo considerou a dança “boa e essencialmente alegre como expressão de louvor” (ibid., p. 45, apud BACKMAN, op. cit., p. 47). Mais uma vez, somente a fonte secundária é mencionada.

<sup>172</sup> SILBERLING, op. cit., p. 32. O referido autor se equivoca ao sugerir que a postura do reformador era consequência do novo foco na palavra escrita, decorrente da invenção da imprensa, e da “*admissão do racionalismo com sua conceituação mais crítica das artes*” (ibid., p. 31-32; grifo nosso). Lutero destacou a fala muito mais do que a escrita: “O próprio Cristo não escreveu nada, nem ordenou que nada fosse escrito, mas sim que se pregasse pela palavra falada” (WA 10/1, p. 48, apud GEORGE, op. cit., p. 91). O fato é que “os primeiros reformadores reagiram contra a teologia escolástica, com sua ênfase na razão” (cf. COSTA, Hermisten M. *Fundamentos da Teologia Reformada*. São Paulo: Mundo Cristão, [201?], p. 175). A verdade histórica indica que “Lutero distanciou-se muito de ser racionalista” (GONZALEZ, Justo L. *E Até os Confins da Terra: Uma História Ilustrada do Cristianismo. A Era dos Reformadores*. São Paulo: Vida Nova, 1983, p. 69. v. 6). Constatase que “os epítetos dados por Lutero à razão eram tão severos — a Meretriz do Diabo, a besta, a inimiga de Deus, *Frau Hulda* — que seus críticos muitas vezes o rotulam de irracionalista” (GEORGE, op. cit., p. 59).

<sup>173</sup> Ibid., p. 91-93.

A dança no culto foi praticada no século 18 pelos shakers, um grupo heterodoxo proveniente dos quacres, fundado “pela Mãe Ann Lee”.<sup>174</sup> Também pelos “monges beneditinos do Priorado de Weston”<sup>175</sup> a partir de 1953. E foi relida, atualizada e adotada pelos judeus messiânicos.<sup>176</sup>

Pelo menos até a metade do século passado, os evangélicos não mencionavam a possibilidade de incluir danças no culto público.<sup>177</sup> Uma obra clássica sobre o culto cristão sequer menciona o assunto.<sup>178</sup> Em duas outras referências importantes, a dança não é considerada.<sup>179</sup> Um livro escrito quase quatro décadas atrás, com um excelente capítulo sobre “o corpo do cristão no culto”, também não fala sobre dança litúrgica.<sup>180</sup> A convicção deste autor é que o judaísmo messiânico afetou o entendimento evangélico sobre dança litúrgica. Surgiram livros propondo seu uso na adoração.<sup>181</sup> Uma obra atual sugere até um exercício de dança, como segue:

Continue caminhando enquanto a música está tocando. Tente adaptar o seu passo ao ritmo da música. A dança pode ser um meio muito significativo de *expressar os seus sentimentos em relação a Deus*. Sabemos que o rei Davi dançou diante da arca da aliança (2Sm 6.14ss). *Vamos imitá-lo. Vamos dançar como crianças, do jeito que der*, mas vamos levar em consideração o que aprendemos até agora sobre as *expressões corporais na oração*. Enquanto você ouve a música, tente expressar de forma dançada os gestos de oração que você aprendeu até agora. Não olhe para o que os outros estão fazendo. *Permita ser conduzido na adoração ao fazer o seu corpo expressar a música que você está ouvindo.*<sup>182</sup>

Em suma, a igreja bíblica é pressionada por uma cultura teológica e ministerial que não apenas aceita, mas *insiste* em recomendar a dança litúrgica. A dança litúrgica *nunca* foi largamente usada na igreja cristã. Os registros de seu uso, a partir do século 18, apontam para *grupos cristãos minoritários e heterodoxos*. Ademais, a literatura favorável a tal prática é recente e produzida por simpatizantes de vertentes teológicas e ministeriais afastadas da ortodoxia bíblica calvinista e reformada.

Trocando em miúdos, os adeptos da dança litúrgica desconsideram o PRC. A dança deve ser incluída no culto da igreja? Eles lidam com a pergunta assumindo o princípio normativo (PNC):

---

<sup>174</sup> SILBERLING, op. cit., p. 33.

<sup>175</sup> Ibid., p. 34.

<sup>176</sup> Ibid., p. 35-36.

<sup>177</sup> O autor reconhece os limites estritos deste estudo (igrejas protestantes e evangélicas fortemente influenciadas pelo modelo litúrgico tradicional e conservador). Não constam neste levantamento: (a) Igrejas do Continente Africano; (b) as igrejas evangélicas norte-americanas influenciadas pela música *spirituals* ou *negro spirituals*; (c) igrejas pentecostais e neopentecostais, que associam a dança aos êxtases pretensamente provenientes da ação do Espírito Santo. Estes últimos grupos abrem um espaço convidativo para novas pesquisas.

<sup>178</sup> ALLMEN, 2005, publicada originalmente em 1965.

<sup>179</sup> MARTIN, op. cit., passim, publicado originalmente em 1964; SHEDD, Russel P. *Adoração Bíblica*. 1. Ed. Reimp. 1991. São Paulo: Vida Nova, 1987. Ainda que o Dr. Shedd afirme que a música na adoração “envolve os sentidos, o corpo e a criatividade dos adoradores” (op. cit., p. 90), não é sugerido que danças devam ser incluídas no culto público.

<sup>180</sup> ALLEN; BORROR, op. cit., passim. Publicado originalmente em 1982.

<sup>181</sup> Cf. GAGNE, Ronald; KANE, Thomas; VEREECKE, Robert. *Introducing Dance in Worship*. Revised Edition. Portland: Pastoral Press, 2000. (Primeira edição em 1984); WAGNER, Ann. *Adversaries of Dance: From the Puritans to the Present*. Baltimore: University of Illinois Press, 1997; STEVENSON, Ann. *Dance! God's Holy Purpose*. Shippensburg, PA: Destiny Image Publishers, Inc., 1998; CURRY, op. cit., passim.

<sup>182</sup> DOUGLASS, Klaus. *Celebrando o Amor de Deus: O Despertar Para Um Novo Culto*. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2000, p. 114. (Série O Desenvolvimento Natural da Igreja). Grifos nossos. Observe a tônica; *o culto não é entendido como adoração nos termos prescritos e sim como expressão de nossos sentimentos*. O incentivo à dança sacra pode ser encontrado também em algumas Bíblias de estudo. Dentre as Bíblias evangélicas, e.g., acerca de Salmos 150.4: “Como Deus deve ser louvado — [...] com as danças colocadas, de modo apropriado, no meio”; cf. BARKER, BENVI, p. 1048. Dentre as Bíblias católicas, acerca da mesma passagem, cf. SCHÖKEL, Luís Alonso (Ed.). *Bíblia do Peregrino*. São Paulo: Paulus, 2002, p. 1409: “Como a música instrumental estiliza sons, assim a dança estiliza movimentos humanos, os ordena em ritmos, os combina em figuras. E tudo é oferecido à divindade como espetáculo em sua honra”. Essa ideia de “espetáculo em honra de Deus” não encontra sustentação no AT ou NT.

“Inexistem proibições relativas à dança na Bíblia. Deus jamais a denunciou como prática a ser resistida ou evitada”.<sup>183</sup> Se a Bíblia não proíbe a dança litúrgica, não há problema em adicioná-la.

Repetindo, a Teologia do Culto<sup>184</sup> dos proponentes da dança litúrgica é configurada como segue: Primeiro são compiladas as passagens bíblicas que mostram danças no AT (sem nenhuma tentativa de interpretá-las cuidadosamente). Segundo, afirma-se, sem explicação do que isso significa, que os músicos e dançarinos desempenham algum tipo de ministério levítico e sacerdotal, semelhante ao do tabernáculo e do templo. Terceiro, sugere-se o uso cristão da arte (a dança devidamente incluída). Quarto, tudo isso é misturado sem muito critério e o resultado, dizem, deve ser o culto público da igreja (figura 09).



Figura 09. O método atual da Teologia do Culto

Tal abordagem produz confusão. Mais do que meramente normatizar, a Bíblia *regula* a adoração. A lista dos elementos bíblicos prescritos para a adoração é fornecida pela CFW:

A leitura das Escrituras, com santo temor; a sã pregação da Palavra e a consciente atenção a ela, em obediência a Deus, com inteligência, fé e reverência; o cântico de salmos, com gratidão no coração, bem como a devida administração e a digna recepção dos sacramentos instituídos por Cristo — são partes do culto comum oferecido a Deus, além dos juramentos religiosos, votos, jejuns solenes e ações de graça em ocasiões especiais, os quais, em seus vários tempos e ocasiões próprias, devem ser usados de um modo santo e religioso.<sup>185</sup>

Observemos que a dança litúrgica não consta entre os elementos do culto na Bíblia, nem na CFW, nem em qualquer outro documento litúrgico de igrejas bíblicas calvinistas e reformadas. Nós assumimos o princípio regulador: A Bíblia *não* ordena a dança no culto público; portanto, *não* podemos incluí-la.

### Conclusão da aula 9

Admite-se que a igreja brasileira tem aberto mais espaço para o uso da dança para adoração, missão, expressão e diversão. Quanto o primeiro uso, insistimos em que não há base bíblica para tal. Quanto

<sup>183</sup> SILBERLING, op. cit., p. 20.

<sup>184</sup> Teologia do Culto é a disciplina da Teologia Sistemática que estuda a adoração cristã.

<sup>185</sup> CFW, 21.5.

ao segundo uso, repetimos que o uso da arte na evangelização deve ser comedido, sem jamais ocupar o espaço da pregação. Quanto ao terceiro e quarto usos, a boa teologia bíblica não vê problema na dança como arte e celebração diante de Deus, evitando-se abusos e sempre levando em conta o bom testemunho cristão.

### Atividades da aula 9

1. Complete a frase: A igreja brasileira usa a dança para adoração, missão, \_\_\_\_\_ e diversão.

2. Marque Verdadeiro ou Falso: A subcultura *gospel* propicia entretenimento cristão (temos de “atrair” e “segurar” os adolescentes e jovens na igreja; para que eles não busquem as “baladas mundanas”, implementemos diversão “evangélica”).

\_\_\_ Verdadeiro.

\_\_\_ Falso.

3. Marque a única resposta correta: Igrejas evangélicas abrem espaço para a dança litúrgica influenciadas por cinco coisas, quais sejam:

\_\_\_ O judaísmo messiânico, a adoração profética ou extravagante, uma aplicação esquisita do anabatismo, a sugestão de necessidade de uma arte cristã e, por fim, uma motivação sincera, mas pouco refletida, de relevância cultural evangélica.

\_\_\_ O judaísmo messiânico, a adoração profética ou extravagante, uma aplicação esquisita da pericorese, a sugestão de necessidade de uma arte cristã e, por fim, uma motivação sincera, mas pouco refletida, de relevância cultural evangélica.

\_\_\_ O judaísmo messiânico, a adoração profética ou extravagante, uma aplicação esquisita da pericorese, a sugestão de necessidade de uma arte contemporânea e, por fim, uma motivação sincera, mas pouco refletida, de relevância cultural evangélica.

4. A ideia de que as igrejas devem implementar a dança litúrgica porque Deus é um “Deus Dançarino” (pericorese?) é proposta por:

\_\_\_ Pelo Teólogo grego João Damasceno.

\_\_\_ Pelo Ministério Diante do Trono.

\_\_\_ Pelos simpatizantes da dança litúrgica.

5. Marque a alternativa correta: Igrejas que praticam a dança litúrgica se baseiam no:

\_\_\_ Princípio Normativo de Culto (PNC).

\_\_\_ Princípio Regulador do Culto (PRC).

### ANOTAÇÕES

## Parte III

O culto no NT, a tradição reformada  
e uma proposta contemporânea



## Aula 10: A adoração do Senhor Jesus Cristo e da igreja do NT

Meu filho, lembre-se dia e noite daquele que anuncia a palavra de Deus para você e honre-o como se fosse o próprio Senhor, pois o Senhor está presente onde é anunciada a soberania do Senhor. Procure estar todos os dias na companhia dos fiéis, para encontrar apoio nas palavras deles.

*Didaquê 4.1-2.*<sup>186</sup>

### Introdução da aula 10

O tema proposto poderia ser explorado em uma matéria específica. Esperamos, no entanto, pontuar algumas informações fundamentais, a fim de consolidar um entendimento introdutório.

#### 10.1 A adoração de e segundo Cristo

Jesus Cristo adorava a Deus? A resposta a esta pergunta é cercada de duas dificuldades:

1. Como o Redentor poderia prestar culto sendo, ele mesmo, Deus?
2. Considerando a opinião aparentemente negativa do Senhor Jesus sobre o templo de Jerusalém, ele se opunha ao culto judaico?

##### 10.1.1 A adoração de Cristo

Ele é chamado de *kyrios*, “Senhor”, porque é *verdadeiro Deus*.<sup>187</sup> Do ponto de vista de sua divindade, Jesus Cristo é cultuado (Fp 2.9-11; Ap 5.6-14). “A adoração ao Filho encarnado significa que ele possui a mesma identidade essencial do seu Pai. Tudo o que é atribuído ao Pai é também atribuído ao Filho”.<sup>188</sup> Contudo, ele participou de atos do culto israelita. Não podemos desconsiderar sua “espiritualidade judaica” como *verdadeiro homem*.<sup>189</sup>

Alguns ditos de Jesus podem ser interpretados como contrários ao templo. Isso não significa que ele se opunha ao culto no templo em si.<sup>190</sup> Uma comparação entre Mateus 12.6; Marcos 14.58 e João 2.19, 21, permite concluir que ele não apenas “anunciava o desaparecimento do templo”, mas dizia ser “aquele que *substitui* o templo. [...] como sua vinda inaugurava o fim dos tempos, o *culto do templo não podia permanecer como antes*”.<sup>191</sup> Ele combateu a hipocrisia religiosa, censurando “uma atitude ideológica em que a prática não coincidia com a teoria”.<sup>192</sup>

Cristo *exemplificou e incentivou* a adoração. Se a essência da devoção é obediência, ele cumpriu plenamente os mandatos criacionais (Rm 5.19; Fp 2.8; Hb 5.8). Se o centro dos rituais do AT era o sacrifício, ele ofereceu sua própria vida na cruz, no contexto do pacto da redenção (Hb 7.26-27).

<sup>186</sup> PADRES APOSTÓLICOS, op. cit., p. 348.

<sup>187</sup> HURTADO, op. cit., p. 95-100, analisa os diversos usos de *kyrios* e chama a atenção para o caráter binitário. No culto dos primeiros cristãos, a adoração ao Deus único era também a adoração a Cristo.

<sup>188</sup> CAMPOS, Heber Carlos de. *A União das Naturezas do Redentor*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004, p. 541. (Coleção Fé Evangélica. A Pessoa de Cristo). É digno de nota que Jesus Cristo recebeu adoração antes mesmo da ressurreição (Mt 8.2; 9.18; 15.25; Mc 5.6; Jo 9.38; 20.28).

<sup>189</sup> SCHILLEBEECKX, Edward. *Jesus: A História de Um Vivente*. São Paulo: Paulus, 2008, p. 249. (Coleção Teologia Sistemática).

<sup>190</sup> CULLMANN, Oscar. *Cristologia do Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2008, p. 118.

<sup>191</sup> CULLMANN, op. cit., p. 118-119. As palavras do Senhor, acerca da destruição iminente do templo, podem ser conferidas em Mateus 24.2; Marcos 13.2 e Lucas 21.6. Grifo nosso. Excelentes exposições de Cristo com alvo, foco e cumprimento de cada cerimônia de culto do AT são fornecidas por LONGMAN III, op. cit., p. 27-63, 86-95, 122-128; SANTOS, op. cit., p. 152-174 e TURNBULL, op. cit., p. 114-173.

<sup>192</sup> SCHILLEBEECKX, op. cit. loc. cit. Uma expressão bastante utilizada por nosso Senhor, *hypokritai*, “hipócritas” ou “atores” (e.g. Mt 6.2; 7.6; 15.7; 22.18; 23.13; 24.51; Lc 12.56; 13.15) provinha do teatro grego. Cf. THIEDE, Carsten Peter; DANCONA, Matthew. *Testemunha Ocular de Jesus: Novas Provas em Manuscrito Sobre a Origem dos Evangelhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 185.

Seu nascimento foi cercado por louvor, e ainda menino e pré-adolescente, ele foi levado ao templo (Lc 1.46-55; 68-79; 2.13-14, 21-24, 41-52).<sup>193</sup> Adulto, participou da sinagoga de Nazaré e das assembleias solenes em Jerusalém (Lc 4.16; Jo 2.13; 5.1; 6.4; 7.2, 10; 10.22-23).

Quanto à devoção particular, ele encarnou o que lemos na oração judaica de *Ne'ilah*: “Tu escolheste o homem desde o princípio, destinando-o a estar diante de ti”.<sup>194</sup> Os Evangelhos destacam sua vida de oração (Mt 14.23; Mc 1.35; 6.46; Lc 3.21; 5.16; 6.12; 9.18, 28-29; 11.1; Jo 17.1-26). Os sinóticos registram sua postura de adorador, “prostrando-se” ou “ajoelhando-se” submisso ao Pai, na súplica do Getsêmani (Mt 26.39; Mc 14.35; Lc 22.41). Como afirmou Lloyd-Jones: “Observem a frequência com que nosso Senhor orava [...]. A necessidade de oração é uma prova absoluta de sua genuína humanidade”.<sup>195</sup> Tanto Mateus quanto Marcos nos informam que, após a ceia da Páscoa, ele cantou um hino (Mt 26.30; Mc 14.26). Finalmente, a derradeira tarefa messiânica, apontada pelo NT, será o culto do “último Adão”, entregando o universo ao Pai (1Co 15.28, 45).

### 10.1.2 A adoração segundo Cristo

Três pontos devem ser sublinhados quando pensamos na adoração instituída por nosso Senhor Jesus Cristo. Primeiro, ele estabeleceu elementos para o culto, ordenando a pregação e instituindo o Batismo e a Ceia — *Palavra e Sacramento* (Mt 26.26-39; 28.18-20; Mc 16.15; Lc 24.46-48).

Segundo, igualmente importante foi o seu diálogo com a mulher samaritana (Jo 4.20-26). A expressão “vem a hora e já chegou” (Jo 4.23) tem sido entendida como uma declaração de que, por meio de seu ministério, a adoração seria radicalmente transformada.<sup>196</sup> Essa “transformação” é, de certa maneira, uma *retomada*. Jesus *atualizou o padrão de adoração do tabernáculo*, como segue:

- *A adoração não é mais restrita a lugares especiais* (Jo 4.20-21): Nós “temos o preceito de invocar o Senhor [...] *sem distinção de lugar*”.<sup>197</sup> Este é um retorno à mobilidade e simplicidade do tabernáculo, com um diferencial: O culto no tabernáculo e no templo de Jerusalém dizia respeito à verdade “velada” e “representada sob sombras”.<sup>198</sup> Agora conhecemos a verdade “expressa ao vivo, o que *não admite que nos apeguemos a algum templo material*”.<sup>199</sup> Este postulado invalidou as disputas religiosas entre judeus e samaritanos.<sup>200</sup> “O advento messiânico dá um golpe mortal aos preconceitos raciais”.<sup>201</sup>
- Assim como na época do tabernáculo, o culto proposto pelo Redentor é apegado às prescrições divinas; *adoração deve corresponder à revelação dada aos judeus* (Jo 4.22).<sup>202</sup>

<sup>193</sup> A noção de pré-adolescência é um fato novo da cultura ocidental; no judaísmo do 1º século, a maioria era atingida cedo. Schillebeeckx (ibid., p. 255) nos informa que “depois da *maioridade* (13 anos), o respeito pelo pai continuava sendo obrigado até a morte” (grifo nosso).

<sup>194</sup> DI SANTE, op. cit., p. 9.

<sup>195</sup> LLOYD-JONES, D. Martin. *Grandes Doutrinas Bíblicas: Deus o Pai, Deus o Filho*. São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1997, p. 349. v. 1.

<sup>196</sup> GUTHRIE, Donald. João. In: CARSON, D. A. et al. (Ed.), op. cit., p. 1555. Grifos do autor.

<sup>197</sup> CALVINO, João. *As Institutas: Edição Clássica*. 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, III.XX.30. Grifo nosso.

<sup>198</sup> CALVINO, op. cit., loc. cit.

<sup>199</sup> Ibid., loc. cit.

<sup>200</sup> Quanto aos conflitos entre judeus e samaritanos, acerca do local apropriado para o culto, cf. DANIEL-ROPS, op. cit., p. 52-54; JEREMIAS, op. cit., p. 464-472. O sentimento dos judeus pelos samaritanos é expressado no texto apócrifo de Eclesiástico 50.25-26: “Há duas nações que minha alma detesta e terceira que nem sequer é nação: Os habitantes da montanha de Seir, os filisteus e o povo *estúpido* que habita em Siquém” (*BÍBLIA DE JERUSALÉM: NOVA EDIÇÃO, REVISTA E AMPLIADA*. São Paulo: Paulus, 2002, p. 1226. Grifo nosso).

<sup>201</sup> MACLEOD, A. J. João. In: DAVIDSON, F. (Ed.). *O Novo Comentário da Bíblia*. Reimp. 1985. São Paulo: Vida Nova, 1963, p. 1071. v. 2.

<sup>202</sup> Os samaritanos adoravam no escuro, “sem qualquer autoridade revelada”. Os judeus sabiam o que faziam. Isso era assim “porque a salvação vem dos judeus”, ou seja, a salvação não podia ser alcançada por qualquer um que a desejasse vagamente de um Deus de misericórdia. Algo tinha de ser revelado, preparado, depositado com um povo em particular, e

- A novidade trazida pela revelação progressiva e orgânica das Escrituras é que *a natureza e objeto da adoração são clarificados na pessoa e obra de Cristo* (Jo 4.23-26). O culto deve ser “em espírito”; se “Deus é espírito”, a adoração deve ser oferecida a ele *espiritualmente* (Jo 4.23-24).<sup>203</sup> Tal significado é reforçado pelo uso de *alētheia*, “verdade”. “Em verdade” quer dizer *correspondente à realidade celestial*, não mais fixado nos tipos e sombras do passado. Ainda que a sinceridade na adoração seja exigida desde o AT, em João 4.23-24, “verdade” não equivale a “sinceridade”, e sim à qualidade do que pertence à “esfera superior celestial”.<sup>204</sup> Dito de outro modo:

Em 4.23, a adoração do Pai “em espírito e em verdade” não traz nenhuma referência imediata à sinceridade pertencente à adoração, pois Jesus provavelmente não negaria [isso] quanto à adoração seja do judeu ou do samaritano. *Ela se relaciona à adoração não mais presa a formas típicas, quanto ao lugar, tempo e cerimonial. No lugar desses, virá uma adoração original celestial a Deus, que é Espírito.*<sup>205</sup>

O que significa adorar a Deus em espírito e em verdade? Simplesmente adorar “com amor, espiritualmente”,<sup>206</sup> não mais preso às sombras e tipos do AT, mas de acordo com o que é revelado pela pessoa e obra do Redentor (Jo 4.25-26; cf. Cl 2.8, 16-19; Hb 1.1-4; 7.1—10.25; 12.18-29).<sup>207</sup> Em suma, nosso Senhor Jesus Cristo não apenas foi um adorador e é objeto de adoração; *ele também confirmou Gênesis 3.15 ao designar a igreja como uma linhagem de adoradores verdadeiros.*

Em terceiro lugar, a adoração foi enriquecida pela celebração da pessoa e obra de Cristo como *profeta*, aquele que traz a revelação definitiva (Jo 1.1; At 3.22-23; 7.37; Hb 1.1-4); *sumo sacerdote* segundo a “ordem de Melquisedeque”, aquele que sobrepuja as realizações do sacerdócio de Aarão como Mediador entre Deus e seu povo (Hb 7.11-28; cf. 1Tm 2.5) e *rei*, o Senhor da igreja e “soberano dos reis da terra” (Ap 1.5).

devia ser procurado em conexão com aquele povo — “os judeus”. BROWN, D. João. In: JAMIESON, R.; FAUSSET, A. R.; BROWN, D. *A Commentary, Critical And Explanatory, on The Old and New Testaments*. Oak Harbor, WA: Logos Research Systems, Inc., 1997.

<sup>203</sup> Alguns comentaristas sugerem que o termo “espírito” se refere ao Espírito Santo, ligando estes versículos à promessa precedente de “água viva” e ao convite de Jesus na festa dos tabernáculos, para que bebamos dele (Jo 4.10, 13-14; 7.37-39). Adorar “em espírito”, dizem, corresponde a adorar sob a direção e no poder do Espírito de Deus. Cf. SCHWERTLEY, Brian. *The Teaching of Jesus on Worship*. Disponível em: <<http://www.reformedonline.com/view/reformedonline/The%20Teaching%20of%20Jesus%20on%20Worship.htm>>. Acesso em: 10 abr. 2012.

Algo semelhante é sinalizado por GUTHRIE, 2011, p. 533: “a ênfase principal aqui está no Espírito” (com letra maiúscula). E ainda: “O culto deve ser em espírito e em verdade, e isso dificilmente pode ser inteligível se essa não for uma alusão indireta ao Espírito da verdade, que conduz os crentes em Cristo em verdadeira adoração” (ibid., loc. cit., grifo nosso). Ainda MACLEOD, op. cit., loc. cit.: “O culto deve ser pessoal e espiritual, oferecido a Deus pela inspiração do Espírito” (grifo nosso); neste último caso ocorre o uso inexacto — teologicamente falando — do termo “inspiração”.

<sup>204</sup> VOS, op. cit., p. 428. É difícil, à luz da excelente exegese de Vos, concordar com a leitura de Bruce, que entende o texto como aludindo a “uma devoção sincera, de coração”; cf. BRUCE, F. F. *João: Introdução e Comentário*. São Paulo: Vida Nova; Mundo Cristão, 1987, p. 105. (Série Cultura Bíblica). Grifo nosso.

<sup>205</sup> VOS, op. cit., p. 429. Vos demonstra (ibid., p. 428-430) que o uso de *alētheia*, “verdade”, bem como do adjetivo *alethinos*, “verdadeiro”, especificamente no Quarto Evangelho, carrega o sentido de “aquilo que corresponde à realidade celestial”. Por outro lado, são pertinentes as palavras de Matthew Henry: “Os cristãos adorarão a Deus, não nas práticas cerimoniais da instituição mosaica, mas nas práticas espirituais, consistindo menos no exercício corporal, e mais naquele que é reavivado e revigorado pela força e pela energia divina. A maneira de adorar que Cristo instituiu é *racional* e *intelectual*, e um aprimoramento daqueles ritos exteriores e cerimônias com os quais a adoração do AT era tanto obscurecida quanto obstruída” (HENRY, Matthew. *Comentário Bíblico: Novo Testamento: Mateus a João. Edição Completa*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2010, p. 795-796. v. 5. Grifos nossos).

<sup>206</sup> Cf. ROCHA, J. G. Hino 4. Culto à Trindade. In: MARRA, Cláudio. (Ed.). *Novo Cântico*. 16. ed. Reimp. 2015. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, p.10.

<sup>207</sup> A adoração espiritual não é destituída de corporeidade. Nela “todo o ser entra em ação”; cf. HENDRIKSEN, William. *João*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004, p. 225. (Comentário do Novo Testamento).

Em resumo, Jesus traz de volta tanto a mobilidade quanto a simplicidade da adoração prescrita por Deus para o tabernáculo, com as devidas atualizações e releituras necessárias, considerando a própria pessoa e ministério de Cristo (figura 10).

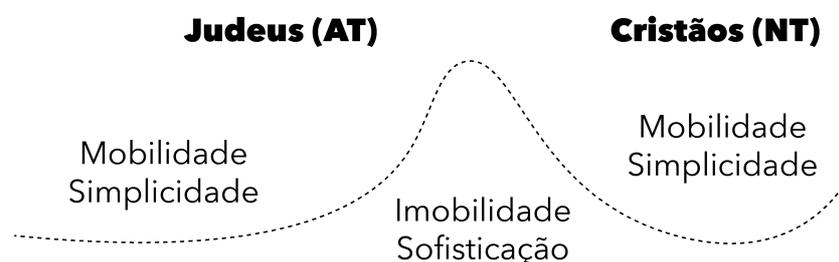


Figura 10. A adoração cristã retoma a mobilidade e simplicidade do culto no tabernáculo, relido e aplicado a Cristo

Isso é ratificado pela adoração dos apóstolos e primeiros cristãos do NT.

### 10.2 A adoração da igreja do NT

A adoração cristã preservou elementos do culto do AT e da sinagoga, ao mesmo tempo em que incorporou novidades decorrentes do evento da redenção personificada e realizada em Jesus Cristo. “Os cristãos podem ter virado o mundo de cabeça para baixo, mas na forma e no conteúdo do seu culto ainda era reconhecidamente um mundo judaico”.<sup>208</sup> O NT mostra os crentes após o Pentecostes participando das orações, no templo de Jerusalém e nos lares (At 2.46; 3.1; 5.42; 12.12; 16.40; 18.7-11; 20.20). Pelo menos até a metade do 2º século, “residências particulares continuaram servindo como lugar de reunião para as comunidades das cidades”.<sup>209</sup>

Tal arranjo fez com que os cristãos adaptassem o estilo do culto das sinagogas com os seguintes elementos: Leitura, pregação e ensino da Palavra, Batismo e Ceia, orações, ofertório, louvor com hinos e cânticos espirituais e bênção apostólica (At 2.38, 42-47; 1Co 11.17-34; 2Co 13.6; Ef 5.19-20; Cl 3.16; 1Tm 2.1-6; 4.13).<sup>210</sup> Vestígios de suas liturgias podem ser encontrados nas epístolas de Paulo; trechos de hinos (Fp 2.6-11; Cl 1.15-20; 1Tm 3.16), louvores breves (1Co 1.20-21; Ef 4.4-6) e preces (a expressão *Marana tá*, “Maranata”, significando “nosso Senhor vem”, em 1Co 16.22).<sup>211</sup>

Por meio de Cristo, os crentes foram feitos reino de sacerdotes e santuário do Espírito Santo (1Pe 2.9; Ap 1.6; Jo 7.38-39; Rm 8.9-11; 1Co 3.16; 6.19; 2Co 6.16; Gl 3.2; Ef 1.13-14). Sendo assim, eles podiam contemplar, “como por espelho, a glória do Senhor” e ser “transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito” (2Co 3.18). Ademais, tornou-se possível servir na adoração com os dons espirituais, de maneira amorosa, organizada e sob liderança masculina, retomando a ordem da criação (1Pe 4.10; 1Co 12.1—14.40; 1Tm 2.8-15).

Quanto ao dia separado para a adoração, “os cristãos da igreja de Jerusalém continuavam guardando o sábado [...]. Mas, uma vez que o primeiro dia da semana era o dia da ressurreição do Senhor, reuniam-se nesse dia para “partir o pão” em comemoração a essa ressurreição”.<sup>212</sup>

<sup>208</sup> WHITE, James F. *A Brief History of Christian Worship*. Nashville: Abingdon Press, 1993, p. 16.

<sup>209</sup> BRANICK, Vincent. *A Igreja Doméstica nos Escritos de Paulo*. São Paulo: Paulus, 1994, p. 131. (Coleção Temas Bíblicos).

<sup>210</sup> Em 1Coríntios 14.26, “salmo” corresponde ao louvor cantado; “doutrina”, “revelação”, “língua” e “interpretação” correspondem ao ministério da Palavra, atualmente exercido na pregação e ensino do evangelho.

<sup>211</sup> Sobre o indício de formas e discurso culturais nas cartas paulinas, cf. MARTIN, Ralph P. *Culto, Adoração*. In: HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P.; REID, Daniel G. *Dicionário de Paulo e Suas Cartas*. São Paulo: Vida Nova, Paulus, Loyola, 2008, p. 367-369.

<sup>212</sup> GONZALEZ, op. cit., 34.

Gradativamente a igreja compreendeu o sábado como figura do descanso obtido em Cristo, até o ponto em que *o primeiro dia da semana passou a ser considerado o “dia do Senhor”* (Hb 4.1-13; cf. Cl 2.16; At 20.7; Ap 1.10).

Por fim, o Apocalipse mostra a igreja e todo o cosmos adorando, diante do trono de Deus (Ap 4.1-11). No universo redimido, adoraremos ao Senhor tendo livre acesso à árvore da vida, e reinaremos com ele “pelos séculos dos séculos” (Ap 22.1-5).

### Conclusão da aula 10

O modo como nosso Senhor Jesus Cristo lidou com as práticas religiosas de seu tempo revela, simultaneamente, integração à forma de adoração judaica e consignação de uma transformação radical. O culto do AT foi substituído pela adoração cristã, de modo que, deixando para trás os tipos e sombras, podemos cultuar a Deus o Pai, no poder do Espírito Santo, por intermédio de Deus Filho.

Por que e em que sentido, é a adoração de Deus chamada *espiritual*? Para compreender isso, devemos atentar para o contraste entre o espírito e os emblemas exteriores, entre as sombras e a verdade. A adoração de Deus em espírito nada mais é do que a fé dentro do coração que produz a oração, e, em seguida, pureza de consciência e autonegação; assim, podemos nos dedicar à obediência a Deus como um sacrifício sagrado.<sup>213</sup>

Como os primeiros cristãos, atinemos para a adoração segundo Cristo. Adoremos a Deus “em espírito e em verdade”.

### Atividades da aula 10

1. Marque Verdadeiro ou Falso: Cristo participava da espiritualidade judaica, como verdadeiro homem.

\_\_\_ Verdadeiro.

\_\_\_ Falso.

2. Complete a frase: Jesus não apenas anunciava o desaparecimento do templo, mas dizia ser aquele que \_\_\_\_\_ o templo. Como sua vinda inaugurava o fim dos tempos, o culto do templo não podia permanecer como antes.

3. Complete a frase: Cristo exemplificou e incentivou a adoração. Se a essência da devoção é \_\_\_\_\_, ele cumpriu plenamente os mandatos criacionais (Rm 5.19; Fp 2.8; Hb 5.8).

4. Marque Verdadeiro ou Falso: Quanto à devoção particular, Jesus não encarnou o que lemos na oração judaica de *Ne'ilah*: “Tu escolheste o homem desde o princípio, destinando-o a estar diante de ti”.

\_\_\_ Verdadeiro.

\_\_\_ Falso.

5. Marque a única resposta correta: Três pontos devem ser sublinhados quando pensamos na adoração instituída por nosso Senhor Jesus Cristo.

\_\_\_ Primeiro, ele estabeleceu elementos para o culto, ordenando a pregação e instituindo o Batismo e a Ceia. Segundo, seu diálogo com a mulher samaritana revelou que Deus recebe todo culto, desde que seja sincero. Terceiro, a adoração foi enriquecida pela celebração da pessoa e obra de Cristo como profeta, sumo sacerdote e rei.

\_\_\_ Primeiro, ele purificou o templo em Jerusalém, demonstrando que não pode haver comércio no lugar de adoração. Segundo, em seu diálogo com a mulher samaritana, Jesus retomou e atualizou o padrão de adoração do tabernáculo, reafirmando que o culto não é restrito a lugares e deve corresponder à revelação bíblica; ao mesmo tempo, a natureza do culto e o objeto de adoração são clarificados no próprio Jesus. Terceiro, a adoração foi enriquecida pela celebração da pessoa e obra de Cristo como profeta, sumo sacerdote e rei.

---

<sup>213</sup> CALVINO, João. *Commentary On The Gospel According To John*. In: The Ages Digital Library. Albany: AGES Software, 1998. (Books For The Ages).

\_\_\_ Primeiro, ele estabeleceu elementos para o culto, ordenando a pregação e instituindo o Batismo e a Ceia. Segundo, em seu diálogo com a mulher samaritana, Jesus retomou e atualizou o padrão de adoração do tabernáculo, reafirmando que o culto não é restrito a lugares especiais e deve corresponder à revelação bíblica; ao mesmo tempo, a natureza do culto e o objeto de adoração são clarificados no próprio Jesus. Terceiro, a adoração foi enriquecida pela celebração da pessoa e obra de Cristo como profeta, sumo sacerdote e rei.

### **ANOTAÇÕES**

# Aula 11: Recortes históricos da liturgia reformada

O cântico concilia dignidade e graça aos atos sagrados e nos estimula à busca fervorosa de Deus. No entanto, é preciso ter cuidado para que não estejamos mais apegados à melodia do que ao sentido espiritual das palavras. Se formos cuidadosos nesse sentido, não há dúvida de que cantar louvores seja uma prática muito santa. Saibamos, porém, que as músicas criadas apenas para o prazer humano não são compatíveis com a majestade da Igreja e desagradam profundamente a Deus. *João Calvino.*

## Introdução da aula 11

Esta aula transcreve um capítulo do livro *Adoração Cristocêntrica: Deixando o Evangelho Moldar Nossa Prática*, de Bryan Chapell.<sup>214</sup>

### 11.1 O evangelho da estrutura

Estruturas contam histórias. Martinho Lutero sabia disso quando projetou a primeira igreja protestante em Torgau, na Alemanha. Antes da construção daquela capela para o castelo do protetor de Lutero, o Eleitor João Frederico I, os cultos protestantes eram realizados principalmente em igrejas que antes eram católicas romanas. A principal mudança arquitetônica que ocorreu quando os protestantes tomaram o controle de tais igrejas foi a **substituição de uma cruz na torre da igreja por um galo**, símbolo da nova era da Reforma. E não eram raras, nas marés concorrentes da Reforma, as vezes em que, se as forças católicas voltavam ao poder, substituíam o galo por outra cruz.

Cada movimento de fé sinalizou seu controle pela mudança do “símbolo ou ornamento” mais óbvio para todos na cidade ou região, mas a arquitetura básica da igreja mudou pouco. Assim, quando Lutero teve a oportunidade de projetar uma igreja que refletisse as novas perspectivas da Reforma, ele garantiu que a estrutura básica da igreja iria transmitir a história do evangelho que ele queria dizer. Nenhuma mudança estrutural teria sido mais óbvia para os adoradores do século 16 do que a localização do púlpito. Em contraste deliberado com a prática católica romana de colocar o púlpito à frente da congregação, **Lutero arranhou para que o pastor pregasse entre as pessoas**. O púlpito foi posto no centro da longa parede do santuário de adoração. Além disso, **o altar**, mesmo localizado ainda na frente da igreja, **não estava mais separado do povo por telas** que anteriormente designavam o espaço sagrado para uso exclusivo do clero.

Lutero pregou “o sacerdócio dos crentes”, e sua estrutura transmitiu a mesma mensagem. A localização do púlpito silenciosamente explicou que **o pregador não era mais santo do que as pessoas**. Ele ministrou entre eles, porque todos estavam cumprindo chamados santos para servirem a Deus nas ocupações para as quais haviam sido por ele dotados. A arquitetura do altar “disse” que não havia necessidade de intercessão sacerdotal ou separação, já que todos tinham acesso igual e imediato a Deus. **As primeiras igrejas calvinistas da Reforma francesa levaram a ideia adiante, colocando o púlpito no centro de congregação circular.**<sup>215</sup> Esta estrutura não só simbolizava o sacerdócio dos crentes, mas também afirmou **a centralidade da Palavra no culto cristão**.

#### 11.1.1 Informados, não dirigidos

Eu não mencionei estes detalhes arquitetônicos, a fim de normatizar os projetos arquitetônicos da igreja. Na verdade, as várias maneiras como os reformadores expressaram suas opiniões permitem defender as liberdades na arquitetura da igreja que os cristãos modernos têm, obviamente, exercitado. Mas essa liberdade

<sup>214</sup> Tradução nossa. CHAPPELL, Bryan. *Christ-Centered Worship: Letting The Gospel Shape Our Practice*. Grand Rapids: Baker Academic, 2009, p. 15-25.

<sup>215</sup> [A numeração das notas de rodapé segue a ordem da apostila do curso. No livro, esta é a primeira nota. Optou-se ainda pela manutenção das referências bibliográficas no formato original, sem adequação ao padrão ABNT — nota do Tradutor] Geoffrey Barraclough, ed., “Calvinism: The Majesty of God,” in *The Christian World: A Social and Cultural History* (New York: Harry N. Abrams, Inc., 1981): 178—79. Os grifos em itálicos são de Chapel; os grifos em negrito são nossos.

é melhor aplicada quando temos alguma noção da história que estamos tentando contar, e isso requer um entendimento de nosso lugar no desdobramento do plano de Deus para sua igreja. Não devemos ignorar a sabedoria dos pais da igreja somente porque são antigos, ou automaticamente rejeitá-la porque nunca pensamos antes nisso. **Nós consideramos a história, porque Deus não concede toda a sua sabedoria para somente um momento, ou um grupo restrito de pessoas.** Lealdade servil às tradições nos impede de ministrar eficazmente para a nossa geração, mas destruir o passado nega totalmente os propósitos de Deus para a igreja que estamos construindo. **Se não aprendermos com o passado, perderemos percepções de como Deus orientou outras pessoas a interagir com sua Palavra e umas com as outras.**

*Somos sempre informados pela tradição, nunca governados por ela.* A Palavra de Deus é a nossa única regra infalível de fé e prática, mas uma falta de vontade de considerar o que as gerações anteriores aprenderam sobre como aplicar a Palavra de Deus revela ou ingenuidade ou arrogância. **Deus quer que nos posicionemos nos ombros dos fiéis diante de nós. Ele nos dá uma missão para o nosso tempo, mas ele também nos dá uma história para nos preparar para nosso chamado presente.** Sem crítica construtiva e análise desta fundação, estamos mal equipados para a edificação da igreja que Deus quer hoje. Isto é verdade não apenas quanto às estruturas arquitetônicas, mas também para as **estruturas de adoração** da igreja.

### 11.1.2 *Projetada para comunicar*

Assim como os líderes da igreja através dos tempos estruturam seus edifícios para refletir sua compreensão do evangelho, eles também estruturam o que acontece dentro desses prédios a fazerem o mesmo. Já vimos como a colocação de altar, púlpito e banco poderia transmitir uma mensagem. O que foi feito no púlpito, no altar, e no banco também foi estruturado para comunicar. Por exemplo, na missa católica romana, **o sacerdote em pé entre o altar e o povo** no momento de dispensação dos elementos<sup>216</sup> simboliza o seu papel intercessor. Por outro lado, muitos **reformadores protestantes** intencionalmente **se colocam atrás da mesa da comunhão, na administração da Ceia do Senhor, demonstrando o acesso imediato das pessoas a Cristo.**<sup>217</sup> O posicionamento físico do mobiliário, pastor e as pessoas foi projetado para comunicar uma mensagem clara do evangelho: **“Nada ou ninguém entre Cristo e o crente”.**

Podemos pensar que “o meio é a mensagem” é uma visão moderna, mas a igreja antiga praticava princípios de comunicação muito antes de Marshall McLuhan cunhar esta frase. Os líderes da igreja entenderam que **a mensagem podia facilmente se perder, se fosse incompatível com o meio pelo qual era comunicada.** Assim, eles **retrataram a mensagem do evangelho utilizando todas as estruturas de comunicação disponíveis: Arquitetura, decoração, desenho do púlpito, colocação de mobiliário, a posição de líderes de louvor e até mesmo o lugar dos participantes no culto.**

Nunca houve apenas uma estrutura adequada para comunicar o evangelho em todas as regiões, culturas e épocas. E nem sempre a sabedoria adequada foi aplicada. **Às vezes, a verdade da mensagem se perdeu na decoração, outras vezes a beleza do evangelho foi velada na aridez reacionária.** Mas em todas as épocas, inclusive a nossa, aqueles que edificam igrejas foram obrigados a considerar como sua compreensão do evangelho é comunicada pelas estruturas em que este é apresentado.

### 11.1.3 *A adoração evangélica*

A compreensão do evangelho não só é incorporada nas estruturas físicas, mas também é comunicada nos **padrões de culto** da igreja.<sup>218</sup> A estrutura de culto de uma igreja é chamada de *liturgia*.<sup>219</sup> Muitos protestantes pensam que “liturgia” apenas descreve o culto altamente cerimonial nas igrejas Católica, Ortodoxa ou Anglicana. Nós normalmente falamos sobre adoração em termos de “culto dominical” ou o “momento de

---

<sup>216</sup> [O termo inglês *aspects* é aqui traduzido como “elementos”, mais condizente com a terminologia usada neste curso — nota do Tradutor].

<sup>217</sup> K. Deddens, “A Missing Link in Reformed Liturgy,” *Clarion* 37, nos. 15—19 (1998): 6, <http://www.spindleworks.com/library/deddens/missing.htm>.

<sup>218</sup> Robert E. Webber, *Ancient-Future Worship: Proclaiming and Enacting God’s Narrative*. (Grand Rapids: Baker Books, 2008), 110.

<sup>219</sup> Peter Leithart, “For Whom Is Worship?” *New Horizons* 23, no. 4 (April 2002): 5.

adoração”. As atividades que cercam a pregação são descritas como “ministério de música”, “ministério de oração” ou, simplesmente, como “o culto”. No entanto, **a palavra bíblica para tudo o que está incluído em nossa adoração é “liturgia”** (*latreia*, cf. Rm 12.1), e simplesmente descreve **o modo público de uma igreja honrar a Deus em seus momentos de louvor, oração, instrução e consagração.**<sup>220</sup> Todas as igrejas que se reúnem para adorar têm uma liturgia, mesmo que seja uma liturgia muito simples.

Os modos usuais como uma igreja organiza os elementos e componentes de seu culto público formam sua **tradição litúrgica**. Semelhantemente à arquitetura, as práticas de culto de uma igreja tradicional (às vezes chamada litúrgica) podem ser muito elaboradas ou simples (em igrejas não-litúrgicas). As diferenças entre os cultos podem ser significativas, levando muitos a pensar que não há concordância ou razão para as diferentes abordagens litúrgicas. Nesta época cada vez mais secularizada, os líderes de igreja podem não saber por que os diferentes elementos de seus cultos estão presentes ou organizados da forma atual [...].

Mas, análogo à arquitetura da igreja, a *ordem de adoração* (outra maneira de descrever a liturgia) **transmite uma compreensão do evangelho**. Se é pretendido ou não, **os nossos padrões de adoração sempre comunicam algo**. Mesmo se a pessoa simplesmente segue o que é ou historicamente aceito ou atualmente preferido, uma compreensão do evangelho, inevitavelmente, se desenrola. Se um líder reserva tempo para a Confissão de Pecados<sup>221</sup> (seja pela oração, pela música ou pela leitura das Escrituras), algo sobre o evangelho é comunicado. Se não houver nenhuma Confissão no decurso do culto, uma outra coisa é comunicada — mesmo que a mensagem transmitida não tenha sido pretendida.

Semelhante à arquitetura das igrejas, diferentes tradições da igreja e dos contextos culturais resultam em grande variação na estrutura da Liturgia Cristã. Semelhantemente às estruturas físicas da igreja, onde as verdades do evangelho são mantidas, **continuam a existir estruturas comuns de adoração que transcendem a cultura**. Apesar da grande variedade arquitetônica, igrejas cristãs têm denominadores comuns: Um lugar para anunciar a Palavra; um lugar para oração, louvor e recepção da Palavra; um lugar para administrar e receber os sacramentos; e outros. Ninguém impôs essas características arquitetônicas às igrejas, mas a nossa forma de ministrar, receber e responder ao evangelho em um ambiente corporativo exigiu essas estruturas familiares. Por razões similares, **estruturas litúrgicas comuns transcendem contextos individuais e tradições**.

#### 11.1.4 Continuidade evangélica

A liturgia conta uma história. **Nós dizemos o evangelho pela maneira como adoramos**. Uma igreja que sustenta as verdades do evangelho, inevitavelmente descobre elementos de sua adoração que estão em harmonia com outras igrejas fiéis. Na verdade, **cultuar com estes elementos é uma forma importante de uma igreja se manter fiel ao evangelho**.

Porque entenderam a importância da adoração, **os pais da igreja primitiva projetaram uma arquitetura para o culto que ainda se reflete na maioria das igrejas de hoje**. Já no segundo século,<sup>222</sup> registros indicam que a igreja dividiu sua adoração em **dois segmentos** principais: a **Liturgia da Palavra** (cf. tabela 06) e a **Liturgia do Cenáculo** (cf. tabela 07).<sup>223</sup> Hoje pensamos da Liturgia da Palavra como a parte do culto de adoração que culmina na pregação. Nós pensamos da Liturgia do Cenáculo, como parte do culto de adoração que inclui a Ceia do Senhor ou Comunhão. **Mesmo que nossas igrejas não pratiquem a Comunhão a cada semana, elas ainda tipicamente dividem o culto em dois segmentos nas ocasiões em que esta ordenança é observada**. Ao

---

<sup>220</sup> John W. de Gruchy, “Aesthetic Creativity, Eucharistic Celebration and Liturgical Renewal: With Special Reference to the Reformed Tradition” (paper for the Buvton Conference, Stellenbosch, South Africa, September 1, 2003), 1.

<sup>221</sup> Aqui e em outras partes deste livro, termos tais como confissão de pecado, que podem ter um significado comum e genérico na devoção cristã, são escritos em maiúscula, quando se referem a um componente distinto ou formal de um culto de adoração.

<sup>222</sup> De Gruchy, “Aesthetic Creativity,” 278.

<sup>223</sup> John M. Barkley, *Worship of the Reformed Church* (Richmond, VA: John Knox, 1967), 41. [Nota do tradutor: Os números e paginação das tabelas foram alterados].

se mover da Proclamação para a Comunhão, as igrejas através dos tempos recontam a história: **Aqueles que realmente ouvem a Palavra de Deus compartilham de seu amor.**<sup>224</sup>

Roma antes de 1570	Lutero cerca de 1526	Calvino cerca de 1542	Westminster cerca de 1645	Rayburn cerca de 1980
Liturgia da Palavra	Liturgia da Palavra	Liturgia da Palavra	Liturgia da Palavra	Liturgia da Palavra
Coral (introito)*	Hino de entrada Introito*	Sentença da Escritura (e.g., Salmos 121.2)	Chamado à adoração e oração inicial • Adoração • Súplica por graça • Súplica por iluminação	Chamado à adoração e Hino de adoração
				Invocação (ou oração de adoração)
<i>Kyrie*</i> (O Senhor é misericordioso)	<i>Kyrie*</i>	Confissão de pecados (com declaração de perdão de Estrasburgo)		Confissão de pecados Oração por perdão
<i>Gloria*</i> Saudação ("O Senhor esteja contigo")	<i>Gloria*</i> Saudação	Cântico de um Salmo		Garantia de graça
				Hino de gratidão Ofertório
Coleta*	Coleta*			Oração de intercessão (a oração do Senhor é opcional)
Leitura do AT Cântico de antífona*		Os Dez Mandamentos (cântico com <i>Kyries*</i> de Estrasburgo)	Leitura do AT Cântico de um Salmo	Leitura do AT Hino ou cântico litúrgico
Leitura das Epístolas Gradual* (cântico de um Salmo)	Leitura das Epístolas Gradual*		Leitura do NT Cântico de um Salmo	Leitura do NT
			Confissão ou Intercessão	
<i>Alleluia*</i>				
		Oração por iluminação (com a oração do Senhor)	Oração por iluminação	Oração por iluminação
Leitura dos Evangelhos	Leitura dos Evangelhos <i>Credo Apostólico</i> Hino do Sermão	Leitura da Escritura	Leitura da Escritura	Leitura do texto do Sermão
Sermão	Sermão	Sermão	Sermão	Sermão
			Oração de gratidão e adoração Oração do Senhor	Oração de adoração
<i>Credo Niceno</i> cantado (ou <i>Gloria*</i> )	Hino relacionado ao Sermão		Cântico de um Salmo	Hino ou Responsório*
Despedida dos não comungantes	Exortação		Despedida dos não comungantes	Despedida e bênção

Tabela 06. Estruturas gerais da liturgia histórica: A liturgia da Palavra

<sup>224</sup> Mark L. Dalbey, "A Biblical, Historical, and Contemporary Look at the Regulative Principle of Worship" (D.Min diss., Covenant Theological Seminary, 1999), p. 37. Os significados dos termos litúrgicos podem ser consultados no Apêndice 2.

Roma antes de 1570	Lutero cerca de 1526	Calvino cerca de 1542	Westminster cerca de 1645	Rayburn cerca de 1980
Liturgia do Cenáculo (sempre)	Liturgia do Cenáculo (sempre)	Liturgia do Cenáculo (trimestral)	Liturgia do Cenáculo (opcional)	Liturgia do Cenáculo (opcional)
Ofertório		Coleta* das almas	Ofertório	
	Oração pela igreja	Intercessões Oração do Senhor		
			Convite; recepção	Convite; Hino de recepção
Preparação dos Elementos	Hino de preparação	<i>Credo Apostólico</i> (cantado com elementos preparados)		<i>Credo Apostólico</i> (recitado por todos)
Saudação <i>Sursum Corda*</i> <i>Sanctus*</i> <i>Benedictus*</i>	<i>Sursum Corda*</i> <i>Sanctus*</i>			
Oração eucarística: • Recordação ( <i>Anamnesis*</i> ) • Oferecimento dos elementos para uso santo (oblação)	Preparação: • Invocação do Santo Espírito ( <i>Epiclesis*</i> ) • Consagração dos Elementos • Recordação ( <i>Anamnesis*</i> )			
			Preparação: • Exortação	Preparação: • Exortação
• Palavras da Instituição ( <i>Verba*</i> ) • Invocação do Santo Espírito para transformação dos Elementos ( <i>Epiclesis*</i> ) • <i>Amen*</i>	• Palavras da Instituição ( <i>Verba*</i> )	• Palavras da Instituição • Exortação	• Palavras da Instituição	• Palavras da Instituição
Oração do Senhor	Oração do Senhor	Oração de consagração	Oração de consagração (dos participantes e dos elementos)	Oração de consagração
Beijo da Paz*				
Fração*		Fração*	Fração*	Fração*
<i>Agnus Dei*</i>	<i>Agnus Dei*</i>			
Comunhão	Comunhão (com cântico de um Salmo)	Comunhão (com leitura da Escritura)	Comunhão	Comunhão
			Exortação Oração	
Coleta*	Coleta*	Cântico de um Salmo	Cântico de um Salmo	Hino de adoração
	Ação de graças	Oração de ação de graças		
Despedida e bênção	Bênção Aarônica Hino final	Bênção Aarônica	Ação de graças	Ação de graças

Tabela 07. Estruturas gerais da liturgia histórica: A liturgia do Cenáculo

Minha esperança [...] é que os leitores que tiveram um momento “oh!”, no parágrafo anterior — quando descobriram que o padrão de sua adoração os une com cristãos de diversos séculos que cultuavam de modo semelhante — também sintam o prazer de descobrir como a sua adoração pode uni-los em missão com os irmãos na fé. Em cada época, adoramos a Deus para promover a causa do evangelho. Sabemos que a “boa notícia” do evangelho nos faz reconhecer a santidade de nosso Criador, confessar os nossos pecados, buscar sua graça certos de sua misericórdia, dar-lhe graças, pedir sua ajuda, procurar sua instrução, e, em resposta de amor a todas as suas misericórdias, viver por ele. [...] Diferentes tradições eclesiais tentam expressar essas verdades do evangelho através da estrutura de suas liturgias.

## 11.2 Estratégia litúrgica

O que aparece mais, à primeira vista, é a diferença entre as liturgias. Olhar para elas equivale a observar o horizonte de uma cidade moderna. Tudo o que vemos inicialmente são as diferentes formas, tamanhos e complexidades das estruturas. Mas, quanto mais observamos, e quanto mais a arquitetura é explicada, compreendemos que cada um dos arquitetos construiu com os mesmos materiais e princípios básicos de projeto. As formas variam de acordo com funções específicas e intenções de design, mas cada arquiteto teve de fazer paredes capazes de suportar o peso adequado e tetos de certa altura, sobre fundamentos lançados em profundidade suficiente. Após um estudo mais detalhado, concluiremos que alguns talvez não tenham projetado ou construído tão bem quanto outros, mas veremos também que os mais bem-sucedidos tiveram de aprender com aqueles que os precederam. Ninguém constrói sem considerar o que os outros já aprenderam.

Talvez a maneira mais simples para enxergar padrões comuns é notar que **até mesmo as duas divisões básicas da liturgia têm movimentos distintos**. A Liturgia da Palavra, em cada uma das cinco tradições mencionadas, possui elementos que levam à pregação da Palavra. A pregação não é a única coisa na Liturgia da Palavra. Esta é “Preparação” antes de “Proclamação”. Esta “Preparação”, como veremos, **não é aleatória ou arbitraria**. Os componentes do culto de adoração, antes e depois do sermão, conduzem o coração por várias fases de reverência, humildade, segurança e ação de graças para nos fazer receptivos e sensíveis à instrução da Palavra.<sup>225</sup> *Há uma estratégia para a liturgia.*

### 11.2.1 O conteúdo da abertura

[...] Quão triste é **o equívoco comum naquilo que acontece antes do sermão**, em muitas igrejas protestantes. Eu ouvi isso muitas vezes ao ser convidado para pregar durante a ausência do pastor de uma igreja local. Um líder leigo, muitas vezes me orientou com palavras semelhantes a estas: “ Eu cuido da abertura, de modo que você pode fazer a pregação”.

Essa “coisa de abertura” é, na mente da maioria das pessoas, a variedade de hinos e orações com o que **fazemos barulho antes da “coisa real”** — a Pregação. O “conteúdo” que preenche o tempo no início do culto é considerado apenas o prelúdio para a Pregação, o ato de abertura para o evento principal, ou as amabilidades pelas quais precisamos passar antes que cheguemos ao “cerne da questão”. Normalmente, ninguém pensa muito sobre o “conteúdo da abertura”, e ninguém vai reclamar se alguém não altera a ordem tradicional, muda uma melodia familiar, ou esquece a oferta.

Se surge uma queixa, dificilmente é baseada em uma lógica enraizada nas prioridades do evangelho. As pessoas falam sobre sua falta de conforto com o que é pessoalmente desconhecido ou não inspirador, ou sobre a falta de respeito por aquilo que é tradicional. **Porque não foram ensinadas a pensar na adoração como aplicação do evangelho, as pessoas instintivamente pensam em seus elementos apenas em termos de preferência pessoal: O que me faz sentir bem, confortável ou respeitoso.**

---

<sup>225</sup> Nota do tradutor: O autor desta apostila *rejeitava* a ideia de “criar um ambiente” para a adoração, entendendo que a “sensibilização” ou “preparação” para a Palavra é realizada pelo Espírito Santo soberanamente, sem qualquer manipulação humana. Agora ele entende que as instruções de Êxodo e Levítico, bem como as deliberações de Davi, para os cultos no tabernáculo e no templo, demonstram uma preocupação legítima em configurar um “ambiente” propício à adoração. Alguns pais reformadores legitimaram uma “música sacra” e organizaram a ordem dos elementos de culto com esta intenção — de que o adorador fosse *conduzido* em um processo de “elevação da alma” em cada parte da liturgia.

### 11.2.2 Metas do evangelho

Uma grande vantagem em olhar para as diferentes liturgias de adoração é ver que os seus criadores tinham objetivos mais elevados do que satisfazer suas preferências pessoais. **Os líderes da igreja projetaram suas ordens de culto para comunicar as verdades da Escritura, tocar os corações dos fiéis com as implicações dessas verdades, e depois equipar os crentes a viver fielmente no mundo como testemunhas de tais verdades.** Podemos não concordar com a forma como estas liturgias enquadram as verdades do evangelho, mas é difícil culpar o impulso missionário atrás de tais projetos. Nosso objetivo, portanto, não deve ser imitar as liturgias que se seguem, mas aprender como a igreja tem usado o culto para cumprir os propósitos do evangelho através dos tempos, de modo que possamos projetar a adoração de forma inteligente, atendendo às necessidades atuais do evangelho.

Para pensar na adoração *evangélica*, precisamos ter cuidado para não pensar somente em termos de *evangelização*. Enquanto o evangelho inclui a boa notícia da graça de Deus para aqueles que se voltam para ele com fé, **o evangelho não é apenas para pessoas de fora ou descrentes.** Um grande poder reside no dito popular entre os jovens cristãos de hoje: “Nós devemos pregar o evangelho aos nossos corações a cada dia”.<sup>226</sup> Essa ética não consiste apenas em repetir aquelas porções do evangelho que levam a novas conversões. Trata-se do poder da boa notícia que Deus concede graça para salvar, santificar, e para equipar o seu povo hoje, todos os dias e para sempre. **Precisamos do evangelho para entrar no reino de Cristo, e também para caminhar com ele em nossos desafios e necessidades diárias.** Este é o evangelho que as antigas liturgias ensinaram e as melhores liturgias atuais ainda ecoam. Exemplos são agrupados [...] a seguir, para que vejamos padrões comuns antes de analisar as diferenças importantes e, finalmente, descobrir como eles se unem para informar nossos propósitos evangélicos hoje.

### 11.2.3 Roma

A liturgia católica romana teve uma influência penetrante e profunda sobre as liturgias posteriores da cultura ocidental. Minha descrição desta ordem de adoração é intencionalmente escassa, refletindo **o culto católico antes do Conselho de Trento, no século 16**, quando muita complexidade foi agregada a fim de adicionar ênfases sacramentais à tradição. **A divisão da liturgia romana em dois principais movimentos relativos à Palavra e os sacramentos foi fundamental para todas as liturgias subsequentes.** Estas divisões de culto são evidentes logo no 2º século.<sup>227</sup> O reformador protestante João Calvino, em seu livro *A Forma das Orações e Canções Eclesiásticas*, também especificou esses dois movimentos como a Liturgia da Palavra e a Liturgia do Cenáculo.

**Estas divisões básicas na ordem de culto são provavelmente ainda mais velhas do que as liturgias listadas aqui.** Barkley diz que essas divisões se refletiam no **culto da sinagoga**, onde a declaração dos atos poderosos de Deus era seguida de uma resposta do povo. Ele ainda subdivide os dois grandes movimentos, dizendo que a Liturgia da Palavra “[...] se divide em duas seções que consistem na Antiga Liturgia da Palavra derivada da sinagoga, basicamente a proclamação dos atos poderosos de Deus, e [...] introdução, que consiste em preparação para receber a Palavra”.<sup>228</sup> Assim, **nós seguimos uma prática antiga, quando organizamos os cultos na ordem Preparação para a Palavra e Proclamação da Palavra.** Como resultado de séculos de continuidade em relação a essas divisões básicas de culto, houve uma semelhança significativa entre padrões de várias tradições de culto em geral, apesar das grandes diferenças nos elementos individuais de suas liturgias.

### 11.2.4 Os reformadores

As liturgias dos principais influenciadores da Reforma (Lutero, Calvino, e a assembleia de Westminster) foram esquematizadas e baseadas em documentos-chave que definiram o cenário para desenvolvimentos posteriores em cada tradição. Por exemplo, Lutero deu instrução litúrgica inicial em sua *Missa Alemã e Ordem de Serviço*

<sup>226</sup> Bob Kauflin, *Worship Matters: Leading Others to Encounter the Greatness of God* (Wheaton, IL: Crossway, 2008), 135.

<sup>227</sup> Nicholas Wolterstorff, “The Reformed Liturgy,” in *Major Themes in the Reformed Tradition*, ed. Donald K. McKim (Grand Rapids: Eerdmans, 1992), 278.

<sup>228</sup> Barkley, *Worship of the Reformed Church*, 41.

de Deus (1526); **Calvino utilizou as ideias de Lutero e acrescentou as suas próprias no que ficou conhecido como a liturgia de Genebra**, descrita em *A Forma das Orações e Canções Eclesiásticas* (1542) e os teólogos de Westminster anexaram os princípios da *Confissão de Fé de Westminster* em seu *Diretório Para a Adoração Pública* (1645).

#### 11.2.5 Rayburn

Robert G. Rayburn procurou descrever uma adoração bem organizada para as congregações evangélicas da América do Norte no final do século 20, em seu livro *O Come, Let Us Worship* (1980). **O trabalho de Rayburn não influenciou expressivamente as práticas posteriores, mas astutamente reflete, combina, e antecipa várias tradições.** Sua contribuição é particularmente útil para examinar liturgias modernas, pois nos permite refletir sobre como as adaptações, intencionalmente ou não, evoluíram para uma prática comum. Nós não vamos assumir que “comum” significa universal. Mesmo dentro da maioria das denominações, o que é comum hoje em dia é uma grande variedade de práticas de adoração e estilos. Algumas igrejas se distanciam do culto tradicional, enquanto outras deliberadamente caminham na direção de retomar modelos antigos. A perspectiva de Rayburn nos ajudará a examinar cada tendência. No entanto, o que se evidenciará [...] é que *onde o evangelho é honrado, ele molda a adoração. Nenhuma igreja fiel ao evangelho deixará de ecoar as liturgias históricas.*

Estas liturgias representam movimentos que tiveram influência significativa na América do Norte [e também no Brasil]. A lista de elementos em cada tradição não pretende ser exaustiva [...] tampouco sugere que todos os cultos em cada tradição continham todos os elementos citados. Os elementos são organizados em padrões típicos, de modo que aqueles não familiarizados com as diversas tradições podem ver o “esqueleto” de cada liturgia, embora reconhecendo que cada uma pode variar e ser melhor definida. Muitas outras tradições poderiam ser mostradas, mas minha intenção é demonstrar padrões presentes nessas liturgias mais representativas ou influentes para evangélicos protestantes fiéis na América do Norte (tabela 08).

Lutero	Zwinglio	Bucer	Calvino
Confira as tabelas 06 e 07	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Leitura bíblica (Epístola e Evangelho)</li> <li>• Pregação • Oração longa</li> <li>» A música foi eliminada em 1525</li> <li>» Salmos e cânticos eram recitados</li> <li>» A Ceia era realizada quatro vezes por ano e nela constavam: • Exortação • Cerco da mesa</li> <li>• Oração do Senhor • Oração de humilde acesso • Palavras da Instituição • Comunhão dos ministros • Comunhão do povo • Salmo</li> <li>• Coleta* • Despedida</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>» Combinou os elementos de Lutero e Zwinglio</li> <li>» Conservou os <i>Kyries*</i> opcionais e o <i>Gloria in excelsis*</i></li> <li>» Na Ceia era feita uma oração de consagração</li> </ul>	Confira as tabelas 06 e 07

Tabela 08. As liturgias de Lutero, Zwinglio, Bucer e Calvino

### Conclusão da aula 11

Ao longo dos séculos, igrejas tradicionais (incluindo as igrejas do tronco da Reforma Protestante) configuraram suas liturgias seguindo a divisão clássica de Liturgia da Palavra e Liturgia do Cenáculo. O ideal é que a ordem do culto, em si mesma, ajude a comunicar e aplicar o evangelho.

## Atividades da aula 11

1. Marque as respostas corretas: Dentre as mudanças que os reformadores implementaram na arquitetura e costumes das igrejas, a fim de adequá-las ao evangelho, podemos destacar as seguintes:

Nas torres das antigas igrejas católicas, os protestantes substituíram a cruz por um galo, símbolo da aurora da Reforma.

As igrejas foram decoradas com os selos de Lutero e Calvino.

Lutero mudou a posição do púlpito, e as primeiras igrejas calvinistas da França colocaram o púlpito no centro da congregação circular. Com isso, eles comunicaram duas coisas: Que o pregador não é mais santo do que as outras pessoas; e que a Palavra de Deus é o centro do culto cristão.

Lutero retirou a tela que divide os espaços onde ficam o altar e o povo, informando que não há mais separação entre os leigos (o povo) e o clero (o sacerdote).

A posição do sacerdote em pé, entre o altar e povo, foi substituída pelo pastor atrás da mesa da comunhão, simbolizando que não existe nenhuma barreira entre Cristo e o crente.

A posição do altar foi modificada, dando a entender que o verdadeiro altar espiritual é o coração do crente batizado nas águas.

2. Marque Verdadeiro ou Falso: A palavra bíblica para tudo o que está incluído em nossa adoração é “liturgia” (*latreia*, cf. Rm 12.1), e simplesmente descreve o modo público de uma igreja honrar a Deus em seus momentos de louvor, oração, instrução e consagração.

Verdadeiro.

Falso.

3. Complete a frase: Já no segundo século, registros indicam que a igreja dividiu sua adoração em dois segmentos principais: a Liturgia da \_\_\_\_\_ e a Liturgia do Cenáculo.

4. Complete a frase: Os componentes do culto de adoração, antes e depois do sermão, conduzem o coração por várias fases de reverência, humildade, segurança e ação de graças para nos fazer receptivos e sensíveis à instrução da Palavra. Há uma \_\_\_\_\_ para a liturgia.

## Aula 12: Cinco questões litúrgicas atuais

Observe-se sempre que a música dos hinos não seja leve e saltitante, mas seja, ao contrário, datada de peso e majestade. *João Calvino.*<sup>229</sup>

### Introdução da aula 12

Algumas perguntas sempre são feitas, quando falamos sobre o culto cristão.

1. Qual é a diferença entre salmos, hinos e cânticos espirituais?
2. Qualquer gênero e estilo musical é adequado para a adoração litúrgica?
3. Quais instrumentos musicais a Bíblia prescreve ou permite, para a adoração?
4. Podemos também bater palmas enquanto cantamos? Devemos aplaudir após um cântico ou apresentação de um coral ou grupo musical?
5. O pastor deve interferir na escolha das músicas do culto?

O objetivo desta aula é abordar estas questões, dentro de uma moldura bíblica.

### 12.1 Sobre o louvor com salmos, hinos e cânticos espirituais

Primeira pergunta: Como entender a diferença entre salmos, hinos e cânticos espirituais?

Estas expressões constam em Efésios 5.19 e Colossenses 3.16 abordando a vida agradecida, cheia do Espírito Santo e da Palavra de Deus. “Salmos”, “hinos” e “cânticos espirituais” podem ter significados sobrepostos, indicando que *Deus deve ser cultuado com música*. Comentando Efésios 5.19, Martin Bucer afirma que “como não há nada errado com a música, o apóstolo define o que é um cantar santo e qual é o uso correto da música, porque somos ensinados pela natureza a expressar uma variedade de sentimentos pela música”.<sup>230</sup>

O autor destes estudos rejeita respeitosamente as interpretações de Bullinger e Zwinglio, das referidas passagens. Bullinger, por exemplo, entendia que “salmos, hinos e cânticos espirituais” (Ef 5.19), não têm relação com a “música eclesiástica”, e sim com “o que deve acontecer nas reuniões sociais cristãs”.<sup>231</sup> Pode parecer estranho para nós, mas os pais reformadores tinham opiniões diferentes sobre a inserção de música no culto. Mesmo assim, Bullinger demonstra espírito cristão ao afirmar:

É claro que não estamos condenando o rito sagrado de certas igrejas, celebrado na língua vernácula e sem ordem, nem o grupo de canto daquelas que entoam salmos e hinos piedosos nas igrejas. Também não condenamos as igrejas que não cantam nada. É suficiente, para elas, ter orações santas e justas, mas todos têm liberdade de cantar ou de não cantar, conforme o padrão e a ordem das igrejas.<sup>232</sup>

Zwinglio, por sua vez, sugere que Colossenses 3.16 “não ensina a gritar ou a murmurar nos templos. Em vez disso, ele mostra a verdadeira canção que é agradável a Deus e que devemos entoar para louvar a Deus não com a voz, como os cantores entre os judeus, mas *com o coração*”.<sup>233</sup> Parece que, para Zwinglio, o culto cristão rompe com a prática do canto litúrgico do templo do AT; melhor do que cantar os Salmos, é “explicá-los”.<sup>234</sup>

---

<sup>229</sup> VON ALLMEN, 2005, p. 197.

<sup>230</sup> BUCER, Martin. Preleções Sobre Efésios. In: BRAY, Gerald L. (Org.). *Comentário Bíblico da Reforma: Gálatas e Efésios*. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, p. 398. Grifos nossos.

<sup>231</sup> BULLINGER, Heinrich. Comentário Sobre Efésios. In: BRAY, op. cit., loc. cit. Grifo nosso.

<sup>232</sup> BULLINGER, op. cit., loc. cit.

<sup>233</sup> ZWINGLIO, Ulrich. Exposição do Artigo Quarenta e Cinco. In: TOMLIN, Graham. (Org.). *Comentário Bíblico da Reforma: Filipenses e Colossenses*. São Paulo: Cultura Cristã, 2015, p. 267.

<sup>234</sup> ZWINGLIO, op. cit., loc. cit.

Bucer e Calvino são exemplos de pais reformados que se esforçaram para inserir o canto congregacional na liturgia cristã.

[Calvino] examinou cuidadosamente a ordem de culto usada por Bucer, a qual tinha origens luteranas. O que o agradou especialmente foi o fato de que os refugiados franceses já vinham cantando salmos em francês há mais de dez anos. Cantavam com entusiasmo. Dava gosto ouvi-los.

Em 1539, Calvino publicou um hinário com músicas para dezoito Salmos e o *Credo dos Apóstolos*. Algumas letras foram escritas por Calvino. As outras eram da autoria de Clement Mariot, o poeta que Calvino conhecera na corte de Ferrara, na Itália, no ano 1536.<sup>235</sup>

Voltando a Efésios 5.19 e Colossenses 3.16, no original, *psalmos* pode referir-se aos Salmos do AT, mas pode também indicar um cântico de adoração *novo*<sup>236</sup> (pelo menos em 1Co 14.26).<sup>237</sup>

De modo abrangente, “hinos” (*hymnos*) significa uma canção de conteúdo religioso.<sup>238</sup> Pode incluir os Salmos (*hymneō*, em Mt 26.30), mas no âmbito cristão inclui expressões de louvor a Deus Pai, a Cristo e ao Espírito Santo, por exemplo, o Cântico de Maria (*Magnificat*), em Lucas 1.46-55, ou o Cântico de Zacarias (*Benedictus*), em Lucas 1.67-79. Ou ainda o hino da Humilhação e Exaltação, em Filipenses 2.5-11 etc.<sup>239</sup> Agostinho entendia que um hino deve conter três coisas: “Deve ser cantado; deve ser louvor; deve ser para Deus”.<sup>240</sup> Nas igrejas tradicionais, um hino é uma música que: (a) Possui estilo e doutrina aprovados pela denominação; (b) resiste aos modismos dos tempos. Tais hinos são revistos e atualizados por Comissões de Hinologia, e também organizados e publicados em volumes denominados *hinários*.

O vocábulo “cântico” (*ōdē*) quer dizer “padrão melódico particular com conteúdo verbal”.<sup>241</sup> Ode é um “poema para ser cantado”<sup>242</sup> e, nesses termos, equivale a “canção”. O adjetivo *pneumatikos*, “espiritual” é visto por Martin como “inspirado pelo Espírito Santo”,<sup>243</sup> mas o melhor é compreendê-lo como qualificativo: Canções dedicadas para o louvor a Deus.<sup>244</sup>

Calvino junta tudo isso como segue:

<sup>235</sup> VAN HALSEMA, Thea B. *João Calvino Era Assim*. São Paulo: Os Puritanos, 2009, p. 92.

<sup>236</sup> LOUW, Johannes P.; NIDA, Eugene Albert. *Greek-English Lexicon of the New Testament: Based on Semantic Domains*. New York: United Bible Societies, 1996, #33.112, ψαλμός, p. 401.

<sup>237</sup> Martin informa que 1Coríntios 14.26 é “a alusão mais antiga a hinos cristãos primitivos”. MARTIN, Ralph P. *Colossenses e Filemom: Introdução e Comentário*. Reimp. 2011. São Paulo: Vida Nova, 1984, p. 126. (Série Cultura Bíblica). Grifo do autor. Ele diz ainda (op. cit., loc. cit.) que “há evidência para demonstrar que o ‘salmo’ [...] tinha a natureza de um hino de ações de graças a Deus, extaticamente inspirado, enquanto o adorador era arrebatado numa emoção de êxtase e derramava seu louvor em ações de graças. Nada, porém, se sabe do conteúdo ou da forma das tais criações espontâneas”. O entendimento de Carson, sobre 1Coríntios 14.26, parece mais acertado: “Não podemos ter certeza quanto à natureza de cada dom mencionado aqui. Será que a pessoa que tem um ‘hino’, por exemplo, simplesmente apresenta uma composição conhecida para todos cantarem? Será que significa algo totalmente novo, como muitos já sugeriram? A resposta mais direta é que *temos informações insuficientes para garantir uma firme conclusão*. É certo que o culto em Corinto não era entediante!” (CARSON, D. A. *A Manifestação do Espírito: A Contemporaneidade dos Dons à Luz de 1Coríntios de 12—14*. São Paulo: Vida Nova, 2013, p. 120. Grifo nosso).

<sup>238</sup> LOUW; NIDA, op. cit., #33.113—33.116, ὕμνῳ [Mt 26.30.23], ὕμνος [Ef 5.19], θρηνέω [Lc 7.32], θρήνος [Mt 2.18], p. 401.

<sup>239</sup> Cf. HENDRIKSEN, William. *Colossenses e Filemom*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1993, p. 203. (Comentário do Novo Testamento). Martin (1984, loc. cit.) afirma que “o termo [hinos] é geral na literatura bíblica e é empregado para qualquer hino festivo de louvor (Is 42.10 LXX; [...] At 16.25; Hb 2.12”. Grifo nosso.

<sup>240</sup> Mencionado sem endereçamento de fonte primária por HENDRIKSEN, 1993, loc. cit.

<sup>241</sup> LOUW; NIDA, op. cit., #33.110, ὕδῃ, p. 400-401.

<sup>242</sup> HENDRIKSEN, 1993, loc. cit.

<sup>243</sup> MARTIN, 1984, loc. cit. O problema aqui é com uma noção equivocada de “inspiração”. Ainda assim ele admite que “é muito duvidoso se estas distinções firmes podem ser tiradas, e nenhuma classificação exata dos hinos neotestamentários parece possível na base das palavras diferentes” (ibid., p. 127). Grifos nossos. Ele conclui “que é o Espírito quem desperta o adorador e dirige seu pensamento e sua emoção em louvor lírico, seja qual for a forma musical exata” (ibid., loc. cit.)

<sup>244</sup> HENDRIKSEN, 1993, p. 204.

[...] Sob estes três termos ele inclui todos os tipos de cânticos. Eles são comumente distinguidos desta maneira: *Salmo* é aquele que, ao ser entoado, se faz uso de algum instrumento musical juntamente com a língua; *hino* é propriamente um cântico de louvor, seja entoado simplesmente com a voz, ou de outra forma; enquanto que uma ode não contém meros louvores, mas também exortações e outras matérias. No entanto, ele quer que os cânticos dos cristãos sejam *espirituais*, não formado de frivolidades e palavreados sem valor.<sup>245</sup>

A partir destes textos, os antigos desenvolveram a música *sacra*. Eles compreenderam que o apóstolo Paulo fala de músicas “espirituais”, *apropriadas* para o culto.

Isso nos conduz à segunda pergunta.

## 12.2 Sobre gêneros e estilos musicais adequados para a adoração litúrgica

Segunda pergunta: É possível usar qualquer gênero e estilo musical na adoração litúrgica?

Evangélicos nascidos na década de 1960 se lembram de um tempo em que não era possível tocar violão, guitarra ou bateria na igreja. Não foi muito diferente no âmbito do Catolicismo:

A Igreja Católica proibiu toda música que contivesse polifonia (mais de uma linha musical em execução simultânea), temendo que as pessoas fossem levadas a duvidar da unidade de Deus. A Igreja proibiu também o intervalo da quarta aumentada, a distância entre a nota dó e o fá sustenido, também conhecida como trítone (o intervalo em que Tony canta o nome de Maria em *West Side Story* [*Amor, Sublime Amor*], de Leonard Bernstein). Esse intervalo era considerado tão dissonante que só podia ser obra de Lúcifer, tendo sido designado, por isso *Diabolus in musica*. Foi a altura das notas que deixou a Igreja em polvorosa.<sup>246</sup>

De acordo com o *Houaiss*, “música” (do grego *musikē tēchne*, a “arte das musas”)<sup>247</sup> é uma “combinação harmoniosa e expressiva de sons; a arte de se exprimir por meio de sons, seguindo regras variáveis conforme a época, a civilização etc.” ou ainda o “conjunto de sons vocais, instrumentais ou mecânicos com ritmo, harmonia e melodia”.<sup>248</sup> Levitin cita Edgard Varése — “a música é o som *organizado*”<sup>249</sup> — e prossegue informando que “quando ouvimos música, estamos, na realidade, percebendo múltiplos atributos ou ‘dimensões’”,<sup>250</sup> quais sejam, tom (ou nota), altura, ritmo, andamento, contorno, timbre, intensidade, localização e reverberação.<sup>251</sup> É a maneira como estes atributos fundamentais são combinados que distingue música de “um conjunto de sons aleatórios ou desordenados”.<sup>252</sup>

Hustad diz que “Calvino enveredou pelo caminho dos ‘salmos metrificados’ na língua vernácula, cantados com músicas que eram chamadas depreciativamente de ‘Gingas de Genebra’. [...] Agora parece óbvio que muitas delas foram adaptadas de músicas folclóricas de origem alemã ou francesa”.<sup>253</sup> Mesmo assim, Calvino não considerava qualquer música adequada para o culto. Von Allmen parece compreender e atualizar muito bem a posição de Calvino:

Não se deve tratar de atender a pequeninos desejos circunstanciais da alma, mas sim de louvar ao Senhor e juntar-se aos coros de anjos. Recomenda Calvino: “Observe-se sempre que a música dos

<sup>245</sup> CALVINO, João. *Gálatas, Efésios, Filipenses e Colossenses*. São José dos Campos: Editora Fiel, 2010. eBook Kindle 2013, posição 10542 de 12639. (Série Comentários Bíblicos).

<sup>246</sup> LEVITIN, Daniel J. *A Música no Seu Cérebro: A Ciência de Uma Obsessão Humana*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010, p. 23.

<sup>247</sup> Cf. LIDDELL, Henry George; SCOTT, Robert. *A Greek-English Lexicon*. Disponível em: <<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.04.0057%3Aentry%3D%2368891&redirect=true>>. Acesso em: 16 abr. 2012.

<sup>248</sup> HOUAISS; VILLAR. (Ed.). *Música*. In: Op. cit., loc. cit.

<sup>249</sup> LEVITIN, op. cit., p. 24.

<sup>250</sup> Ibid., loc. cit.

<sup>251</sup> Ibid., p. 24-25.

<sup>252</sup> Ibid., p. 25-26.

<sup>253</sup> HUSTAD, op. cit., p. 126.

hinos não seja leve e saltitante, mas seja, ao contrário, datada de peso e majestade. Deve haver, por conseguinte, uma clara diferença entre a música que é tocada para entreter o homem à mesa e no lar, e, de outro lado, a dos salmos cantados na igreja, na presença de Deus e seus anjos”.

Algumas controvérsias carecem de apoio bíblico e são improdutivas. Defensores da música contemporânea aplaudem Lutero, que compôs hinos com melodias populares. Advogados do canto *a capela*, bem como os contrários aos grupos corais, saúdam a liturgia da sinagoga ou das igrejas puritanas. Estas abordagens pecam ao propor a “canonização” de práticas do presente ou do passado. O melhor a fazer é retornar ao fundamento da Bíblia.

Efésios 5.19 e Colossenses 3.16 nos ajudam de quatro formas:

1. Reafirmam a música como elemento do culto.
2. Abrem espaço para a diversidade musical (“salmos”, “hinos” e “cânticos” ou odes).
3. Qualificam a música como “espiritual”, ou seja, adequada para a adoração.
4. Permitem ampla adaptação. Crentes de todos os tempos e etnias podem praticar estas prescrições apostólicas dentro de seu próprio *background* cultural.

Imagine que você foi incumbido de escolher as músicas que serão cantadas no culto do próximo domingo. O que define a espiritualidade e adequação de uma música? Não há uma resposta que satisfaça a todos, mas seguem alguns critérios.

1. É bom quando os cânticos se alinham ao tema do culto, especialmente ao sermão.
2. A música própria para a liturgia é *centrada em Deus*, ainda que seu formato seja de *testemunho* (e.g., Hino 250, “A Voz de Jesus”,<sup>254</sup> ou o Hino 334, “Conversão”).<sup>255</sup> Pode ser composta como uma fala de Deus conosco (Hino 270, “Desafio”).<sup>256</sup> Ou como oração ou ensino (e.g., Hino 298, “A Pedra Fundamental”).<sup>257</sup>
3. Sendo assim, que seja *doutrinariamente sadia* (comunique verdades bíblicas). Não é sábio escolher uma música para o culto sem preocupação com seu conteúdo, apenas porque ela toca os sentimentos.<sup>258</sup> Procura-se uma música com teologia *exata*.
4. Quanto ao estilo, a boa música litúrgica *eleva a alma* e contribui com a espiritualidade do culto (evoca transcendência; cf. Sl 25.1; 86.4; 123.1; 143.8). Em suma, não deve produzir posturas ou sentimentos baixos.
5. A música para adoração deve ser no idioma local, *compreensível* (cf. 1Co 14.23).
  - a. É útil explicar as palavras desconhecidas das músicas, antes de cantá-las (e.g., “Leão de Judá”, “Rosa de Sarom” etc.).
  - b. É proveitoso fornecer a letra das músicas impressas ou em slides, para que até os visitantes possam cantá-las.
6. A letra da música não pode conter erros de grafia ou gramática.
7. É ótimo quando a música explica e aplica o evangelho, desafia para uma vida de amor e serviço a Deus e ao próximo no cumprimento da missão, e quando confirma a comunhão cristã formatando uma identidade coletiva, unindo pessoas diferentes em um só ato amoroso e respeitoso de culto. Isso significa que ela deve poder ser cantada por pessoas de todas as idades e gerações.

<sup>254</sup> MARRA, op. cit., p. 194.

<sup>255</sup> Ibid., p. 262.

<sup>256</sup> Ibid., p. 208-209.

<sup>257</sup> Ibid., p. 232.

<sup>258</sup> Acerca da música — especialmente do Coral Gregoriano — como “impressão”, cf. MÓDOLO, Parcival. “Impressão” ou “Expressão”: O Papel da Música Na Missa Romana Medieval e no Culto Reformado. In: *Teologia Para Vida*, v. I, n. 1 (jan./jun. 2005), p. 109-128.

Mais questões sobre o uso da música no culto são abordadas na próxima aula.

### 12.3 Sobre os instrumentos musicais próprios para o culto

Terceira pergunta: Quais instrumentos musicais a Bíblia prescreve ou permite, para a adoração?

É preciso evitar três erros comuns: O primeiro é *usar as listas de instrumentos do AT como prescritivas*, e.g., afirmar que todas as igrejas da atualidade devem adorar a Deus com “címbalos sonoros”.

O segundo erro é *compreender o silêncio do NT sobre instrumentos musicais como proibitivo* (não podemos usar instrumentos musicais porque o NT não os prescreve). Isso se parece com o PRC, mas *não é*, especialmente quando levamos Salmos 150 a sério (cf. seção 7.3).

O terceiro erro, não apenas quanto aos instrumentos, mas também a outros aspectos da liturgia e vida da igreja, é *estabelecer práticas antigas como normativas*. Somos enriquecidos pela perspectiva histórica, mas nem tudo o que foi pertinente no passado deve ser praticado hoje.

A Bíblia é nossa única regra de fé e prática. Temos de mergulhar nas Escrituras, a fim de discernir o que pode e deve ser preservado da tradição. O melhor é aplicar o PRC com sabedoria.

O autor destes estudos entende que o louvor cantado é *elemento* de culto; o modo como este é executado, com ou sem instrumentos, por um solista, grupo ou congregação, é *circunstância*.<sup>259</sup> Dizer que o coral deve entrar em fila após o pregador, ou que devemos cantar exatamente dois hinos antes do ofertório, porque o fundador da igreja fazia assim *não é um argumento reformado*. As igrejas cristãs são livres, no âmbito do PRC, para decidir sobre o espaço de conjuntos musicais e grupos corais no culto.

### 12.4 Sobre o costume de aplaudir

Quarta pergunta: É correto bater palmas enquanto entoamos um cântico de louvor?

Não há problema em bater palmas enquanto cantamos, pela seguinte razão: O louvor com cânticos (com *música*) é *elemento* de culto. Tecnicamente, o ritmo é um dos atributos da música e “diz respeito à duração de uma série de notas, assim como à maneira como se agrupam em unidades”.<sup>260</sup> Quando batemos palmas acompanhando o ritmo, as palmas passam a integrar a *execução musical*, ou seja, *as próprias palmas se tornam parte da música*. Quando isso acontece os instrumentos, as vozes e as palmas se unem em um só ato e evento. Não incluímos nenhum novo elemento à adoração, apenas *enriquecemos a interpretação do elemento bíblico de culto louvor-música*.

O importante é não considerar bater palmas como uma prescrição bíblica para a liturgia. Nem como evidência de maior fervor ou espiritualidade. Como lemos na *Carta Pastoral e Teológica Sobre Liturgia na IPB*, publicada em 2010:

A expressão “bater palmas” ocorre apenas no AT. Para os judeus, bater palmas podia expressar ira (Nm 24.10; Ez 21.17; 22.13) e desprezo (Jó 34.37; Lm 2.15; Na 3.19). No Antigo Oriente, as palmas eram usadas para manifestar aprovação pela queda dos inimigos (Jó 27.23; Ez 6.11; 25.6), pela prosperidade do justo (Is 55.12) e como aplauso em cerimônias de aclamação dos reis (2Rs 11.12). Nenhuma das ocorrências sobre palmas no AT se refere à marcação rítmica de cânticos religiosos, quer no templo ou em outro lugar.

Este fato de imediato nos leva à conclusão que bater palmas durante os cânticos, ou deixar de fazê-lo, não torna tais cânticos mais ou menos aceitáveis diante de Deus. Também, que as palmas

<sup>259</sup> O autor está aberto ao diálogo sobre esta questão; disposto a mudar de posição diante de um argumento baseado em interpretação *sólida* das Escrituras.

<sup>260</sup> LEVITIN, op. cit., p. 25.

não devem ser usadas para aferir a espiritualidade e o fervor dos cultos de uma igreja e de seus participantes e que jamais devem ser vistas como expressão de espiritualidade.<sup>261</sup>

Surge uma questão adicional. O que dizer do costume de aplaudir *depois* das músicas?

Este autor não é contrário a aplaudir crianças em apresentações especiais (como incentivo e reforço pedagógico). Mas reconhece-se que estas ocasiões não são, *stricto sensu*, culto público.

Este autor visitou igrejas presbiterianas na Coreia do Sul, com cultos bem organizados, nos quais os crentes aplaudem após os hinos e cânticos, sem prejuízo à reverência. Também visitou igrejas brasileiras que, no momento dos aplausos, tiveram a atmosfera de adoração transformada em ambiente de auditório, especialmente quando são enfatizadas as chamadas “palmas para Jesus”.<sup>262</sup>

Aqueles que defendem os aplausos citam Salmos 47.1 (“batei palmas, todos os povos; celebrai a Deus com vozes de júbilo”) e 98.8 (“os rios batam palmas, e juntos cantem de júbilo os montes”). Em Salmos 47.1 o poeta descreve a entronização cósmica e escatológica de Deus: O SENHOR será exaltado gloriosamente diante do universo, e as nações serão submetidas a Israel (Sl 47.19).<sup>263</sup> O mesmo tom escatológico é encontrado em Salmos 98 (cf. v. 9). Sendo assim, como esclarece nossa *Carta Pastoral*:

A linguagem destes Salmos é tirada da cerimônia de coroação dos reis de Israel e usada para se referir a Deus como o supremo rei sobre toda a terra. Estas passagens não provam que aplaudir a Deus era uma das partes do culto público a ele prestado em Israel. Além disso, não há qualquer referência a isto no NT. Desta forma, carece de fundamentação a prática de “palmas para Jesus!” equivocadamente introduzida em muitas igrejas evangélicas hoje.

O aplauso a homens durante o culto se constitui numa violação de um dos princípios centrais do culto a Deus, que é a sua teocentricidade. “Não a nós, SENHOR, não a nós, mas ao teu nome dá glória, por amor da tua misericórdia e da tua fidelidade” (Sl 115.1). Aplaudir corais, coros e grupos após terem participado da liturgia torna tais participações em espetáculo, *show* e apresentações, tornando estas circunstâncias em fins em si mesmas, desvirtuando o seu caráter secundário e tornando o culto a Deus em culto centrado no homem.<sup>264</sup>

## 12.5 Sobre a escolha pastoral das músicas do culto

Quinta pergunta: O pastor deve interferir na escolha das músicas do culto?

A resposta é *sim*, por três razões:

1. Como ministro da Palavra e dos Sacramentos, o pastor é ordenado para “orientar e supervisionar a liturgia” da igreja.<sup>265</sup>
2. Como responsável pela doutrinação, o pastor deve avaliar e aprovar as músicas cantadas pela igreja. A música não pode contradizer a teologia da igreja.

<sup>261</sup> SC/IPB, 2010, p. 29. Lopes afirma que “não devemos escravizar o povo de Deus uniformizando certas práticas litúrgicas e sacramentalizando-as como se fossem mais santas do que outras, como por exemplo: Levantar mãos, dançar, bater palmas e cair no Espírito”; cf. LOPES, Augustus Nicodemus. O Culto Espiritual. São Paulo: Cultura Cristã, 1999, p. 179.

<sup>262</sup> Isso é sintomático, especialmente quando lugares de reunião cristã são construídos e equipados como se fossem casas de shows. Em um templo evangélico visitado recentemente por este autor, o gabinete do pastor é denominado “camarim pastoral”.

<sup>263</sup> Cf. WEISER, op. cit., p. 277: “A interpretação escatológica [...] vê no cântico a *glorificação poética da consumação do reino de Deus no fim dos tempos*”. Grifo nosso.

<sup>264</sup> SC/IPB, 2010, p. 30.

<sup>265</sup> Constituição Interna da Igreja Presbiteriana do Brasil, Capítulo IV, Art. 31, alínea “d”. In: SUPREMO CONCÍLIO DA IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL (SC/IPB). *Manual Presbiteriano da Igreja Presbiteriana do Brasil*. 3ª Reimp. 2015. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, p. 22.

3. Como pregador, o pastor pode e deve organizar a música, de modo que esta *auxilie o serviço da pregação*. A música não pode contradizer o sermão.

O ideal é que o pastor defina uma lista aprovada de hinos e cânticos espirituais, abrindo espaço para que os músicos escolham o que será cantado, a partir desta lista.

### Conclusão da aula 12

Os cristãos se esforçam para compreender o que o apóstolo Paulo quer dizer com “salmos”, “hinos” e “cânticos” espirituais, em Efésios 5.19 e Colossenses 3.16. Para isso, isso quer dizer que a igreja hoje pode e deve adorar a Deus com música adequada. Sendo assim, há critérios para a escolha da música para o culto, e esta pode ser tocada com instrumentos variados.

Ainda que palmas possam ser usadas como recurso rítmico, isso não define um culto como mais fervoroso ou espiritual. E o costume de aplaudir após um cântico, ainda que não prejudique a reverência em igrejas coreanas visitadas pelo autor, abre espaço para a criação de um ambiente de entretenimento, especialmente em igrejas que assumem as chamadas “palmas para Jesus”.

Para manter a biblicidade e o equilíbrio de tudo isso, o melhor é que a música da igreja seja conhecida e aprovada pelo pastor.

### Atividades da aula 12

1. Marque Verdadeiro ou Falso: “Salmos” pode referir-se aos Salmos do AT, mas pode também indicar um cântico de adoração novo (pelo menos em 1Co 14.26). “Hinos” significa uma canção de conteúdo religioso. Pode incluir os Salmos, mas no âmbito cristão inclui expressões de louvor a Deus Pai, a Cristo e ao Espírito Santo. O melhor é compreender “cântico” como uma canção dedicada para o louvor a Deus.

Verdadeiro.

Falso.

2. Marque a única resposta correta: Os sete critérios para escolha de uma música para o culto são os seguintes:

Deve se alinhar ao tema do culto, especialmente ao sermão. Ser centrada em Deus. Ter doutrina sadia. Fazer chorar ou saltar de alegria. Ser no idioma local. Não pode conter erros de grafia ou gramática. Explica e aplicar o evangelho e ser cantada por pessoas de todas as idades e gerações.

Deve se alinhar ao tema do culto, especialmente ao sermão. Ser centrada em Deus. Ter doutrina sadia. Elevar a alma (não produzir posturas ou sentimentos baixos). Ser no idioma local. Não pode conter erros de grafia ou gramática. Explica e aplicar o evangelho e ser cantada por pessoas de todas as idades e gerações.

Deve se alinhar ao tema do culto, especialmente ao sermão. Animar o homem. Ter doutrina sadia. Elevar a alma (não produzir posturas ou sentimentos baixos). Ser no idioma local. Ser sincera, mesmo contendo erros. Explica e aplicar o evangelho e ser cantada por pessoas de todas as idades e gerações.

3. Complete a frase: O louvor cantado é \_\_\_\_\_ de culto; o modo como este é executado, com ou sem instrumentos, por um solista, grupo ou congregação, é circunstância.

4. Marque Verdadeiro ou Falso: No culto bíblico, calvinista e reformado, não se pode bater palmas ritmando a canção. Por outro lado, os adoradores são incentivados a bater palmas para Jesus.

Verdadeiro.

Falso.

5. Marque Verdadeiro ou Falso: Nas igrejas guiadas pelo Espírito Santo, os músicos recebem instrução diretamente de Deus, sobre as músicas que serão cantadas nos cultos. O pastor não precisa ser consultado, pois “antes, importa obedecer a Deus do que aos homens” (At 5.29).

Verdadeiro.

Falso.

## Aula 13: A preparação e condução de uma liturgia bíblica

A ênfase principal da adoração, conforme a Bíblia, é conferir a Deus o valor que ele tem por natureza. *Lawrence O. Richards*.<sup>266</sup>

### Introdução da aula 13

Depois de responder a cinco perguntas frequentes, chegou o momento de juntar tudo isso em uma proposta contemporânea de adoração.

Este capítulo propõe a ordem fundamental do culto, seguida de dez enquadramentos úteis. Esboça-se uma liturgia simples, aplicável hoje. Conclui-se com a apresentação e atribuições dos agentes da adoração.

### 13.1 A ordem fundamental e alguns enquadramentos úteis

Como vimos, nossos irmãos do passado dividiram a liturgia cristã em duas partes, quais sejam, *Palavra* e *Sacramento*. Aprendemos também que esta divisão reflete tanto o evangelho quanto a boa ordem da criação. A liturgia da Palavra privilegia o anúncio do evangelho; a liturgia do cenáculo convida à comunhão com Deus (figura 11).

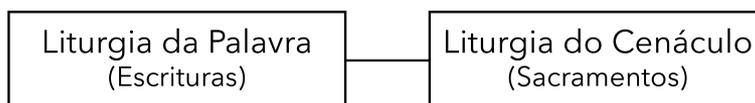


Figura 11. Palavra e Sacramento

Pode parecer estranho falar sobre culto contemporâneo mencionando esta organização [antiga] de Palavra e Sacramento. Podemos ser iludidos com a ideia imatura, de que a contemporaneidade exige “começar do zero”; romper com todo padrão ou história pregressa. Bob Kauflin admite que cometeu esse erro:

Durante anos pensei que as tradições religiosas eram um *obstáculo* à espiritualidade bíblica. Para mim, orações repetidas, recitação comunitária de credos, confissão pública de pecado, leituras bíblicas, calendário eclesástico e ordens de culto estavam associadas a *legalismo e escravidão*.

A meu ver, eu tinha a missão de *começar do zero* tudo que sabia sobre adoração comunitária. Eu me voltaria somente para as Escrituras e não dependeria de nada que alguém tivesse feito nos séculos anteriores. Queria ser original. Mas *eu estava mesmo é sendo ignorante — e arrogante*.<sup>267</sup>

A Reforma preservou a ordem Palavra e Sacramento, ao mesmo tempo em que abriu espaço para diferentes arranjos e formulações. Apesar de lutar contra a interpretação sacerdotal da missa católica, Martinho Lutero não fez grandes alterações litúrgicas.<sup>268</sup> Ulrich Zwinglio adotou uma liturgia didática.<sup>269</sup> Martin Bucer misturou elementos das liturgias de Lutero e Zwinglio.<sup>270</sup> Calvino formulou o rito de Genebra de 1542, base para a adoração calvinista na Europa.<sup>271</sup>

<sup>266</sup> RICHARDS, Lawrence O. *Teologia da Educação Cristã*. 3. ed. Reimp. 2008. São Paulo: Vida Nova, 1996, p. 227.

<sup>267</sup> KAUFILIN, Bob. *Curso Vida Nova de Teologia Básica: Louvor e Adoração*. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 233. Grifos nossos (a partir desta nota, retoma-se a metodologia padrão deste autor tupiniquim).

<sup>268</sup> HUSTAD, op. cit., p. 112. Para compreender as mudanças ocorridas no culto luterano, de Martinho Lutero até hoje, cf. KIRST, op. cit., passim.

<sup>269</sup> Ibid., p. 117.

<sup>270</sup> Ibid., p. 118.

<sup>271</sup> Ibid., loc. cit. Para compreender as mudanças ocorridas no culto luterano, de Martinho Lutero até hoje, cf. KIRST, op. cit., passim. Ulrich Zwinglio (1484—1531), líder da Reforma em Zurique, adotou uma liturgia didática (HUSTAD, op. cit., p. 117). Martin Bucer (1491—1551), seu seguidor e reformador em Estrasburgo, misturou elementos das liturgias de Lutero e

Especialmente o tronco calvinista da Reforma, lutou para estabelecer uma doutrina mais pura, uma vida mais pura e um culto mais puro (figura 12).

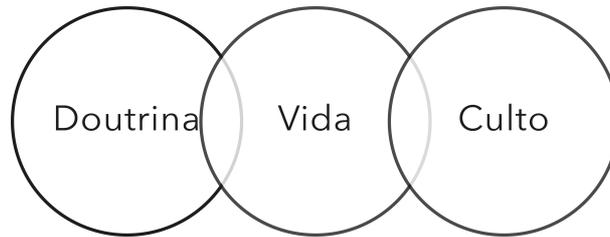


Figura 12. Três ênfases da Reforma: Doutrina, vida e culto mais puros

Esta herança abre espaço para dez enquadramentos. A adoração bíblica deve ser bíblica, confessional, simples, organizada, participativa, musical e artística, temporal e transcendente, edificante, evangelística e missionária e, por fim, teocêntrica (figura 13).

Bíblica	Confessional	Simples	Organizada	Participativa
Musical e artística	Temporal e transcendente	Edificante	Evangelística e missionária	Teocêntrica

Figura 13. Dez enquadramentos para a adoração bíblica contemporânea

O aspecto *bíblico* foi abordado na aula 4; adoramos orientados pelas prescrições da Bíblia (PRC). Sugestões de aplicações do PRC são fornecidas na aula 12.

Quanto à *confessionalidade*, cultuamos consonantes com os ensinamentos da Bíblia destilados nos símbolos de fé de Westminster.

Isso implica em *simplicidade*, nos termos da *Segunda Confissão Helvética*:

Todo aparato, orgulho e tudo o que seja impróprio à humildade, à disciplina e à modéstia cristãs, deve ser banido dos santuários e lugares de oração dos cristãos, pois a verdadeira ornamentação das igrejas não consiste em marfim, ouro e pedras preciosas, mas na sobriedade, na piedade e nas virtudes daqueles que estão na igreja.<sup>272</sup>

No que diz respeito à *organização*, aplica-se a instrução apostólica de 1Coríntios 14.40. Como afirma o Dr. Augustus Nicodemus, “um culto onde o Espírito de Deus está verdadeiramente no controle haverá de produzir ordem e decência”.<sup>273</sup> O planejamento não substitui “a dependência do Espírito Santo”<sup>274</sup>, nem garante “que tudo dará certo”,<sup>275</sup> mas entendamos que:

Não é falta de espiritualidade determinar com antecedência quando cada coisa vai acontecer, em que momento as transições devem ser explicadas, quantas músicas cantar, quais elementos criativos

Zwinglio (ibid., p. 118). João Calvino (1509—1564) foi influenciado pelo modelo de Bucer e formulou o rito de Genebra de 1542, base para a adoração calvinista na Europa (ibid., loc. cit.).

<sup>272</sup> *Segunda Confissão Helvética* 22.2, in: BEEKE, Joel R.; FERGUSON, Sinclair B. *Harmonia das Confissões de Fé Reformadas*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, p. 203.

<sup>273</sup> LOPES, 1999, p. 107.

<sup>274</sup> KAUFILIN, 2011, p. 225.

<sup>275</sup> Ibid., loc. cit.

incluir ou como o culto terminará. Temos visto que a orientação do Espírito Santo normalmente começa antes mesmo de o culto ter início.<sup>276</sup>

Sendo assim concordamos com Nicodemus:

Não vejo contradição entre a atuação livre do Espírito e um culto bem ordenado e conduzido [...] Acredito que o culto deva ser participativo e que deva haver variedade de partes, mas creio que também deve haver ordem, sequência lógica e sentido nessas partes. Não creio em formalismo, mas creio em ordem. Parece-me que é a falta de ordem que Paulo repreende aqui [em 1Co 14.26].<sup>277</sup>

A *participação dos crentes* é mencionada na seção 10.2. O povo de Deus pode e deve participar do culto como reino sacerdotal, contribuindo com seus dons dentro dos limites da sã doutrina. A Reforma preconizou uma adoração em que *toda a igreja participa* com espontaneidade, alegria e fervor, sem as amarras do sacerdotalismo católico-romano.

Somente quando o último resquício do fermento sacerdotal tiver sido eliminado, poderá a igreja sobre a terra novamente tornar-se o pátio exterior, do qual os crentes poderão olhar para cima e para frente, para o verdadeiro santuário do Deus vivo no céu.<sup>278</sup>

Para que isso aconteça, os crentes precisam se dispor, em primeiro lugar, para congregar-se (cf. Hb 10.25). Richards afirma que “o Corpo precisa se reunir como comunidade local para louvar, adorar e ouvir”.<sup>279</sup>

Em segundo lugar, “o povo não deve, por indolência, por falsa humildade ou por recusa a envolver-se, deixar de *responsabilizar-se pela sua própria liturgia*”.<sup>280</sup> E prossegue:

O ministério litúrgico dos fiéis compõe-se normalmente dos seguintes elementos (que podem ser ampliados em maior ou menor grau): O ouvir respeitoso da Palavra de Deus, a comunhão eucarística, o associar-se às orações por intermédio do *amém*, a recitação da confissão de fé, a apresentação das oferendas, o canto dos hinos e a participação no que chamamos de manifestações litúrgicas da vida comunitária (antífonas, *sursum corda*, saudação, *confiteor* (o clero, aliás, participa também dessa “liturgia” em que o povo de Deus como um todo se manifesta como povo sacerdotal.<sup>281</sup>

Os documentos de Westminster destacam a participação *ativa* do crente na liturgia. A oração é feita e acompanhada “com inteligência, reverência, humildade, fervor, fé, amor e perseverança”.<sup>282</sup> A pregação é ouvida com “consciente atenção, em obediência a Deus”.<sup>283</sup> Isso exige conexão do crente com o que acontece no culto.

Quanto à *musicalidade e arte*, os exemplos do culto do AT apontam para uma “verdade” reconfigurada em Cristo. Nele (Cristo) céus e terra, Éden e nova terra, se encontram; nele e por ele nenhuma esfera da criação é excluída da adoração. Se na consumação o cosmos entoará louvor, nada mais pertinente do que louvarmos a ele hoje com tudo o que somos e temos — e isso inclui os dons e talentos musicais e artísticos. Como vimos na aula 4, o importante é que essa criatividade seja subordinada às Sagradas Escrituras. Quanto à música adequada para a adoração, cf. a seção 12.2.

É assim que o culto é, simultaneamente, *temporal e transcendente*. Ele é temporal enquanto enraizado em um lugar e uma cultura; é transcendente por que eleva e antecipa o grande “aleluia”

---

<sup>276</sup> Ibidem.

<sup>277</sup> LOPES, 1999, p. 224.

<sup>278</sup> KUYPER, op. cit., p. 70.

<sup>279</sup> RICHARDS, op. cit., p. 229.

<sup>280</sup> VON ALLMEN, 2005, p. 192. Grifo nosso.

<sup>281</sup> Ibid., p. 192-193.

<sup>282</sup> CFW, XXI.III. In: ASSEMBLEIA DE WESTMINSTER, op. cit., p. 76.

<sup>283</sup> Ibid., XXI.V, p. 77.

que será entoado no último dia e para sempre. No encontro dos crentes Deus age; o Eterno toca o finito com graça e poder (Sl 133.1-3; Gl 3.5). Como afirma Von Allmen:

O culto é o momento do encontro entre o século vindouro e o presente, o momento situado entre as duas vindas de Cristo no qual a simultaneidade dos dois *éons* se manifesta de modo mais cristalino. [...] O culto é o momento do encontro e da unidade entre o Senhor e o seu povo, os quais, na liberdade e na alegria da comunhão, se dão e recebem mutuamente.<sup>284</sup>

Daí *edificação* de todo o corpo, indistintamente. A igreja adora em unidade, como família; a edificação exige interação entre as gerações (Êx 12.25-27; Sl 71.18). Os jovens louvam ao Senhor com hinos e os adultos, com música contemporânea. Pais e filhos adoram a Deus juntos, porque a obra do Redentor promove a conversão de uns aos outros (Mt 4.6). Por fim, se a adoração atual antecipa o culto celestial, o Apocalipse retrata um só culto no céu (Ap 19.1-8).

Ademais, em cada culto o *evangelho proclamado e comunicado* não apenas na pregação, mas também em cada detalhe do ambiente, do ato de adoração e dos adoradores (cf. seção 11.2).

Por fim e mais importante, uma adoração *centrada em Deus*. O culto é em função de Deus; o foco do verdadeiro louvor é o Senhor que dirige todas as dimensões da existência. Embora a ação de divina em favor do adorador seja evidente, a ênfase maior é a glória de Deus.

### 13.2 Possibilidades de liturgias contemporâneas

Seguem duas propostas de liturgias. Cabe ao leitor verificar a pertinência e aplicabilidade de cada uma ao seu lugar e contexto.

#### 13.2.1 Uma adaptação calvinista

Sugerimos uma liturgia inspirada no rito de Genebra.<sup>285</sup> A divisão em duas partes (liturgias da Palavra e do cenáculo) acolhe um culto com introdução, contrição, edificação, sacramentos, consagração e conclusão, emoldurados musicalmente por um prelúdio e um poslúdio (figura 14).



Figura 14. Uma estrutura de culto bíblico contemporâneo

No prelúdio é tocada uma música que propicie a leitura da Escritura, meditação e oração. Na introdução, as pessoas são cumprimentadas e convidadas a adorar a Deus. Na contrição pedimos perdão pelos pecados e invocamos a direção de Deus. Lemos a Bíblia, seguida de um cântico

<sup>284</sup> VON ALLMEN, 2005, p. 181.

<sup>285</sup> Uma adaptação. Eis o rito original: "Liturgia da Palavra: Sentença da Escritura: Salmo 124.8. Confissão de pecados: Oração pedindo perdão. Salmo metrificado. Oração pedindo iluminação. Sermão. Liturgia do Cenáculo: Coleta. Intercessões. Oração dominical, em longa paráfrase. Credo Apostólico (os elementos são preparados). Palavras de instituição. Exortação. Oração de consagração. Comunhão (canta-se um salmo ou leem-se passagens bíblicas). Oração pós-comunhão. Bênção (Aarônica)"; cf. HUSTAD, op. cit., p. 118.



O próximo passo é um pedido de perdão pessoal, encerrado pela súplica comunitária: “Senhor, tem compaixão de nós” [*Kyrie*],<sup>292</sup> acompanhada de uma palavra bíblica de consolo, assegurando a reconciliação dos arrependidos (e a igreja responde com “glória a Deus nas alturas; somente a Deus nas alturas seja a glória”).<sup>293</sup> A oração conclusiva é uma bênção do pastor: “O Senhor vos abençoe — e ao teu espírito”.

Na segunda parte, *pregação*, lê-se o texto que servirá de base para o sermão. Antes de pregar, abre-se espaço para a leitura de uma *confissão de fé*. A igreja expressa suas crenças fundamentais, diante de Deus e dos que a visitam. Douglass demonstra pouco apreço pelos credos e confissões históricos<sup>294</sup> e motiva cada igreja a escrever sua própria confissão.<sup>295</sup> Mesmo assim, ele sugere “dez variações da confissão de fé”.<sup>296</sup> Após esta declaração, temos o sermão.

Na terceira parte, *comunhão*, temos comunhão com o Senhor (no desfrute da Ceia) e, por causa desta, comunhão uns com os outros.<sup>297</sup> Liturgicamente, a Ceia se encerra após o cântico e a oração, mas a comunhão continua no *culto do dia a dia*. “No domingo nos abastecemos a agora começa o culto do dia a dia, quando nos envolvemos nos diferentes ministérios da igreja, quando vivemos, falamos e agimos como cristãos na família, no colégio, no lazer e no trabalho”.<sup>298</sup> Ainda que isso seja confirmado formalmente na quarta parte, acontece como resultado da comunhão pessoal do crente com Deus, experimentada na Ceia. O resultado imediato é o que acontece *depois do culto*.

A quarta parte, *envio*, autoexplicativa, termina com a bênção aarônica (Nm 6.24-26) e o amém tríplice.<sup>299</sup> Após a bênção e o amém é tocada uma música de encerramento. Logo após o amém, antes da música final, o dirigente convida todos a duas coisas:

Primeiro, praticar a regra dos três minutos:

Esta regra determina que nos primeiros três minutos após o culto, nenhum membro comece uma conversa com uma pessoa que já conheça e com quem tenha comunhão em outras situações. É que estes três minutos são exatamente o tempo que os visitantes que vêm pela primeira vez e os membros que estão à beira do caminho levam, em média, para ir embora, se até então ninguém falou com eles.<sup>300</sup>

O convite final é para todos desfrutarem de um chá, café e suco para as crianças em um ambiente informal e, se possível, com acesso à livraria da igreja.<sup>301</sup>

Notemos que, em ambos os modelos sugeridos, o sermão é colocado logo no início do culto, aproveitando o período de maior atenção dos presentes.

### 13.2.3 A duração do culto

A questão da duração do culto é cultural. Para nós, três horas de duração é *tempo demais*; para cristãos de Angola ou Moçambique, um culto de 180 minutos é *curto*. Além disso, entendemos que Deus pode conceder

---

<sup>292</sup> Ibid., p. 33-34.

<sup>293</sup> Ibid., p. 34.

<sup>294</sup> Ibid., p. 175-180.

<sup>295</sup> Ibid., p. 181-183. O autor destes estudos lamenta profundamente o afastamento confessional de Douglass. Os chamados credos ecumênicos (apostólico e niceno) devem ser conhecidos e lidos literalmente, pois são bíblicos, formativos e pertinentes para a igreja atual.

<sup>296</sup> DOUGLASS, op. cit., p. 184-187.

<sup>297</sup> Ibid., p. 36.

<sup>298</sup> Ibid., loc. cit.

<sup>299</sup> Ibid., p. 37.

<sup>300</sup> Ibid., p. 274.

<sup>301</sup> Ibid., p. 274-277.

uma experiência de avivamento à igreja, extrapolando qualquer planejamento. Mesmo assim, o Senhor nos convoca a sermos bons *gestores do tempo* (Sl 90.12; Ef 5.15-16).

Saibamos que “os oficiantes do culto são Deus e os fiéis, com suas diferentes atribuições litúrgicas. Mas desse encontro participam ainda outros atores: De um lado, os anjos, e, de outro, o mundo que anseia por ser reorientado em direção ao louvor e à glorificação do Senhor”<sup>302</sup> (os visitantes e frequentadores). Deus e os anjos não são guiados por um relógio e uma agenda. Mas mesmo os fiéis se cansam, quando o culto se arrasta além da medida, e os visitantes podem não retornar, se percebem que o culto é longo (e maçante) demais.

Quando há dois cultos no domingo, o ideal é que o matutino dure entre 50 e 60 minutos, e o da noite, até 90 minutos. O tempo pode ser alongado em ocasiões especiais. Mesmo assim o correto é que a possibilidade de distensão de tempo seja prevista e a liturgia passe por uma revisão prévia, evitando reuniões muito longas.

#### 13.2.4 A unidade e o fluxo do culto

A liturgia não deve ser uma *colcha de retalhos*. As partes têm de se comunicar, sem interrupções ou transições bruscas. A adoração deve fluir suavemente, de uma seção para outra.

Para que isso aconteça, são necessárias quatro coisas:

1. Tudo é providenciado com antecedência.
2. O culto possui unidade temática.
3. A transição entre as partes da liturgia é rápida e fluida.
4. Os avisos são evitados ou reduzidos.

Quanto ao item 1, o preparo prévio exige *um esforço conjunto do pastor e equipe* (cf. a pertinência da organização, na seção 13.1). De acordo com Douglass, quando as pessoas chegam para cultuar a Deus, desde o pátio até o lugar de adoração — tudo deve estar limpo, arrumado e atraente.<sup>303</sup> Para Spurgeon, o “lugar” e a “atmosfera” contribuem para a dispersão dos adoradores:

Se o lugar é como esta sala neste momento, selada contra o ar puro, com todas as janelas fechadas, eles têm bastante dificuldade para respirar, e não podem pensar em mais nada. Quando as pessoas inalam repetidamente o ar que já esteve nos pulmões dos outros, toda a maquinaria da vida se desengrena, e elas ficam mais propensas a ter dor de cabeça do que dor de coração. A segunda melhor coisa da graça de Deus para o pregador é o oxigênio. Ore para que se abram as janelas do céu, mas comece abrindo as janelas do seu salão de cultos.<sup>304</sup>

O salão deve estar suficientemente iluminado e com sonorização adequada.<sup>305</sup> Além disso, bem antes do culto começar, os agentes da adoração (diáconos, recepcionistas, dirigente da liturgia, pregador, músicos e equipe de som e multimídia) devem estar prontos e a postos.

Quanto ao pregador, o ideal é chegue cedo, mas nem sempre isso é possível. Conheço um pregador que sempre chega aos cultos com pelo menos 30 minutos de antecedência, mas não é o meu caso. Eu “luto” em meditação e oração, todas as madrugadas e tardes de domingo antes de pregar, mesmo que o sermão tenha sido finalizado na semana anterior. E há situações em que a igreja recebe um preletor convidado, que não consegue chegar a tempo.

Sendo assim, o dirigente do culto deve iniciar pontual, alegre e serenamente, mesmo sem a presença do pregador. E vice-versa (se o pregador verificar que o dirigente do culto não chegou, que

---

<sup>302</sup> VON ALLMEN, 2005, p. 183.

<sup>303</sup> DOUGLASS, op. cit., p. 240, 241.

<sup>304</sup> SPURGEON, C. H. *Lições aos Meus Alunos*. 2. ed. Reimp. 2002. São Paulo: PES — Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1990, p. 195. v. 2.

<sup>305</sup> DOUGLASS, op. cit., p. 242.

inicie na hora e transfira a liderança do culto para o dirigente depois que este chegar, sem chamar a atenção da igreja para isso).

De fato, o planejamento começa dias antes do culto. O pastor<sup>306</sup> prepara e distribui a liturgia com *antecedência*. Douglass, propõe que o texto e tema do sermão sejam divulgados pelo menos uma semana antes.<sup>307</sup> Os músicos também são beneficiados ao saber de antemão os hinos e cânticos que precisam ensaiar. O dirigente da liturgia pode repassar as partes da liturgia diante de Deus e dirimir dúvidas com o pastor, bem antes do culto.

Os músicos precisam poder tocar o prelúdio entre vinte e quinze minutos antes da saudação inicial. Isso exige que todos os ensaios sejam finalizados antes disso.

Quanto ao som e multimídia, todos os equipamentos (microfones, projetores etc.) têm de estar ligados, instalados e testados antes de tudo o mais acontecer. Os recursos de áudio e vídeo devem ser deixados prontos, no púlpito, todos os domingos, para o caso do pregador necessitar utilizá-los.

E se uma pessoa escalada tiver de faltar é importante avisar com prazo, para que se possa reorganizar e garantir uma boa execução do planejamento. Se não for possível avisar, como vimos acima, os agentes da liturgia devem ter flexibilidade, competência e disposição de servos para fazer os ajustes necessários, “sem murmurações e contendas” (Fp 2.14-15).

Quanto ao item 2, é recomendável que o culto tenha *um tema*. Como afirma Douglass:

Todo culto deveria ser uma obra de arte unificada e trabalhada em todos os seus detalhes, de modo que *todos os elementos e símbolos se complementem e se interpretem*. O salmo, a apresentação, o sermão, a bênção, o hino do coral — tudo isto deveria ter uma coerência e apontar na mesma direção. Geralmente o tema do sermão é o que define o tema do culto, mas algumas vezes as festas especiais (inauguração, [...] dias especiais do calendário eclesiástico etc.) podem determinar o tema.<sup>308</sup>

Parece que é isso que Jowett chama de “propósito do ofício”:<sup>309</sup>

Apanhemos uma caneta e, a fim de que possamos banir para mais longe ainda o perigo da vacuidade, passemos para o papel o nosso propósito e a nossa aspiração para o dia. Vamos lhe dar a objetividade de uma carta marítima; examinemos a rota e fitemos, firmes, o porto do nosso destino. Se, ao subirmos os degraus para o púlpito, algum anjo nos desafiasse a expormos a nossa missão, deveríamos ser capazes de dar uma resposta imediata [...]. Uma finalidade sublime, singela e soberana entrelaça os elementos isolados do culto, faz tudo funcionar cooperativamente e promove o relacionamento e a vitalização de todas as partes, mediante a influência penetrante do propósito que lhes é comum.<sup>310</sup>

Richards menciona cultos “coordenados para agrupar os elementos da adoração ao redor de um atributo de Deus que combina com a verdade bíblica principal que será transmitida pela pregação”.<sup>311</sup> Da verdade principal do sermão (e.g., a intenção de Deus em salvar Nínive, no livro de Jonas) se traça uma linha para um atributo de Deus (no caso, seu amor compassivo). O tema do culto seria *O Amor Compassivo de Deus* e todas as leituras, orações e músicas deveriam destacar isso.<sup>312</sup>

Pensando no item 3, é desagradável quando a transição entre as partes da liturgia é truncada. Talvez o leitor se lembre de uma ou mais ocasiões, visitando igrejas, em que o dirigente anuncia um

<sup>306</sup> Ou uma comissão, comitê ou equipe de liturgia.

<sup>307</sup> DOUGLASS, op. cit., p. 254. Este autor já fazia assim duas décadas atrás, bem antes de ler Douglass.

<sup>308</sup> Ibid., loc. cit. Grifo nosso.

<sup>309</sup> JOWETT, John Henry. *O Pregador: Sua Vida e Obra*. São Paulo: PES — Publicações Evangélicas Seleccionadas, 2015, p. 88.

<sup>310</sup> JOWETT, op. cit., p. 89.

<sup>311</sup> RICHARDS, op. cit., p. 227.

<sup>312</sup> Richards menciona o segundo passo do *Fingertip Consultant*, de David Mains; cf. *ibid.*, p. 228.

cântico, e os músicos demoram dois minutos para caminhar do fundo para a frente da igreja, e outro minuto para “testar” microfones e instrumentos. *Estes três minutos parecem intermináveis!*

É agradável quando as partes da liturgia não são anunciadas (há ocasiões em que o anúncio é necessário, mas mesmo assim, que seja rápido). Cada participante sabe o momento de contribuir. Resultado: A liturgia flui. Para isso os detalhes das participações, movimentações e posicionamento dos participantes são planejados (e.g., os músicos se sentam nos primeiros lugares). Até os momentos em pé e assentados, são pensados previamente. Isso é repassado pelas equipes antes do culto iniciar.

Quanto ao item 4, o melhor é que slides mostrem os avisos mais importantes, nos momentos de prelúdio e poslúdio.

### 13.3 A condução do culto

O que acontece no culto é dirigido pelo pastor (que pode ou não ser o pregador), pelo dirigente da liturgia e pelos músicos. Mesmo um culto bem preparado pode ser prejudicado sem boa direção. É claro que “não é a forma do culto que é de importância principal, mas a *presença do Espírito Santo na plenitude de seu poder*; isto é o que torna qualquer culto vivo”.<sup>313</sup> Sendo assim, os dirigentes (do culto, da música e o pregador) devem suplicar a Deus que os abençoe espiritualmente.

#### 13.3.1 A direção da liturgia

A quem ou a que podemos comparar um dirigente de liturgia? Em primeiro lugar é um *adorador*, ou seja, tudo o que ele pensa, diz e faz durante o culto, é na condição de crente que oferece sua vida e dons ao Senhor. Sendo assim, seu interesse maior é em glorificar a Deus.

A pessoa que dirige a liturgia — homem ou mulher de Deus — deve fazer isso consciente de *seu papel e função*. Aqui são totalmente aplicáveis as palavras de John Henry Jowett:

É nosso encargo, dado por Deus, de guiar homens e mulheres cansados ou rebeldes, exultantes ou deprimidos, ardorosos ou indiferentes, para o “abrigo do Altíssimo” (Sl 91.1). Devemos auxiliar os que estão carregados de pecados a alcançarem a fonte de purificação, os escravos a alcançarem os cânticos de libertação. Cumpre-nos ajudar o coxo e o paralítico a recuperarem a agilidade perdida. Cabe-nos socorrer as asas partidas, encaminhando-as à luz curativa das “regiões celestiais em Cristo” (Ef 1.3). Compete-nos enviar os corações sombrios ao calor da graça. Devemos auxiliar os levianos a se vestirem com o “manto de louvor” (Is 61.3). Cumpre-nos ajudar a livrar os fortes do ateísmo do orgulho, e os fracos do ateísmo do desespero. Cabe-nos auxiliar as crianças a verem a gloriosa atração de Deus, e auxiliar os idosos a perceberem o envolvente cuidado do Pai e a certeza do lar eterno. Isso é um pouco do que significa a nossa vocação, quando ocupamos o púlpito no santuário.<sup>314</sup>

Esta consciência, assim como o apreço pela glória de Deus, nos torna *transparentes*:

Se nós mesmos estivermos admirando a glória do Senhor, seremos apagados em nossa transparência. Se procurarmos a glória do Senhor, seremos cercados pela pureza, simplicidade e singeleza na devoção, que se prestarão a mostrar o Rei; e os homens não verão “mais ninguém a não ser Jesus” (Mt 17.8). Tudo no culto será significativo e nada será importuno. Tudo cairá brandamente no lugar certo e contribuirá para a armação de um cenário reverente e sóbrio em que nosso Senhor será revelado, “cheio de graça e de verdade” (Jo 1.14).<sup>315</sup>

<sup>313</sup> STILL, W. Carta Pastoral, apud WHITE, Peter. *O Pastor Mestre*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003, p. 95. Grifo nosso.

<sup>314</sup> JOWETT, op. cit., p. 87.

<sup>315</sup> Ibid, p. 90-91.

Em segundo lugar, o dirigente da liturgia é um *anfitrião*. Visto por esse ângulo, o culto é dirigido como se recebêssemos pessoas em nossa casa (de fato, somos anfitriões da Casa de Deus). O papel do dirigente é *receber bem*, sendo bem-educado, amável e acolhedor.

Em terceiro lugar, ele é o *guia* que conduz o povo na trilha litúrgica. Algumas vezes ele investirá tempo explicando determinado passo, sem nunca parar demasiadamente, para que os caminhantes não percam o pique. Outras vezes ele seguirá com objetividade e firmeza, assegurando o bom ritmo da caminhada.

Douglass adverte:

[Corremos o risco de] perder esta geração, se continuarmos oferecendo cultos tão monótonos e sem graça como temos feito até aqui. Com tantos “intervalos” que existem em nossos cultos, em casa as pessoas já teriam mudado de canal várias vezes. O nosso culto não precisa ser agitado; pode até ter momentos de silêncio [...], mas precisamos evitar os “pontos mortos”. O culto precisa de um certo ritmo para envolver as pessoas.<sup>316</sup>

Dito de outro modo, às vezes com “santos empurrões”, o dirigente do culto move os adoradores de uma parte para outra, até o amém final.

É por isso que, em quarto lugar, o dirigente da liturgia é um *motivador*. Ele ajuda as *pessoas* a entender que o que vem a seguir vale a pena. Isso exige *serenidade positiva*. Dito de outro modo, ele evita dar ênfase aos *pedregulhos do caminho*. O povo não precisa saber, por exemplo, que “estava planejado cantar o Hino 32, mas como o pianista faltou mais uma vez sem avisar, passaremos para a oração final”. Esse tipo de informação não ajuda em nada o adorador ou visitante. O melhor é dizer: “Cantemos o Hino 32 de todo o coração. Em seguida, oremos ao Senhor!”

E ele motiva com *a maneira como adora* (o povo observa isso). Sua oração deve ser bíblica, sincera e fervorosa. O dirigente tem de acompanhar as orações dos demais com atenção, dizendo améns. E deve usar a oração para falar com Deus, não para pregar.<sup>317</sup> Precisa também cantar com segurança e de todo o coração; o ideal é que ouça as canções em casa ou as repasse em seu coração, a fim de não parecer, diante da igreja, que ele não as conhece. E as Escrituras devem ser lidas com devoção.<sup>318</sup> Mesmo primando pela agilidade do culto, ele não pode proceder mecanicamente. Aplica-se aos dirigentes de liturgia as palavras de Peter White: “Tenhamos paixão!”.<sup>319</sup> Ou de Douglass: “Você não deve ser monótono!”<sup>320</sup>

Por fim, em quinto lugar, o dirigente de liturgia é um *comunicador*. Ele precisa ser visto e ouvido. Como sugere Douglass, “à credibilidade da Palavra precisa ser acrescentada a credibilidade daquele que a anuncia. Isto significa: Quero ver a sua linguagem corporal, sua mímica, seus gestos, seu sorriso e sua seriedade”.<sup>321</sup> Sendo assim, eis cinco recomendações:

1. Esteja presente.
2. Comunique com sua postura, aparência, rosto, gestos e voz.
3. Certifique-se de que todos entendam o que você diz.
4. Fale pouco e bem.
5. Não manipule.

---

<sup>316</sup> DOUGLASS, op. cit., p. 254.

<sup>317</sup> Ibid., p. 96.

<sup>318</sup> Recomendo firmemente a leitura das instruções de Jowett; *ibid.*, p. 88-103.

<sup>319</sup> WHITE, 2003, loc. cit.

<sup>320</sup> DOUGLAS, op. cit., p. 249.

<sup>321</sup> Ibid., p. 253. Cf. REYNOLDS, op. cit., p. 209: “As audiências irão entender melhor a mensagem do apresentador quando *eles puderem vê-lo e ouvi-lo*” (grifo nosso).

Quanto ao item 1, estar presente significa *ter foco; saber lidar com distrações e preocupações*. Estar mergulhado, mente e coração, no ato da condução da adoração. Reynolds nos lembra de que:

Preocupações são as piores coisas de todas porque elas sempre são sobre o passado ou sobre o futuro, duas coisas que nem sequer existem no presente. Na nossa vida diária [...], incluindo apresentar-se, nós temos de limpar nossas mentes e *estar em um lugar, bem aqui*.<sup>322</sup>

Nesse caso, aquilo se é dito sobre o artista, pode ser aplicado ao dirigente do culto: “Você tem de acreditar na sua mensagem completamente ou ninguém mais irá. Você deve acreditar na sua história e estar ‘perdido no momento’ em que envolve a audiência”.<sup>323</sup>

Quanto ao item 2, é importante colocar-se de pé, “de frente e *no centro*”.<sup>324</sup> Por esta razão, é ruim quando o púlpito é colocado no *canto*. O dirigente deve assumir esta visibilidade porque “os seres humanos são mais propensos a sugar muito mais significado das *peçoas* do que da *informação* que elas apresentam”.<sup>325</sup>

Sendo assim, a aparência do dirigente é importante. Ele deve estar limpo, bem apresentado, com um “traje adequado à [...] circunstância”.<sup>326</sup>

E ele comunica com seu rosto e gestos. Ele pode e deve cumprimentar as pessoas com um sorriso dizendo “bom dia” ou “boa noite”, ou “graça e paz do Senhor Jesus”; ou “a paz do Senhor seja com todos”. E as pessoas podem responder espontaneamente, sem afetação.<sup>327</sup> Além disso, sua expressão facial, gestos e corpo devem combinar com o momento litúrgico — é estranho quando, com a face carrancuda e os ombros caídos, o dirigente entoia: “Cantai! Exultai! O Messias chegou!”<sup>328</sup>

Quanto ao uso da voz, o dirigente deve falar de modo natural. Spurgeon menciona um “ministro mui estimado, mas que zumbia tristemente, como ‘uma humilde abelha num jarro’”.<sup>329</sup> Ele denuncia os que falam com “linguagem fictícia e artificial, e tons falsos”.<sup>330</sup> A falsidade aparece como segue:

A maioria dos nossos pregadores tem um tom de voz santo para os domingos. Eles têm uma voz para a sala de visitas e para o quarto de dormir, e outro tom completamente diverso para o púlpito [...]. No momento em que alguns homens cerram a porta do púlpito, deixam para trás a sua varonilidade pessoal [...]. Deixam de ser carne e osso, já não falam como homens, mas adotam um ganido, um roto gaguejar [...], tudo isso para impedir toda suspeita de que *não estão sendo naturais* [...]. Quando é posta a veste sacral, quantas vezes fica patente que ela é a mortalha do verdadeiro homem, e o efeminado emblema do formalismo!<sup>331</sup>

Spurgeon identifica três modos esquisitos de falar. Primeiro ele menciona “aquele estilo engrandecido, doutoral, inflado, bombástico”, ou, em outras palavras, a fala com “voz grandiosa, ondulante e empolada”.<sup>332</sup> Ele conta a história de dois homens ouvindo um pregador que, ao falar,

---

<sup>322</sup> REYNOLDS, op. cit., p. 186. Grifo nosso.

<sup>323</sup> Ibid., p. 189.

<sup>324</sup> Ibid., p. 207.

<sup>325</sup> Ibid., p. 208. Grifo nosso.

<sup>326</sup> POLITO, Reinaldo. *Superdicas Para Falar Bem em Conversas e Apresentações*. São Paulo: Saraiva, 2005, p. 63.

<sup>327</sup> Cf. DOUGLASS, op. cit. p. 250. Quem me conhece sabe que eu aprecio os cumprimentos bíblicos, mas *não os considero normativos*. Mais importante do que a formatação do cumprimento é sua sinceridade e respeito.

<sup>328</sup> Hino 54, “A Chegada do Messias”. In: MARRA, op. cit., p. 48.

<sup>329</sup> SPURGEON, op. cit., p. 167.

<sup>330</sup> Ibid., p. 168.

<sup>331</sup> Ibid., p. 169.

<sup>332</sup> Ibid., loc. cit.

parecia soprar vapor. O primeiro “disse que pensava que o pregador ‘tinha engolido um bolinho quente’, mas o outro cochichou: ‘Não Jack, não foi isso: Ele trouxe um diabinho’”.<sup>333</sup>

O segundo modo de falar é “o método de enunciação que se diz ser muito [...] elegante, adocicado, delicado [...] fútil. Opaco e enfadonho”.<sup>334</sup> Spurgeon diz que a “ordem de registro genealógico” desta oratória é o seguinte: “Soquinho, que era filho de Gaguejo, que era filho de Sorrizinho, que era filho de Dândi, que era filho de Maneirismo; ou Rebolante, que era filho de Pomposo, que era filho de Ostentação — de muitos filhos o pai era o mesmo”.<sup>335</sup> E continua:

Estou persuadido de que esses tons, semitons e “monotons” são babilônicos, e absolutamente não pertencem ao dialeto de Jerusalém, pois o dialeto de Jerusalém tem a sua característica distintiva, que é o modo de falar próprio do homem, e esse modo é o mesmo, fora do púlpito e dentro dele.<sup>336</sup>

Por fim, Spurgeon menciona as “idiossincrasias no falar, desagradáveis ao ouvido”,<sup>337</sup> e podem ser corrigidas com treino e prática (retornaremos a este assunto no item 4). Em tudo isso Spurgeon se identifica com Wesley que dizia: “Cuidado com qualquer coisa que seja grosseira ou sofisticada, na gesticulação, nas frases ou na pronúncia”.<sup>338</sup>

Resumindo, que sejamos naturais. “Boas apresentações [e direções de culto] baseiam-se em conversar, compartilhar e se conectar, num nível intelectual e emocional, de uma maneira sincera e honesta”.<sup>339</sup> Isto posto:

- Fale com voz firme, animada, pausada (calma) e sem afetação.
- Não use a voz de maneira artificial ou forçada. É esquisito quando a pessoa abandona seu falar conhecido e muda o tom, volume ou velocidade de voz (como um locutor de jogo de futebol).

Isso nos conduz ao item 3: Certificar-se de que todos entendam. Isso é conseguido (1) pelo volume correto da voz; (2) pelo modo como articulamos as palavras e frases e (3) pela repetição.

O volume deve ser suficiente para as pessoas ouçam como se você estivesse em frente de cada uma, falando agradavelmente, sem gritar.

As palavras e frases devem ser ditas com clareza, de modo que as pessoas entendam a diferença entre “aspargo” e “estrago”.

Ao indicar um hino ou passagem bíblica, ou dizer algo importante, repita o número, referência ou informação algumas vezes, para que as pessoas tenham tempo de localizar as referências ou gravar a comunicação.

E chegamos ao item 4. Falar bem não equivale a falar muito.

Primeiro quer dizer *falar com domínio mínimo do idioma*, pois erros de português causam desconforto e até distanciamento dos ouvintes.

Mas mesmo as derrapagens na língua são menos incômodas do que alguns maneirismos, tais como repetições de “né”, “ãããã” e outras. Polito diz que o “né” tem uma família grande, “que inclui

---

<sup>333</sup> Ibid., p. 169-170.

<sup>334</sup> Ibid., p. 170.

<sup>335</sup> Ibid., loc. cit. O termo “dândi” é usado para descrever uma pessoa que se veste com cuidado excessivo. Em outros tempos, o dândi era chamado também de “janota” ou “almofadinha”.

<sup>336</sup> Ibid., p. 171.

<sup>337</sup> Ibid., p. 171-173.

<sup>338</sup> A fonte não é mencionada; citado em nota de rodapé do editor em *ibid.*, p. 171.

<sup>339</sup> REYNOLDS, *op. cit.*, p. 201.

‘tá?’, ‘ok?’, ‘entende?’, ‘percebe?’, ‘tá entendendo?’ e outros agregados não menos votados, como ‘não é verdade?’, ‘fui claro?’”.<sup>340</sup> Outro vício, o “ãããã”, é às vezes acompanhado do “éééé” e “huumm”,<sup>341</sup> até na mesma sentença — “Eu sei o que quero dizer, éééé, ãããã”.<sup>342</sup> Temos de tomar consciências de tais vícios, que são identificados de duas maneiras: Quando uma pessoa conversa conosco sobre eles, ou quando nós gravamos e avaliamos o que dizemos.<sup>343</sup>

Algumas dicas de Adler para a boa interação, são também úteis para a fala do dirigente do culto: “Não divague [...]; não tagarele sem parar [...]; não diga ‘Veja’ quando, na verdade, você quer dizer ‘Por favor, escute’”.<sup>344</sup> E Reynolds complementa: A boa fala exige saber “quando parar”.<sup>345</sup> O dirigente litúrgico deve dizer o essencial, conduzir o povo rapidamente pela liturgia, não investindo tempo excessivo em determinada parte ou transições.

Quanto ao item 5, ele não deve forçar as pessoas a levantar as mãos, ou bater palmas, ou dizer aleluias ou améns, ou a cumprimentar quem está ao lado etc. Douglass acerta quando sugere que os participantes “devem sentir que *não serão colocados sob pressão*, mas serão aceitos e edificados”.<sup>346</sup> Temos de evitar toda manipulação.

Por fim, é importante saber *o que o dirigente de liturgia não é* (e isso se aplica aos músicos):

- O dirigente de liturgia *não é um profeta exortador*. Não é sua função denunciar os pecados de Israel e as falhas da igreja local. Se a liturgia equivale, guardadas as devidas proporções, a receber pessoas, um visitante não precisa saber dos problemas internos de nosso lar. O dirigente da liturgia não deve usar o púlpito para criticar, dar broncas ou publicar os defeitos da igreja.
- O dirigente de liturgia *não é o pregador*. Mesmo que a pessoa que dirige o culto seja a mesma que pregará o sermão, ele deve saber discernir “o tempo e o modo” (Ec 8.5-6), cuidando para que haja *apenas um momento de explicação e aplicação bíblica*.

Nesta seção aprendemos sobre a importância do dirigente da liturgia. Seu desempenho afeta a duração e qualidade final do culto. Pensemos agora na condução da música.

### 13.3.2 A direção da música

O cântico tem de ser *reverente mesmo quando alegre; e vivo mesmo quando solene*. Não é correto confundir alegria com falta de reverência e o mero formalismo não agrada ao Senhor.

Cantar *afeta a pessoa inteira* (mente, emoções e corpo). Levantar as mãos, se prostrar ou se colocar de pé, são respostas bíblicas do corpo a Deus (Sl 28.2; 63.4; 5.7; 95.6; Ap 7.9-12). Não há nada pecaminoso na música tocar a alma e produzir tanto regozijo quanto choro, despertamento dos sentidos e retorno do homem inteiro para o Deus vivo (Ed 3.13; Sl 9.2 — quanto às palmas e aplausos, cf. seção 12.4; quanto à dança litúrgica, cf. aulas 7-9).

Considerando o mandato cultural, um solo instrumental pode ser legítimo enquanto dedicação de um talento musical — como aspecto da criação — a Deus. Os adoradores podem considerar este ato como antecipação do reino consumado, quando todas as artes refletirão perfeitamente a glória do Criador. O crente pode ouvir uma performance musical louvando ao Senhor por conceder dons e

---

<sup>340</sup> POLITO, op. cit., p. 21.

<sup>341</sup> Ibid., p. 23.

<sup>342</sup> Ibid., loc. cit.

<sup>343</sup> Ibid., p. 22.

<sup>344</sup> ADLER, Mortimer J. *Como Falar, Como Ouvir*. 2ª impressão. São Paulo: É Realizações Editora, 2014, p. 132.

<sup>345</sup> REYNOLDS, op. cit., p. 193.

<sup>346</sup> DOUGLASS, op. cit., p. 251. Grifo nosso.

talentos a seus servos. É claro que aqueles que escolhem as músicas para a liturgia devem, com bom senso, favorecer aquelas que permitam maior participação congregacional.

Assim como o dirigente da liturgia, o músico deve ser um *adorador*, ou seja, tudo o que ele pensa, diz e faz durante o culto, é na condição de crente que oferece sua vida e dons ao Senhor. Sendo assim, seu interesse maior é em glorificar a Deus.

A pessoa que dirige a música deve fazer isso consciente da importância do louvor. O louvor nos lembra “de quem é Deus e do que ele faz”.<sup>347</sup> “O louvor purifica a pessoa que ora”, “dá alegria” e “nada mais é do que saúde interior visível e audível”.<sup>348</sup> “O louvor tem poder transformador sobre a vida” e “é a atitude principal dos habitantes do céu”.<sup>349</sup> Nesses termos, as palavras de Jowett, sobre o papel do dirigente da liturgia (no início da seção 13.3.1), são aplicáveis ao dirigente da música. E este também, guardadas as devidas proporções, é um tipo de anfitrião, guia, motivador e comunicador.

Indo na contramão da tendência dominante, entendemos que estes estudos permitem concluir que não é bíblica a ideia de um “momento de louvor” destacado do restante da liturgia. Há música tanto na liturgia da Palavra quanto na do cenáculo. Os agentes da música (regentes, corais, cantores e músicos em geral) se prontificam a cantar e tocar — hinos e cânticos contemporâneos — conforme requerido na liturgia.

Afirmamos que nem sempre as práticas antigas devem ser normativas (seção 12.3). Sendo assim, a ideia de que cânticos contemporâneos não devem ser cantados em cultos de Santa Ceia decorre de tradição, não de prescrição bíblica. Quem prepara a liturgia (o pastor ou uma comissão) dispõe de liberdade, logicamente, respeitando-se o PRC, para definir que, em um culto de Ceia, serão cantadas apenas músicas contemporâneas, ou somente músicas do Hinário, ou um pouco de ambas. Entenda-se que tanto o cântico novo quanto o do hinário (quando são atendidos os requisitos mencionados nas seções 12.1 e 12.2) são, tecnicamente, *música sacra*.

Especialmente os regentes e cantores assumem o papel de comunicadores. Nesses termos, aquilo que foi dito aos dirigentes de liturgia (itens 1 a 5 da seção 13.3.1) concerne também a eles. Ainda assim, propomos uma aplicação específica das recomendações “fale pouco e bem” e “não manipule”: Nós não concordamos com a leitura doutrinária da “adoração profética extravagante”. Trocando em miúdos, os que conduzem a música não têm a função de exortar, admoestar, pregar ou, como dizem, “ministrar”. Isso não anula os dirigentes, impedindo-os de falar. Pode ser que falar seja necessário, especialmente quando é ensinada uma música nova. No entanto, em igrejas que disponham de projetor, é possível até passar de uma música para outra utilizando “pontes instrumentais”,<sup>350</sup> sem necessidade de anunciá-las (o povo é “situado” pelos slides). Resumindo, a função do cantor é cantar; a função do músico instrumentista é tocar. Simples assim.

Quase terminando, não é necessário que toda música seja cantada de pé. A congregação pode cantar assentada, a não ser no ofertório (quando sentar atrapalha dos que precisam se levantar para entregar seu dízimo ou oferta), ou se a música exigir que o povo cante de pé (um hino que nos convoque a “marchar”, por exemplo, não pode ser cantado sentado).

Outro detalhe: As músicas não devem reproduzir, exatamente, os formatos ou arranjos originais. Longos solos instrumentais ou repetições desnecessárias devem ser eliminados. Novos arranjos devem primar pela concisão e simplicidade do canto congregacional.

---

<sup>347</sup> Ibid., p. 125.

<sup>348</sup> Ibid., p. 126, 127.

<sup>349</sup> Ibid., p. 127.

<sup>350</sup> Ibid., p. 137.

Ao ensinar um novo cântico:

- O dirigente deve cantar uma vez com a igreja assentada, e, caso seja necessário, uma segunda vez com a igreja em pé.
- Na primeira execução, enfatizar a letra e melodia (não é preciso tocar a música inteira).

Concluindo, a não ser a pedido do pastor, deve ser evitado cantar a música inteira duas vezes no mesmo culto.

### 13.3.3 Sobre os avisos

Os departamentos devem enviar seus avisos para publicação no Boletim. O departamento que quiser reforçar seu aviso nos cultos deve solicitar à equipe de multimídia que prepare uma apresentação (PowerPoint), que será projetada no início e fim do culto.

O departamento que desejar que seu aviso seja reforçado do púlpito deve solicitar ao dirigente da liturgia, que poderá deferir ou não o pedido.

### Conclusão da aula 13

É possível formular uma liturgia bíblica, fiel ao PRC, e ao mesmo tempo contemporânea.

A implementação do culto exige dedicação de inteligência (iluminada pelo Espírito Santo), tempo e energia. É importante que haja cooperação entre o pregador, os dirigentes da liturgia e da música, e a equipe de som e multimídia.

### Atividades da aula 13

1. Marque Verdadeiro ou Falso: A herança reformada abre espaço para dez enquadramentos. A adoração deve ser bíblica, confessional, simples, organizada, participativa, musical e artística, temporal e transcendente, edificante, evangelística e missionária e, por fim, teocêntrica.

\_\_\_ \*Verdadeiro.

\_\_\_ Falso.

2. Marque a única resposta correta: A primeira proposta contemporânea de liturgia, sugerida neste capítulo é inspirada...

\_\_\_ No rito Valeriano.

\_\_\_ No rito de Madagascar.

\_\_\_ \*No rito de Genebra.

3. Complete o parágrafo: A liturgia não deve ser uma colcha de \_\_\_\_\_. As partes têm de se comunicar, sem interrupções ou transições bruscas. A adoração deve fluir suavemente, de uma seção para outra.

4. Complete o parágrafo: Mesmo um culto bem preparado pode ser prejudicado sem boa direção. É claro que não é a forma do culto que é de importância principal, mas a presença do \_\_\_\_\_ na plenitude de seu poder; isto é o que torna qualquer culto vivo.

5. Complete o parágrafo: Há música tanto na liturgia da Palavra quanto na do cenáculo. Os agentes da música (regentes, corais, cantores e músicos em geral) se prontificam a cantar e tocar — hinos e cânticos contemporâneos — conforme \_\_\_\_\_ na liturgia.

## Apêndice 1: Judaísmo messiânico, adoradores extravagantes e pericorese: Como tudo isso afeta a perspectiva atual sobre a dança na igreja

Se acolho um amigo à minha mesa, peço que se assente e,  
se é coxo, não peço que comece a dançar.

*Antoine de Saint-Exupéry.*

Na aula 9 afirmamos que a abertura da igreja para a dança decorre — dentre outros fatores — das influências do movimento dos judeus messiânicos e dos ditos adoradores extravagantes. Além disso, argumentos favoráveis à dança sacra mencionam uma explicação oriental da doutrina da Trindade — a pericorese. Conheçamos melhor cada uma destas influências.

### Quem são os judeus messiânicos

O movimento dos judeus messiânicos surgiu no final da década de 60. Um de seus proponentes mais ilustres é Murray Silberling, um rabino messiânico que pastoreia a *Beth Emunah Messianic Synagogue*, em Agoura Hills, Califórnia.<sup>351</sup> Silberling afirma que a dança sacra surge na igreja em tempos de renovação de sua herança judaica. “À medida que vários grupos da igreja redescobrem suas raízes históricas e teológicas no povo judeu, a dança sacra reaparece como forma de culto religioso”.<sup>352</sup> A interrupção da dança na adoração ocorre em períodos de declínio da fé.<sup>353</sup> Por outro lado, o uso contemporâneo de dança corresponde a um avivamento: “Os avivamentos religiosos são acompanhados muitas vezes da *restauração de formas antigas de adoração*. Essas formas são modificadas para expressar a cultura e o consenso dos tempos. Existe hoje um *avivamento da dança* no movimento judeu messiânico”.<sup>354</sup>

O referido autor afirma que “em toda a história da adoração judaica até o princípio do Período Mishnaico [...], o povo de Deus o festejava por meio da dança”.<sup>355</sup> Ocorreu um declínio do uso da dança como prática religiosa “após a destruição do segundo templo e o fim da autoridade do Sinédrio no ano 70 [...]. A dança sacra, de caráter religioso, só foi retomada a partir do século 18.”<sup>356</sup> Tal retomada ocorreu com o hassidismo, um movimento de renovação fundado por *Baal Shem Tov* (Senhor do Bom Nome) entre judeus poloneses.<sup>357</sup> De acordo com Silberling:

O hassidismo reintroduziu a alegria, *simchah*, no culto religioso. Baal Shem Tov passou a utilizar outra vez a dança como experiência do relacionamento mais íntimo com Deus. Ele ensinou que a dinâmica da dança seria capaz de fazer as pessoas transbordarem de alegria no Senhor. [...] A dança é um dos pontos centrais do culto religioso dos círculos hassídicos.<sup>358</sup>

O movimento messiânico absorveu e adaptou a prática do hassidismo. Em seguida, mediou a dança para as igrejas evangélicas:

Uma das primeiras congregações a desenvolver a dança sacra foi a Beth Yeshua, na Filadélfia. A partir de Beth Yeshua, muitas outras congregações passaram a incorporar a dança israelense e messiânica

<sup>351</sup> SILBERLING, op. cit., p. 23-36. Para mais informações sobre a *Beth Emunah Messianic Synagogue*, cf. o link a seguir: (<http://www.bethemunah.org/>).

<sup>352</sup> Ibid., p. 34.

<sup>353</sup> “Em Lamentações 5.15, Jeremias afirma que um sinal da pobreza espiritual de Israel era a *cessação da dança na comunidade*” (ibid., p. 19). Tal leitura de Lamentações 5.15 é incorreta por duas razões: Primeiro, a palavra *māhōl*, traduzida como “dança” pode ser entendida como “alegria” (cf. seção 7.3). Segundo, mesmo que traduzamos o termo hebraico como “dança”, Jeremias não está se referindo à cessação da dança litúrgica e sim ao fim das celebrações da vida comunitária, em decorrência do exílio.

<sup>354</sup> Ibid., p. 13. Grifo nosso.

<sup>355</sup> Ibid., p. 23.

<sup>356</sup> Ibid., p. 24.

<sup>357</sup> Ibid., p. 24-25.

<sup>358</sup> Ibid., p. 25.

no culto comunitário. Atualmente quase todas as congregações messiânicas incluem alguma forma de dança como parte do culto. Diversas congregações messiânicas mantêm aulas de dança ou *workshops* abertos à comunidade. Nos últimos anos, cada vez mais representantes da igreja vêm às comunidades messiânicas com o objetivo de aprender e desenvolver o ministério de dança em suas igrejas.<sup>359</sup>

Falando do crescimento do movimento de judeus messiânicos, na época em que escreveu seu livro Silberling relatou a existência de “mais de 150 congregações espalhadas só nos Estados Unidos”.<sup>360</sup> Há atualmente sinagogas no Brasil nas quais práticas judaicas, tais como o uso do shofar e a celebração das festas do AT são incorporadas ao calendário litúrgico e ao culto.<sup>361</sup>

### Quem são os adoradores extravagantes

A expressão “adoração extravagante”, ao que parece, foi cunhada por Darlene Joyce Zschech, ex-líder de louvor da Hillsong Church, Austrália, cujo propósito parece ser o de vivenciar “uma adoração mais profunda dentro de uma nova declaração de fé ou uma nova bandeira para o primeiro ano do novo milênio”.<sup>362</sup> De acordo com Nelson Bomilcar:

[Darlene] afirma que ouviu o Senhor lhe dizer com brandura em momentos de busca e oração: “Filha, você ainda não é uma adoradora extravagante”. Em sua explanação, definiu extravagante como “aquele que esbanja”, que excede, que é ultrageneroso, que vai além de limites razoáveis. Em sua mente e coração, relacionou esta ideia com alguns relatos bíblicos de adoração.<sup>363</sup>

Para Ana Paula Valadão, a dança ocorre nos contextos do “ambiente profético” e da “adoração extravagante”.<sup>364</sup> Quando ao primeiro, “a verdadeira adoração traz um *ambiente profético*. Deus se move ali, revelando *seus segredos* aos seus profetas. Em meio aos verdadeiros adoradores, encontramos os profetas do Altíssimo”.<sup>365</sup> Asaph Borba entende que “Deus está restaurando a sua igreja em todas as áreas, e também na adoração. Está trazendo um mover na área profética através de uma música produzida no céu por gente que está ouvindo de Deus o que falar, o que cantar e o que fazer”.<sup>366</sup>

Mike Shea explica a adoração profética nos seguintes termos:

O profético traz à terra o que está no céu. O propósito de Deus no profético é de propor uma visão, gerar uma expectativa, e revelar o seu coração. Em (sic) falar sobre “adoração profética”, eu creio que Deus está gerando na igreja uma visão e uma expectativa de algo que ele deseja ver na terra: que a adoração da terra entre em concordância com a adoração do céu. Que adoremos a Deus na terra como ele é adorado no céu. Que sejamos arrebatados pelo seu amor, sua santidade, sua bondade como os quatro seres viventes, os vinte e quatro anciãos e todos os adoradores celestiais. Que sejamos apaixonados como uma noiva que anseia o dia do seu casamento com seu Noivo. Que os

---

<sup>359</sup> Ibid., p. 36. E ainda: “O movimento messiânico é a vanguarda da restauração da dança, mas ela não objetiva apenas os crentes messiânicos. Várias congregações cristãs usam o conhecimento, as experiências e os recursos das congregações messiânicas para desenvolver a dança” (ibid., p. 22).

<sup>360</sup> Ibid., p. 35.

<sup>361</sup> Dentre as diversas congregações, pode ser citada a Sinagoga Messiânica Beit Mashiach, filiada à União das Congregações Judaicas Messiânicas (UMJC) e situada em São Paulo. Cf. SINAGOGA MESSIÂNICA BEIT MASHIACH. São Paulo: SMBM, 2011. Disponível em: <<http://www.beitmashiach.org.br/index.html>>. Acesso em: 31 mai. 2011.

<sup>362</sup> BOMILCAR, Nelson. Adoração Extravagante, Segundo Darlene Zschech. In: *Caminhos do Coração*. Blog do autor. Disponível em: <<http://www.nelsonbomilcar.com.br/artigos/adoracao-extravagante-segundo-darlene-zschech/>>. Acesso em: 05 Jul 2011. Cf. ZSCHECH, op. cit., passim.

<sup>363</sup> BOMILCAR, op. cit., loc. cit.

<sup>364</sup> BESSA, op. cit., p. 255-317.

<sup>365</sup> Ibid., p. 255. Grifos nossos. Outros defensores da dança litúrgica compreendem que está ocorrendo, no âmbito da adoração, o estabelecimento do “tabernáculo caído de Davi” (At 15.16-18). Cf. CURRY, Karen M. *Dancing In the Spirit: A Scriptural Study of Liturgical Dance*. Bloomington, Indiana: First Published by AuthorHouse, 2004, p. 3-10.

<sup>366</sup> BORBA, Asaph. *Adoração Profética*. Vivos! O Site da Fé Cristã. Disponível em: <<http://www.vivos.com.br/229.htm>>. Acesso em: 31 mai 2011.

nossos “cultos” se tornem em momentos de encontro íntimo entre o Pai e seus filhos, entre o Noivo e a sua noiva.<sup>367</sup>

Trata-se, dizem, de uma atualização do ministério profético dos tempos de Samuel e Saul:

Os profetas usam a dança para se tornarem vasos da Palavra do Senhor, deixando-se dominar pelo Espírito de Deus de tal modo que o Senhor pudesse falar por meio deles. A dança era um meio de os profetas se prepararem para o recebimento do Espírito do Senhor, concentrando todo o corpo, a mente e o espírito na Palavra de Deus. Como aconteceu com Saul, uma transformação dinâmica ocorreu quando esses homens dançaram perante o Senhor.<sup>368</sup>

Em tal ambiente ocorrem os “atos proféticos” que são “símbolos, sinais, mímicas [...] desenhos e demonstrações por meio de gestos, de objetos e de atos que traduzem a mensagem do Senhor”.<sup>369</sup> Discorrendo sobre uma de suas experiências em uma cidade do interior do Brasil, Bessa relata o seguinte:

Tive a impressão de que deveríamos celebrar a Deus pulando, correndo e gritando, sobre os nossos inimigos. Algumas pessoas não entendiam aquilo e até levantavam os pés, mas sem intensidade. Foi quando, então, Deus me trouxe a direção de fazer aquelas coisas *profeticamente* por eles. Eu disse: “Se você não dança, eu danço por você!” — e comecei a agir profeticamente no palco.<sup>370</sup>

A “extravagância” da adoração consiste exatamente nisso. Adoradores extravagantes profetizam e adoram obedecendo aos impulsos do Espírito, sem preocupar-se com o que os outros pensam, oferecem-se a Deus sem limites e inteiramente, de um modo que “os *caruais* não podem entender”.<sup>371</sup>

Em decorrência do conceito de adoração profética, o ato de cantar nos cultos se torna “profetizar” ou “ministrar”. O louvor deixa de ser oração, testemunho e tributo de gratidão oferecido a Deus e obtém status de novo *meio de graça*.<sup>372</sup> Os que “ministram” são *levitas*, servos-profetas de Deus.<sup>373</sup>

## O que é pericorese

Alguns afirmam ainda que a base para dança na igreja é encontrada no próprio ser de Deus. De acordo com Silberling, o vocábulo hebraico traduzido como “regozijar-se-á”, em Sofonias 3.17, pode ser entendido como “dançará”.

A tradução literal seria então que Deus dançará de alegria por nossa causa! Você consegue imaginar Deus dançando por causa de seu povo? Se Deus pode dançar de alegria, quanto mais devemos nós dançar de alegria por ele estar em nosso meio?<sup>374</sup>

<sup>367</sup> SHEA, Mike. *Adoração Profética! O Que é Isso?* Blog Kol Shofar: Clamando Pelo Reino. Disponível em: <<http://kolshofar.wordpress.com/2008/04/05/adoracao-profetica-o-que-e-isso/>>. Acesso em: 31 mai. 2011.

<sup>368</sup> SILBERLING, op. cit., p. 18, comentando 1Samuel 10.6. O referido autor crê na dança como meio de *transformação espiritual*.

<sup>369</sup> BESSA, op. cit., p. 258.

<sup>370</sup> Ibid., p. 263-264. Grifos nossos.

<sup>371</sup> Ibid., p. 302-307. Grifo nosso.

<sup>372</sup> “A profecia na Igreja deve sempre promover a glória de Deus edificando, exortando e consolando (1Co 14.3). De modo que a visão profética, a adoração profética e o ministério profético *têm que promover essas ênfases* para estar de acordo com a Palavra” (BORBA, op. cit., loc. cit.). Grifo nosso.

<sup>373</sup> A nomenclatura das funções ligadas à adoração — levita etc. — evoca a terminologia do culto no AT, talvez mais uma evidência da influência do judaísmo messiânico. A ênfase às ministrações — palavras com vistas à edificação da igreja —, nos momentos de cânticos, em detrimento da Palavra pregada, não decorre de mero modismo. Também não se trata apenas do uso da música como *impressão* em lugar da música como *expressão*, como argumenta MÓDOLO, op. cit., p. 109-128. O que ocorre é a aplicação do *corpus* doutrinário — ainda que não conscientemente articulado — da adoração profética.

<sup>374</sup> Op. cit., p. 15. Grifos nossos. O mesmo autor menciona um texto apócrifo do século II, no qual o Senhor Jesus (Yeshua) é descrito como “o líder da dança” (ibid., p. 29). Algo semelhante é concluído a partir de Lucas 15.10: “Eu vos afirmo que, de igual modo, há júbilo diante dos anjos de Deus por um pecador que se arrepende”. Já ouvimos a argumentação de que a

Indo mais longe, argumenta-se que a dança está presente na íntima relação entre Deus Pai, Filho e Espírito Santo. Para isso evoca-se a *pericorese*, um detalhamento da doutrina da Trindade elaborado por alguns teólogos gregos.<sup>375</sup> Afirmou-se — bíblica e, portanto, acertadamente — que a Trindade pode ser compreendida como “uma comunidade do ser”, na qual cada pessoa, apesar de manter sua identidade distinta, abrange as outras, assim como é por elas abrangida”.<sup>376</sup> O teólogo João Damasceno (c. 675—c. 749) *ilustrou* esta mútua relação entre as pessoas da Trindade por meio de uma analogia. Para isso ele utilizou o termo *pericorese* (*perichoresis* em grego; *circumincessio* em latim).

A palavra grega se compõe de três radicais: *Peri* quer dizer “ao redor”, como periferia ou perímetro. A palavra *coram* [...] significa “estar de frente” ou “em face de”, como o coro de cantores que fica de frente para a plateia. E, finalmente, a última parte — *esis* — significa “decorrência”, algo que jorra de uma fonte.<sup>377</sup>

Damasceno explicou a relação trinitária utilizando a figura de uma *dança infantil*.

A ideia de *pericorese* [...] vem de uma brincadeira de roda, e nesta brincadeira, uma criança ficava no meio e as outras dançavam ao seu redor, só que aquela que estava no meio não estava excluída da brincadeira, ela fazia parte dela; então por escolha ou verso recitado, a que estava no centro saía, e outra que estava na roda em redor dela ia para seu lugar e aquela que estava no centro ia para a roda.<sup>378</sup>

O que aqueles teólogos gregos queriam dizer? Na divindade “tudo é compartilhado e mutuamente trocado. Pai, Filho e Espírito não representam três compartimentos isolados e divergentes”.<sup>379</sup> *Todas* as pessoas da Trindade compartilham da essência da divindade e envolvem-se com a criação. Isso é *pericorese*.

Como os reformadores entenderam a Trindade? Lutero evitou qualquer cogitação que fosse além do que é afirmado pelas Escrituras: “Devemos, como fazem as criancinhas, *gaguejar o que as Escrituras ensinam*: que Cristo é verdadeiramente Deus; que o Espírito Santo é verdadeiramente Deus; e todavia, não há três Deuses”.<sup>380</sup> *Calvino não utilizou a pericorese para ensinar a doutrina da Trindade*. Ele preferiu a ideia de *apropriação* sugerida por Agostinho.<sup>381</sup> Os teólogos da Reforma Protestante do século 16 explicaram a Trindade sem usar analogias. Precisa ser verificado se qualquer deles assumiu a *pericorese* como argumento pertinente para a relação trinitária.<sup>382</sup>

Dito de outro modo, os reformadores aceitaram as afirmações trinitárias do *Credo Apostólico*, do *Credo Niceno* e do *Credo Atanasiano*. Para eles tais documentos ajudavam os cristãos na interpretação das verdades bíblicas e possuíam uma autoridade “como a luz da lua comparada à do sol — glória refletida”.<sup>383</sup> A dificuldade surge quando a analogia sugerida por Damasceno é extrapolada:

---

ideia bíblica de “júbilo” exige a dança, permitindo afirmar-se que Deus dança diante dos anjos. Silberling (ibid., p. 16) parece concordar que, pelo menos no AT, os textos que mencionam regozijo no culto *implicam* no uso da dança.

<sup>375</sup> As ideias que levaram à organização desta doutrina são encontradas nos escritos de Tertuliano (c. 160—c. 225) e Gregório de Nissa (c. 330—c. 395). Cf. MCGRATH, Alister E. *Uma Introdução à Espiritualidade Cristã*. São Paulo: Vida, 2008, p. 97.

<sup>376</sup> MCGRATH, op. cit., p. 98.

<sup>377</sup> IPCBPAULISTA. *A Comunhão Trinitária e Seu Relacionamento Com a Igreja e as Demais Criaturas*. Disponível em: <<http://ipcbpaulista.blogspot.com/2010/05/comunhao-trinitaria-e-seu.html>>. Acesso em: 31 mai. 2011. McGrath (op. cit., p. 97) sugere, para *pericorese*, o sentido de *coinerência*.

<sup>378</sup> IPCBPAULISTA, op. cit., loc. cit.

<sup>379</sup> MCGRATH, op. cit., loc. cit.

<sup>380</sup> LUTERO, Martinho. *Walch*, 13, p. 1510. Die Dritte Predigt a. Tage d. heil. Dreifaltig. 5, apud HODGE, Charles. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Hagnos, 2001, p. 350.

<sup>381</sup> Cf. CALVINO, João. *As Institutas*, I.XIII.19; MCGRATH, op. cit., loc. cit.

<sup>382</sup> De modo geral os teólogos calvinistas não costumam assumir a *pericorese* como argumento trinitário, pelo menos não como argumento *central* ou *único*.

<sup>383</sup> OLSON, Roger. *História das Controvérsias na Teologia Cristã: 2000 Anos de Unidade e Diversidade*. São Paulo: Vida, 2004, p. 77.

Aprendi que os líderes eclesiais primitivos descreviam a Trindade usando o termo *perichorese* (*peri* — círculo, *chorese* — dança): a Trindade era uma dança eterna do Pai, do Filho e do Espírito compartilhando amor, honra, felicidade, alegria e respeito mútuos. Contra esse pano de fundo, o ato de criação divino significa que ele está convidando mais e mais seres para a eterna dança da alegria. Pecado significa que as pessoas estão deixando a dança, corrompendo sua beleza e ritmo, esmagando, chutando e pisoteando em vez de se moverem com graça, ritmo e reverência. Em Jesus, então, Deus entra na criação para restaurar novamente o ritmo e a beleza.<sup>384</sup>

Sugere-se que a igreja deve abrir-se para o uso da dança litúrgica porque, nos termos da doutrina trinitária oriental, *Deus dança*. Observe-se, no entanto, que *em nenhum lugar João Damasceno afirmou que Deus dança* e sim que a relação entre as pessoas da Trindade podia ser compreendida a partir de uma analogia. De fato, *a Bíblia não fala sobre uma Trindade dançante*.<sup>385</sup>

---

<sup>384</sup> MCLAREN, Brian. *Uma Ortodoxia Generosa: A Igreja em Tempos de Pós-Modernidade*. Brasília: Palavra, 2007, p. 65-66. Isso soa poético, criativo e interessante; o problema é que nada disso consta na Bíblia. A dança de roda infantil deixa de ser a tentativa de ilustração de uma doutrina e passa a ser considerada ato divino e paradigma para a igreja.

<sup>385</sup> Se, para um calvinista, é temerário assumir a perichorese como argumento trinitário único, a situação fica pior quando isso é feito em favor da dança litúrgica. Nenhum dos pais reformadores utilizou a perichorese como base para a Teologia do Culto.

## Apêndice 2: Breve glossário e exemplos de elementos litúrgicos

### A2.1 Breve glossário

**Agnus Dei** — Louvor introduzido no século 7

“como canto da fração” (JUNGMANN, Josef Andreas. *Missarum Sollemnia: Origens, Liturgia, História e Teologia da Missa Romana*. 5. ed. corr. São Paulo: Paulus, 2008, p. 101). Cf. o significado de fração a seguir.

**Alleluia** — Uma antífona de exaltação; a exclamação *alleluia* (Latim) ou aleluia (Português) vem do hebraico הַלְלוּ־יְהוָה, *hāl-lû-yāh*, que junta o verbo לָלַל, *hā-lāl*, “louvai”, a *yāh*, YHWH ou o SENHOR. O *alleluia* era a resposta da comunidade à leitura bíblica (KIRST, op. cit., p. 30). Cf. o significado de antífona a seguir.

**Amen; amém** — Expressão de concordância do povo à epiclese (JUNGMANN, op. cit., p. 49). Cf. o significado de epiclese a seguir.

**Anamnese; anamnesis** — A recordação da instituição da Ceia e de seu significado redentivo (JUNGMANN, op. cit., p. 33-34).

**Antífona** — O estribilho de um salmo; a parte cantada pela igreja, em resposta a uma estrofe entoada pelo líder do canto ou coro de sacerdotes, a *schola cantorum* (KIRST, op. cit., p. 30; HUSTAD, op. cit., p. 109).

**Beijo da Paz** — Também chamado *Pax Domini*, “Paz do Senhor”. Prática inspirada nas instruções apostólicas (2Co 13.12; 1Pe 5.14). No momento da Ceia os líderes saudavam-se com o “ósculo santo”; em seguida, isso era feito pelos membros da comunidade (JUNGMANN, op. cit., p. 89; HURTADO, op. cit., p. 59-60).

**Benedictus** — Bênção da mesa, pronunciada pelo sacerdote romano, iniciada por *Benedictus Deus in donis suis*, “Bendito seja Deus por seus dons” (JUNGMANN, op. cit., p. 36).

**Coleta; coleta das almas** — Não tem qualquer relação com o ofertório contemporâneo (entrega de dízimos e ofertas). Trata-se de “uma ou mais orações breves [...] expressando, geralmente, a ênfase daquele dia no calendário litúrgico. Diz-se que a mesma reúne (ou ‘coleta’) as orações da congregação para serem expressas pelo dirigente da adoração” (HUSTAD, op. cit., p.

296). KIRST (op. cit., p. 31) nos informa que tal vocábulo foi utilizado porque a referida oração “era proferida sobre a comunidade reunida, ‘coletada’, ou porque se imaginava que ela reunia, encerrava, ‘coletava’ as orações da comunidade”.

**Epiclese; epiclesis** — Oração estabelecida no século 4, decorrente da compreensão de que “a ordem da salvação operada por Cristo, [...] é continuada até seu pleno cumprimento na atuação do Espírito Santo” (JUNGMANN, op. cit., p. 49).

**Fração** — Distribuição do pão (da hóstia, no caso do catolicismo romano) aos comungantes.

**Gloria; Gloria in excelsis Deo; “glória a Deus nas alturas”** — Cântico festivo inserido na liturgia no século 5 “como parte da oração matutina” e, a partir do século seguinte, “nos cultos principais” (KIRST, op. cit., p. 34).

**Gradual** — Modo de canto no qual a parte individual era cantada pelo cantor postado em um tablado, enquanto o povo respondia com versos breves (JUNGMANN, op. cit., p. 80-81).

**Introito; introitus** — Um “salmo de entrada, cantado pelo coro, e ao qual o povo respondia com antífonas” (KIRST, op. cit., p. 35). Cf. o significado de antífona acima.

**Kyrie; Kyries** — Uma abreviação de *Kyrie eleison*, “Senhor, tem compaixão” — uma “exclamação de veneração e súplica”, cantada no Ocidente “pelo coro e comunidade. O coro cantava as súplicas e a comunidade respondia com *Kyrie eleison*” (KIRST, op. cit., p. 33). Uma versão do Kyrie foi desenvolvida e utilizado por Bucer, na igreja de Estrasburgo.

**Responsório** — Modo de interação entre o líder da música ou da cerimônia e a congregação. O condutor inicia e a comunidade responde com fala ou canto.

**Sanctus; “Santo”** — Hino cantado em cantochão gregoriano antes da Ceia, adaptado de Isaías 6.3, introduzido a partir do *Shemá* judaico (JUNGMANN, op. cit., p. 35; HUSTAD, op. cit., p. 109).

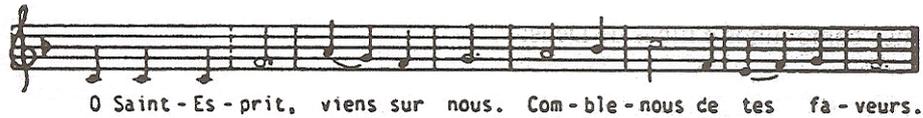
**Sursum Corda; “levantai os vossos corações”** —  
Versículo e responso entre o ministro e a  
congregação.

**Verba** — As palavras de instituição da Ceia do  
Senhor.

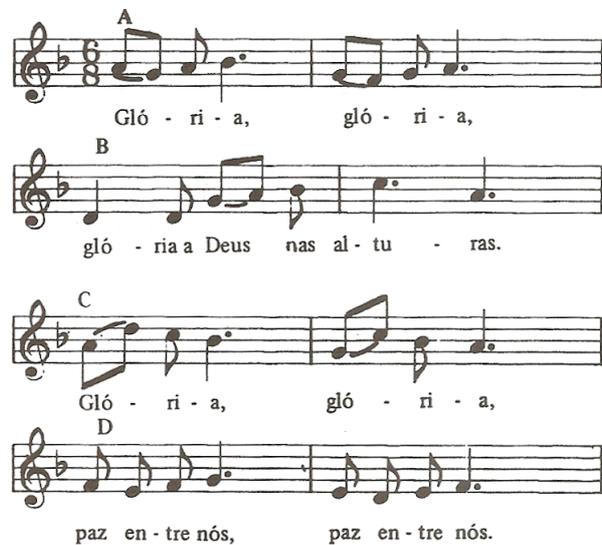
## A2.2 Exemplos de alguns elementos litúrgicos citados neste apêndice

**Epiclese** (Música de Taizé, França):<sup>386</sup>

*Ó Santo Espírito, vem sobre nós. Preenche-nos com o dom da tua graça.*



**Gloria in excelsis Deo!** (Música de Taizé, França):<sup>387</sup>



A  
Gló - ri - a, gló - ri - a,

B  
gló - ria a Deus nas al - tu - ras.

C  
Gló - ri - a, gló - ri - a,

D  
paz en - tre nós, paz en - tre nós.

**Kyrie.** (D — dirigente); (C — congregação)

D: Para que sejamos capacitados a conservar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz e a reconhecer juntos que não há mais que um corpo e um Espírito, um só Senhor, uma só fé, um só Batismo, roguemos ao Senhor.

C: Senhor, tem piedade de nós.<sup>388</sup>

**Sursum Corda.** (V — versículo); (R — responso congregacional)

V: Levantai os vossos corações (em Latim, *Sursum corda*).

R: Nós os levantamos para o Senhor.

V: Demos graças ao Senhor.

R: É adequado e apropriado fazê-lo.<sup>389</sup>

<sup>386</sup> KIRST, op. cit., p. 63.

<sup>387</sup> Ibid., p. 53.

<sup>388</sup> Ibid., p. 51-52.

<sup>389</sup> Ibid., p. 301.

## Referências bibliográficas

- A BÍBLIA TRADUÇÃO ECUMÊNICA.** São Paulo: Loyola, 1994.
- AGOSTINHO. **Confissões.** 20. ed. Reimp. 2008. São Paulo: Paulus, 1984.
- \_\_\_\_\_. **Comentário aos Salmos: Salmos 101-150.** São Paulo: Paulus, 1998. v. 3. (Série Patrística).
- ALEN, Clifton G. (Ed.). **Comentário bíblico Broadman: Antigo Testamento.** Rio de Janeiro: JUERP, 1987. v. 1.
- ALLEN, Ronald; BORROR, Gordon. **Teologia da adoração.** São Paulo: Edições Vida Nova, 2002.
- ANGLADA, Paulo. **O princípio regulador no culto.** São Paulo: PES, [199-?].
- ARCHER, Gleason. **Enciclopédia de dificuldades bíblicas.** São Paulo: Vida, 1997.
- ARQUIDIOCESE ORTODOXA GREGA DE BUENOS AIRES E AMÉRICA DO SUL. **Patrística e fontes cristãs primitivas: Tradição apostólica de Hipólito de Roma.** Buenos Aires: Ecclesia, [20--?]. Disponível em: <[http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/pais\\_da\\_igreja/tradicao\\_apostolica\\_hipolito\\_roma.html#3.5](http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/pais_da_igreja/tradicao_apostolica_hipolito_roma.html#3.5) - O Batismo>. Acesso em: 26 mai. 2011.
- ASSEMBLEIA DE WESTMINSTER. **Símbolos de fé: Contendo a confissão de fé, catecismo maior e breve.** 2. ed. Reimp. 2016. São Paulo: Cultura Cristã, 2016.
- BALDWIN, Joyce G. **1 e 2 Samuel: Introdução e comentário.** São Paulo: Vida Nova, 1997. (Série Cultura Bíblica).
- BARKER, Kenneth et al. (Orgs.). **Bíblia de estudo NVI.** São Paulo: Vida, 2003.
- BEEKE, Joel R.; FERGUSON, Sinclair B. **Harmonia das confissões de fé reformadas.** São Paulo: Cultura Cristã, 2006.
- BERKHOF, Louis. **Teologia sistemática.** 4. ed. Reimp. 2015. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.
- BESSA, Ana Paula Valadão. **Adoração diante do trono.** [Belo Horizonte]: Editora Diante do Trono, 2003.
- BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEBRA.** 1. ed. Barueri; São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil e Cultura Cristã, 1999.
- BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEBRA.** 2. ed. Revisada e Ampliada. São Paulo; Barueri: Cultura Cristã; Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.
- BÍBLIA DE ESTUDO NOVA TRADUÇÃO NA LINGUAGEM DE HOJE.** Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2005.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM: NOVA EDIÇÃO, REVISTA E AMPLIADA.** São Paulo: Paulus, 2002.
- BOMILCAR, Nelson. **Adoração extravagante, segundo Darlene Zschech.** In: Caminhos do Coração. Blog do autor. Disponível em: <<http://www.nelsonbomilcar.com.br/artigos/adoracao-extravagante-segundo-darlene-zschech/>>. Acesso em: 05 Jul 2011.
- BORBA, Asaph. **Adoração profética. Vivos! O site da fé cristã.** Disponível em: <<http://www.vivos.com.br/229.htm>>. Acesso em: 31 mai. 2011.
- BOSI, Alfredo. **Reflexões sobre a arte.** 7. ed. São Paulo; Ática, 2000. (Série Fundamentos).
- BRANICK, Vincent. **A igreja doméstica nos escritos de Paulo.** São Paulo: Paulus, 1994. (Coleção Temas Bíblicos).
- BRAY, Gerald L. (Org.). **Comentário bíblico da reforma: Gálatas e Efésios.** São Paulo: Cultura Cristã, 2013.
- BRUCE, F. F. **João: Introdução e comentário.** São Paulo: Vida Nova; Mundo Cristão, 1987. (Série Cultura Bíblica).
- CALVINO, João. **Comentário à Sagrada Escritura: Exposição de Hebreus.** São Paulo: Edições Paracletos, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Commentary on the gospel according to John.** In: The Ages Digital Library. Albany: AGES Software, 1998. (Books For The Ages).
- \_\_\_\_\_. **Comentário à Sagrada Escritura: O livro dos Salmos.** São Paulo: Paracletos, 1999. v. 2.
- \_\_\_\_\_. **As institutas: Edição clássica.** 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2006. v. 1.
- \_\_\_\_\_. **As institutas: Edição clássica.** 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2006. v. 2.
- \_\_\_\_\_. **As institutas: Edição clássica.** 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2006. v. 3.
- \_\_\_\_\_. **Salmos volume 4.** São José dos Campos: Editora Fiel, 2009. (Série Comentários Bíblicos).
- \_\_\_\_\_. **Gálatas, Efésios, Filipenses e Colossenses.** São José dos Campos: Editora Fiel, 2010. eBook Kindle 2013. (Série Comentários Bíblicos).

- CAMPOS, Heber Carlos de. **A união das naturezas do Redentor**. São Paulo: Cultura Cristã, 2004. (Coleção Fé Evangélica. A Pessoa de Cristo).
- CARSON, D. A. **A manifestação do Espírito: A contemporaneidade dos dons à luz de 1Coríntios de 12—14**. São Paulo: Vida Nova, 2013.
- CARSON, D. A. et al. (Ed.). **Comentário bíblico Vida Nova**. São Paulo: Vida Nova, 2009.
- CHAPPELL, Bryan. **Christ-centered worship: Letting the gospel shape our practice**. Grand Rapids: Baker Academic, 2009.
- COSTA, Hermisten M. O culto cristão na perspectiva de João Calvino. In: **Fides Reformata**, v. VIII, n. 2 (2003).  
 \_\_\_\_\_ . **Princípios bíblicos de adoração cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.  
 \_\_\_\_\_ . **Fundamentos da teologia reformada**. São Paulo: Mundo Cristão, [201?].
- CULLMANN, Oscar. **Cristologia do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2008.
- CURRY, Karen M. **Dancing in the Spirit: A scriptural study of liturgical dance**. Bloomington, Indiana: First Published by AuthorHouse, 2004.
- DANIEL-ROPS, Henri. **A vida diária nos tempos de Jesus**. 3. ed. rev. São Paulo: Vida Nova, 2008.
- DAVIDSON, F. (Ed.). **O novo comentário da Bíblia**. 1. ed. 1963. Reimp. 1985. São Paulo: Vida Nova, 1985. v. 1.  
 \_\_\_\_\_ . (Ed.). **O novo comentário da Bíblia**. Reimp. 1985. São Paulo: Vida Nova, 1963. v. 2.
- DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010. (Coleção Todas as Artes).
- DI SANTE, Carmine. **Liturgia judaica: Fontes, estrutura, orações e festas**. São Paulo: Paulus, 2004.
- DICKIE, Robert L. **O que a Bíblia ensina sobre adoração**. São José dos Campos: Editora Fiel, 2007.
- DOUGLAS, J. D. (Ed.). **O novo dicionário da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 1986. v. 1.  
 \_\_\_\_\_ . (Ed.). **O novo dicionário da Bíblia**. 1. ed. Reimp. 1986. São Paulo: Vida Nova, 1962. v. 2.
- DOUGLASS, Klaus. **Celebrando o amor de Deus: O despertar para um novo culto**. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2000. (Série O Desenvolvimento Natural da Igreja).
- DRISCOLL, Mark. **Confissões de um pastor da reformação: Duras lições de uma igreja emergente missional**. Niterói: Tempo de Colheita, 2009.
- DUARTE; Nancy. **Slide:ology**. São Paulo: Universo dos Livros, 2010.
- ECO, Umberto; CARRIÈRE, Jean-Claude. **Não contem com o fim do livro**. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- FERGUSON, Sinclair B. (Ed.). **Novo dicionário de teologia**. São Paulo: Hagnos, 2009.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio eletrônico 7.0**. Curitiba: Editora Positivo, 2009. CD-ROM.
- FRAME, John. **Em espírito e em verdade**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.
- GAGNE, Ronald; KANE, Thomas; VEREECKE, Robert. **Introducing dance in worship**. Revised Edition. Portland: Pastoral Press, 2000.
- GEORGE, Timothy. **Teologia dos reformadores**. São Paulo: Vida Nova, 1993.
- GONZALEZ, Justo L. **História ilustrada do Cristianismo: A era dos mártires até a era dos sonhos frustrados**. 2. ed. rev. com roteiro de leitura. São Paulo: Vida Nova, 2011. v. 1  
 \_\_\_\_\_ . **História ilustrada do Cristianismo: A era dos reformadores até a era inconclusa**. 2. ed. rev. São Paulo: Vida Nova, 2011. v. 2.
- GUALBERTO, Carolina Lage. **Dança: O que estamos dançando? Por uma nova dança na igreja**. São Paulo: Hagnos, 2007.
- GUTHRIE, Donald. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.
- HAMILTON, Victor P. **Manual do Pentateuco**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2006.
- HARMAN, Allan. **Salmos**. São Paulo: Cultura Cristã, 2011. (Comentário do Antigo Testamento).
- HARRIS, R. Laird; ARCHER JR., Gleason L.; WALTKE, Bruce K. (Org.). **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998.

- HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P.; REID, Daniel G. **Dicionário de Paulo e suas cartas**. São Paulo: Vida Nova; Paulus; Loyola, 2008.
- HENDRIKSEN, William. **Colossenses e Filemom**. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1993. (Comentário do Novo Testamento).
- \_\_\_\_\_. **João**. São Paulo: Cultura Cristã, 2004. (Comentário do Novo Testamento).
- HENRY, Matthew. **Comentário bíblico de Matthew Henry**. 2. ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Comentário bíblico: Antigo Testamento: Gênesis a Deuteronômio**. Edição Completa. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2010. v. 1.
- \_\_\_\_\_. **Comentário bíblico Antigo Testamento: Jó a Cantares de Salomão**. Edição Completa. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Comentário bíblico: Novo Testamento: Mateus a João**. Edição Completa. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2010.
- HESSELGRAVE, David J. **A comunicação transcultural do evangelho: Comunicação, estruturas sociais, mídia e motivação**. São Paulo: Vida Nova, 1996. v. 3.
- HINSON, Glenn. E.; SIEPIERSKI, Paulo. **Vozes do cristianismo primitivo**. São Paulo: Temática Publicações; Editora SEPAL, [198-?].
- HIPÓLITO DE ROMA. **Tradição apostólica de Hipólito de Roma: Liturgia e catequese em Roma no Século III**. 2. ed. Petrópolis, Editora Vozes, 1981.
- HODGE, Archibald A. **Confissão de fé comentada por A. A. Hodge**. 2. ed. São Paulo: Os Puritanos, 1999.
- HODGE, Charles. **Teologia sistemática**. São Paulo: Hagnos, 2001.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Sales. (Ed.). **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Versão 1.0. Editora Objetivo Ltda., 2009. CD-ROM.
- HOUSE, Paul R. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Editora Vida, 2005.
- HURTADO, Larry W. **As origens da adoração cristã. O caráter da adoração no ambiente da igreja primitiva**. São Paulo: Vida Nova, 2011.
- HUSTAD, Donald. **Jubilate! A música na igreja**. São Paulo: Vida Nova, 1986.
- IPCBPAULISTA. **A comunhão trinitária e seu relacionamento com a igreja e as demais criaturas**. Disponível em: <<http://ipcbpaulista.blogspot.com/2010/05/comunhao-trinitaria-e-seu.html>>. Acesso em: 31 mai. 2011.
- JAMIESON, R.; FAUSSET, A. R.; BROWN, D. **A commentary, critical and explanatory, on the Old and New Testaments**. Oak Harbor, WA: Logos Research Systems, Inc., 1997.
- JEREMIAS, J. **Jerusalém no tempo de Jesus: Pesquisas de história econômico-social do período neotestamentário**. São Paulo: Paulinas, 1983. (Nova Coleção Bíblica).
- JOHNSON, Steven. **Cultura da interface: Como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- JOWETT, John Henry. **O pregador: Sua vida e obra**. São Paulo: PES — Publicações Evangélicas Seleccionadas, 2015.
- JUNGMANN, Josef A. **Missarum sollemnia: Origens, liturgia, história e teologia a missa romana**. 5. ed. São Paulo: Paulus, 2008.
- KAISER JR., Walter C. **O plano da promessa de Deus: Teologia bíblica do Antigo e Novo Testamentos**. São Paulo: Vida Nova, 2011.
- KAUFLIN, Bob. **Curso Vida Nova de teologia básica: Louvor e adoração**. São Paulo: Vida Nova, 2011.
- KIDNER, Derek. **Gênesis: Introdução e comentário**. 1. ed. Reimp. 1991. São Paulo: Vida Nova; Mundo Cristão, 1979. (Série Cultura Bíblica).
- \_\_\_\_\_. **Salmos 73—150: Introdução e comentário**. 1. ed. Reimp. 1987. São Paulo: Vida Nova; Mundo Cristão, 1981. (Série Cultura Bíblica).
- KIRST, Nelson. **Nossa liturgia: Das origens até hoje**. 3. ed. Revista e Atualizada. São Leopoldo: Sinodal, 2003. (Série Colmeia).

- KISTEMAKER, Simon. **Hebreus**. São Paulo: Cultura Cristã, 2003. (Comentário do Novo Testamento).
- KUYPER, Abraham. **Calvinismo**. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: Um conceito antropológico**. 24. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009. eBook Kindle. (Coleção antropologia social).
- LEITE, Cláudio Antônio Cardoso; CARVALHO, Guilherme Vilela Ribeiro de; CUNHA, Maurício José Silva. **Cosmovisão cristã e transformação**. Viçosa: Editora Ultimato, 2006.
- LEVITIN, Daniel J. **A música no seu cérebro: A ciência de uma obsessão humana**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- LEWIS, C. S. **Oração: Cartas a Malcolm: Reflexões sobre o diálogo íntimo entre homem e Deus**. São Paulo: Vida, 2009.
- LIDDELL, Henry George; SCOTT, Robert. **A greek-english lexicon**. Disponível em: <<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.04.0057%3Aentry%3D%2368891&redirect=true>>. Acesso em: 16 abr. 2012.
- LONGMAN III, Tremper. **Emanuel em nosso lugar**. São Paulo: Cultura Cristã, 2016.
- LLOYD-JONES, D. Martin. **Grandes doutrinas bíblicas: Deus o Pai, Deus o Filho**. São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1997. v. 1.
- LOPES, Augustus Nicodemus. **O culto espiritual**. São Paulo: Cultura Cristã, 1999.
- \_\_\_\_\_. Salmo 150: Dançando no santuário? In: **O tempora o mores**. Disponível em: <<http://tempora-mores.blogspot.com/2009/08/salmo-150-dancando-no-santuario.html>>. Acesso em: 03 jun. 2011.
- LOUW, Johannes P.; NIDA, Eugene Albert. **Greek-english lexicon of the New Testament: Based on semantic domains**. New York: United Bible Societies, 1996.
- MACARTHUR JR. John. (Ed.). **Pense biblicamente: Recuperando a visão cristã de mundo**. São Paulo: Hagnos, 2005.
- MARIA BETHÂNIA. **Oásis de Bethânia**. Biscoito Fino, 2012. 1 CD.
- MARRA, Cláudio. (Ed.). **Novo cântico**. 16. ed. Reimp. 2015. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.
- MARTIN, Ralph. P. **Colossenses e Filemom: Introdução e comentário**. Reimp. 2011. São Paulo: Vida Nova, 1984. (Série Cultura Bíblica).
- \_\_\_\_\_. **Adoração na igreja primitiva**. 2. ed. revisada. São Paulo: Vida Nova, 2012.
- MCGRATH, Alister E. **Uma introdução à espiritualidade cristã**. São Paulo: Vida, 2008.
- MCLAREN, Brian. **Uma ortodoxia generosa: A igreja em tempos de pós-modernidade**. Brasília: Palavra, 2007.
- MÓDOLO, Parcival. "Impressão" ou "expressão": O papel da música na missa romana medieval e no culto reformado. In: **Teologia para vida**, v. I, n. 1 (jan./jun. 2005).
- MONRABAL, Maria Victoria Triviño. **Música, dança e poesia na Bíblia**. São Paulo: Paulus, 2006. (Coleção Liturgia e Música).
- NELSON, Thomas. **Manual bíblico de mapas e gráficos**. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.
- OLIVEIRA, Fabiano de Almeida. **A relevância transcendental do Deum et animam scire no pensamento de Herman Dooyeweerd**. São Paulo: Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper, 2004. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado, Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper (CPAJ).
- OLSON, Roger. **História das controvérsias na teologia cristã: 2000 anos de unidade e diversidade**. São Paulo: Vida, 2004.
- PACOMIO, Luciano; VANETTI, Pietro. (Org.). **Pequenos atlas bíblico: História, geografia, arqueologia da Bíblia**. Aparecida, SP: Editora Santuário, 1996.
- PADRES APOSTÓLICOS**. São Paulo: Paulus, 1995. (Série Patrística).
- PALAVRANTIGA. **Esperar é caminhar**. Produção independente, 2010. 1 CD.
- PFEIFFER, Charles F. **Comentário bíblico Moody: Gênesis a Malaquias**. 2. ed. São Paulo: Imprensa Batista Regular, 2010. v. 1.

- POLITO, Reinaldo. **Superdicas para falar bem em conversas e apresentações**. São Paulo: Saraiva, 2005.
- REYNOLDS, Garr. **Apresentação zen: Ideias simples de como criar e executar apresentações vencedoras**. 2. ed. Rio de Janeiro: Alta Books, 2010.
- RICHARDS, Lawrence O. **Teologia da Educação Cristã**. 3. ed. Reimp. 2008. São Paulo: Vida Nova, 1996.
- ROBERTSON, O. Palmer. **O Cristo dos pactos**. 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.
- ROBINSON, Haddon W. **Pregação bíblica: O desenvolvimento e a entrega de sermões expositivos**. 2. ed. São Paulo: Shedd Publicações, 2002.
- ROOKMAAKER, H. R. **A arte não precisa de justificativa**. Viçosa: Editora Ultimato, 2010.
- SAN ANTONIO VOCAL ARTS ENSEMBLE — SAVAЕ. **Rediscovering music & chant of middle eastern spirituality** [Redescobrimo a Música e o Canto da Espiritualidade da Idade Média]. Disponível em: <<http://www.savae.org/echoes1.html>>. Acesso em: 4 abr. 2012.
- SANTOS, Jonathan F. **O culto no Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1986.
- SAULNIER, Christiane; ROLLAND, Bernard. **A palestina no tempo de Jesus**. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 1983. (Série Cadernos Bíblicos).
- SAVAЕ. **Ancient echoes: Music from the time of Jesus and Jerusalem's second temple**. World Library Publication, 2002. 1 CD.
- SCHILLEBEECKX, Edward. **Jesus: A história de um vivente**. São Paulo: Paulus, 2008. (Coleção Teologia Sistemática).
- SCHÖKEL, Luís Alonso (Ed.). **Bíblia do peregrino**. São Paulo: Paulus, 2002.
- SCHÖKEL, Luís Alonso; CARNITI, Cecília. **Salmos II: Salmos 73-150**. São Paulo: Paulus, 1998. (Série Grande Comentário Bíblico).
- SCHWERTLEY, Brian. **The teaching of Jesus on Worship**. Disponível em: <<http://www.reformedonline.com/view/reformedonline/The%20Teaching%20of%20Jesus%20on%20Worship.htm>>. Acesso em: 10 abr. 2012.
- SHEA, Mike. **Adoração profética! O que é Isso?** Blog Kol Shofar: Clamando Pelo Reino. Disponível em: <<http://kolshofar.wordpress.com/2008/04/05/adoracao-profetica-o-que-e-isso/>>. Acesso em: 31 mai. 2011.
- SHEDD, Russel P. **Adoração bíblica**. 1. Ed. Reimp. 1991. São Paulo: Vida Nova, 1987.
- SILBERLING, Murray. **Dançar de alegria: Uma abordagem bíblica sobre o louvor e adoração**. São Paulo: Vida, 2009.
- SINAGOGA MESSIÂNICA BEIT MASHIACH. São Paulo: SMBM, 2011. Disponível em: <<http://www.beitmashiach.org.br/index.html>>. Acesso em: 31 mai. 2011.
- SOUZA FILHO, João A. de. **O livro de ouro do ministério de louvor**. Santa Bárbara d'Oeste: Z3 Editora, 2010.
- SPURGEON, C. H. **Lições aos meus alunos**. 2. ed. Reimp. 2002. São Paulo: PES — Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1990. v. 2.
- STEUERNAGEL, Valdir R. (Org.). **A missão da igreja: Uma visão panorâmica sobre os desafios e propostas de missão para a igreja na antevéspera do terceiro milênio**. Belo Horizonte: Missão Editora, 1994.
- STEVENSON, Ann. **Dance! God's holy purpose**. Shippensburg, PA: Destiny Image Publishers, Inc., 1998.
- STRAZZACAPPA, Márcia. **A educação e a fábrica de corpos: A dança da escola**. Cad. CEDES [online]. 2001, vol.21, n.53, p. 69-83. ISSN 0101-3262. doi: 10.1590/S0101-32622001000100005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-32622001000100005&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt#nt03](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622001000100005&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt#nt03)>. Acesso em: 31 mai. 2011.
- STRONG, Augustus Hopkins. **Teologia sistemática**. São Paulo: Hagnos, 2003. v. 1.
- SUPREMO CONCÍLIO DA IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL. **Carta pastoral e teológica sobre liturgia na IPB**. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Manual presbiteriano da Igreja Presbiteriana do Brasil**. 3ª Reimp. 2015. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.
- SWEET, Leonard. **Peregrinos do novo século: A paixão do primeiro século para o mundo contemporâneo**. São Paulo: Garimpo Editorial, 2010.

- TASSIN, Claude. **O judaísmo do exílio ao tempo de Jesus**. São Paulo: Paulinas, 1988. (Série Cadernos Bíblicos — 46).
- TENNEY, Merrill C. (Org.). **Enciclopédia da Bíblia Cultura Cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2008. v. 2.
- \_\_\_\_\_. (Org.). **Enciclopédia da Bíblia Cultura Cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2008. v. 4.
- \_\_\_\_\_. (Org.). **Enciclopédia da Bíblia Cultura Cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2008. v. 5.
- THIEDE, Carsten Peter; DANCONA, Matthew. **Testemunha ocular de Jesus: Novas provas em manuscrito sobre a origem dos evangelhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: Uma teoria social da mídia**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- TOMLIN, Graham. (Org.). **Comentário bíblico da reforma: Filipenses e Colossenses**. São Paulo: Cultura Cristã, 2015.
- TURNBULL, M. Ryerson. **Estudando o livro de Levítico e a epístola aos Hebreus**. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1981.
- TURRETINI, François. **Compêndio de teologia apologética**. São Paulo: Cultura Cristã, 2011. v. 1.
- VAN GRONINGEN, Gerard. **Criação e consumação**. São Paulo: Cultura Cristã, 2002. v. 1.
- VAN HALSEMA, Thea B. **João Calvino era assim**. São Paulo: Os Puritanos, 2009.
- VAN TIL, Henry R. **O conceito calvinista de cultura**. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.
- VANGEMEREN, Willem A. (Org.). **Novo dicionário internacional de teologia e exegese do Antigo Testamento**. São Paulo: Cultura Cristã, 2011. v. 2.
- VEEN, Wim; VRAKING, Ben. **Homo zappiens: Educando na era digital**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- VON ALLMEN, J. J. (Org.). **Vocabulário bíblico**. 2. ed. São Paulo: ASTE, 1972.
- \_\_\_\_\_. **O culto cristão: Teologia e prática**. 2. ed. Reimp. 2006. São Paulo: ASTE, 2005.
- VOS, Geerhardus. **Teologia bíblica: Antigo e Novo Testamentos**. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.
- WAGNER, Ann. **Adversaries of dance: From the puritans to the present**. Baltimore: University of Illinois Press, 1997.
- WALTKE, Bruce K. **Gênesis**. São Paulo: Cultura Cristã, 2010. (Comentário do Antigo Testamento).
- \_\_\_\_\_. **Teologia do Antigo Testamento: Uma abordagem exegetica, canônica e temática**. São Paulo: Vida Nova, 2015.
- WEISER, Artur. **Os Salmos**. São Paulo: Paulus, 1994. (Coleção Grande Comentário Bíblico).
- WHITE, James F. **A brief history of christian worship**. Nashville: Abingdon Press, 1993.
- WHITE, Peter. **O pastor mestre**. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.
- WIKIPÉDIA. **Templo de Jerusalém**. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Templo\\_de\\_Jerusalém](https://pt.wikipedia.org/wiki/Templo_de_Jerusalém)>. Acesso em: 31 jan. 2017.
- WILDE, Oscar. **O retrato de Dorian Gray**. São Paulo: Abril, 2010. (Clássicos Abril Coleções, v. 4).
- WINTER, Ralph D.; HAWTHORNE, Steven C.; BRADFORD, Kevin D. (Ed.). **Perspectivas no movimento cristão mundial**. São Paulo: Vida Nova, 2009.
- YOUNGBLOOD, Ronald F. (Ed.). **Dicionário ilustrado da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 2004.
- ZSCHECH, Darlene. **Adoração extravagante**. São Paulo: Editora Atos, 2003.